



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIAS APLICADAS A ENSINO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO
EM METODOLOGIAS DE ENSINO SUPERIOR
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO

Aldenora Pena da Silva

Cartas para AMAZÔNIA

CONVERGÊNCIA ENTRE SABERES LOCAIS E ENSINO SUPERIOR



BELÉM- PARÁ
2023

Aldenora Pena da Silva

**CARTAS PARA AMAZÔNIA:
CONVERGÊNCIA ENTRE SABERES LOCAIS E ENSINO
SUPERIOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino. Área de Concentração: Metodologias de Ensino-Aprendizagem. Linha de Pesquisa: Criatividade e Inovação em Processos e Produtos Educacionais (CIPPE).

Orientador: Prof. Dr. Sandro Adalberto Colferai

BELÉM-PARÁ
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

S586c Silva, Aldenora Pena da.

Cartas para Amazônia: Convergências entre saberes locais e Ensino Superior + Produto Educacional "Cartas para Amazônia" (Caixa diversos color) / Aldenora Pena da Silva. — 2023.

172 f. : il. color.

Acompanhado de: Produto Educacional "Cartas para Amazônia".

Orientador(a): Prof. Dr. Sandro Adalberto Colferai
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e
Extensão, Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação
em Metodologias de Ensino Superior, Belém,
2023.

1. Amazônia. 2. Identidade. 3. Saberes locais.

4. Ensino Superior. 5. Cartas Pedagógicas. I. Título.

II. Título: Produto Educacional "Cartas para Amazônia"

CARTAS PARA AMAZÔNIA

CONVERGÊNCIA ENTRE SABERES LOCAIS E ENSINO SUPERIOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino. Área de Concentração: Metodologias de Ensino-Aprendizagem.

Linha de Pesquisa: Criatividade e Inovação em Processos e Produtos Educacionais (CIPPE).

Orientador: Prof. Dr. Sandro Adalberto Colferai

RESULTADO: (X) Aprovado () Reprovado

DATA: 31/07/2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **SANDRO ADALBERTO COLFERAI**
Data: 29/09/2023 12:16:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Sandro Adalberto Colferai - Orientador – UNIR - PPGCIMES/UFPA

Documento assinado digitalmente
 **FERNANDA DOS SANTOS PAULO**
Data: 26/09/2023 09:18:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Fernanda dos Santos Paulo – Examinador(a) externo(a) – Censupeg

Documento assinado digitalmente
 **FERNANDA CHOCRON MIRANDA**
Data: 25/09/2023 18:00:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Fernanda Chocron Miranda – Examinador(a) interno(a) –
PPGCIMES/UFPA

BELÉM-PARÁ
2023

À minha família, meu porto seguro, não há caminho sem vocês.
Aos amigos, a família que escolhi.
À Educação Pública, sigo acreditando.



CARTA DE AGRADECIMENTOS

Meus caros,

Uma viagem, curta ou longa, não se faz sozinha. Precisa de muitas mãos, mentes e corações para deixar de ser semente, se fortalecer e crescer, grandiosa. Precisa que haja alguém(s), com muitos plurais, que acredite e contribua para quebrar a dormência da semente. O meu despertar, crescimento e amadurecimento nessa jornada não foi diferente. Por isso, preciso aqui deixar meu profundo agradecimento aos que estiveram junto comigo, acreditaram em mim e não soltaram minha mão. Sem os quais, esse momento não existiria.

À Universidade Federal do Pará (UFPA), por me receber e contribuir com a realização de um sonho.

Ao PPGCIMES pela oportunidade e pelo imenso aprendizado, pessoal, política e academicamente, e por acreditar em mim.

Ao professor orientador Sandro Adalberto Colferai com suas orientações, críticas e sugestões, deixando-me livre para caminhar, mas disposto a me acompanhar quando os caminhos pela imensidão amazônica se tornavam tortuosos demais.

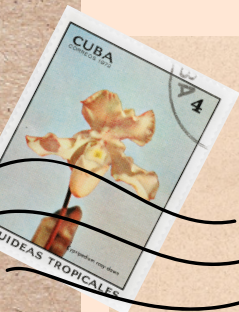
Aos docentes do Programa de Mestrado em Criatividade e Inovação em Metodologias do Ensino Superior da UFPA, pelos conhecimentos que me abriram os olhos para novas metodologias de aprendizagem e me levaram a ter uma nova compreensão das realidades amazônicas.

Em especial, à Professora Fernanda Chocron Miranda que me acolheu nos momentos de incerteza, sempre, à disposição em atender-me, pelo empréstimo dos livros, pelos conselhos e debates sobre o caminho a percorrer. És inspiração.

Aos Mestres Paulo Freire, Jesús Martín-Barbero e Ailton Krenak que não me deixarão sair dessa jornada do mesmo modo que entrei.

À turma 2021, pela força, aprendizado e pela troca de experiências que, nesses dois anos, foram fundamentais para os momentos de dificuldades, dúvidas, mas também, diversão. E enfim, estamos saindo da Caverna (do Dragão).





Aos queridos discentes-correspondentes Gabriela e Márcio, foram imprescindíveis para esse estudo e sem vocês não conseguiria, que estiveram comigo nessa jornada, compartilhando suas vidas, seus sonhos e aprendendo juntos.

Ao Instituto Viver, Prof. Rudimar e aos colegas do Curso de Cartas Pedagógicas, amigos que ganhei nessa caminhada, com quem aprendi a traçar cartas permeadas de afeto, mas nunca sem intencionalidade e engajamento social.

À Professora Fernanda Paulo, que conheci durante o curso de Cartas Pedagógicas e aos ensinamentos levados à banca de qualificação e para a vida.

À Professora Isabela Camini por me ensinar a ver a beleza das Cartas Pedagógicas.

Aos amigos e colegas das Escolas Maria do Carmo Barbosa Monteiro e Teodora Bentes que nesses dois anos tiveram paciência com minhas falas empolgadas sobre as aprendizagens no Mestrado e, em outros momentos, pelas ausências. Em especial às professoras Kátia Nabor, Karina e Jaqueline Figueiredo pela importante contribuição e apoio.

Aos amigos dezembristas de longa data que ajudaram a moldar a pessoa que sou com carinho, empatia, muitas risadas e resistência nos anos sombrios de governo facista e durante o difícil período de pandemia.

Ao cunhado e amigo, Prof. Sebastião Rodrigues, que me acompanhou, incentivou e acreditou em mim, mais do que eu mesma.

À minha família que em tudo me apoiou.

Às minhas irmãs Lena e Edileusa, amigas, confidentes, imprescindíveis.

A minha mãe, sempre presente, por ser minha amada mãe, fazendo até o que não podia para tornar a jornada mais amena.

Ao meu filho Arthur, pela inquietação, pelas longas conversas e novos olhares, eu aprendo muito contigo.

Ao meu amor, companheiro de vida e sonhos, Alickson, pelo incentivo, paciência e todo carinho dedicado.

Aos deuses, encantados, anjos, orixás e à todas as forças da natureza pela proteção e pela oportunidade de viver essa maravilhosa aventura chamada vida.

Toda gratidão!





Os Estatutos do Homem
(Ato Institucional Permanente)

Artigo III

Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.

Thiago de Mello

RESUMO

Viajar pelas várias faces da região amazônica é convite do presente trabalho e tem por objetivo contribuir para a promoção e valorização das identidades amazônidas nos processos de ensino e aprendizagem entre discentes do Ensino Superior da Região Norte, buscando traçar a convergência entre saberes locais e Ensino Superior, tendo as Cartas Pedagógicas como suporte metodológico, fazendo com que discentes de lugares e realidades diversas da Amazônia se conectem, reconfigurando seu olhar sobre o seu entorno, compartilhando impressões, identificando-se no olhar do outro a partir das diferenças, mas também das semelhanças. Para tal, partimos em uma jornada, guiados por diferentes teóricos que subsidiaram essa pesquisa. A jornada começa com a proposta teórico-metodológica de Jesús Martín-Barbero (2004), apoiado por Deleuze e Guattari (2000) e Passos, Kastrup e Escóssia (2015), que identificam na Cartografia uma perspectiva de estudo aberta a diversos olhares e que possibilita à pesquisadora ser parte integrante, afetando e sendo afetada pela experiência vivenciada. O pensamento de Freire (1978, 1985, 1994, 2004, 2015a, 2015b) está presente tanto como instrumento metodológico, através das Cartas Pedagógicas, como pelas teorias defendidas em prol de uma educação transformadora, crítica e libertadora. Para fundamentar a discussão sobre Identidade me apoio nas teorias de Stuart Hall (2005), Néstor Canclini (2008) e Rogério Haesbaert (2010). Silva (2012) e Oliveira (2019) contribuíram para o entendimento dos sinuosos caminhos da formação da Região Amazônica, assim como a discussão sobre as Instituições de Ensino Superior de Mello (2007) e Mello, Almeida Filho e Ribeiro (2008). Não há como desenvolver pesquisas baseadas em cartas (pedagógicas), sem falar de Wolton (2006), Freire (1985), Amabile (2012) e Paulo e Dickmann (2020) e os conceitos que permeiam os caminhos da comunicação, da criatividade e da intencionalidade das cartas trocadas. Alicerçado por tais embasamentos teórico-metodológicos, desenvolvemos o Produto Educacional *Cartas para Amazônia*, composto de pelo a) Kit de Viagem - que traz pistas de como, metodologicamente, a troca de correspondências pode ocorrer e b) Coletânea de Cartas: compartilhando experiências da primeira viagem vivenciada por mim e pelos discentes, aqui denominados de escritores-viajantes, realizando descobertas e conectando mundos e saberes, locais e acadêmicos. A troca de cartas propõe trazer, a cada um dos discentes-correspondentes, a intersecção entre os saberes locais e acadêmico-científicos, possibilitando um novo olhar sobre a sua própria realidade, além de compartilhar com o outro o que, em sua concepção, associa-o ao seu lugar no mundo, aprofundando sua relação identitária e, em perspectiva, fomentando práticas engajadas na preservação e valorização da Amazônia.

Palavras-chave: Amazônia; Identidade; Saberes locais; Ensino Superior; Cartas Pedagógicas.

ABSTRACT

Traveling through the various sides of Amazon region is the invitation of this present The present paper. The objective of the research is to contribute to the promotion and appreciation of Amazonian identities in teaching and learning processes experienced by undergraduate students from the North Region of Brazil. In this regard I intend to promote discussions through the convergence between the local knowledge and higher education. The Pedagogical Letters are used in this research as a methodological support for those discussions and to increase connections among students from different realities and different places in Amazon region by reviewing their surroundings, sharing impressions, and identifying themselves in the eyes of others based on differences and similarities. The purpose is to initiate a journey guided by various theories which support this research. The journey begins with the theoretical-methodological proposal by Jesús Martín-Barbero (2004), supported by Deleuze and Guattari (2000) and Passos, Kastrup and Escóssia (2015), such theorists identified in the cartography as a study perspective opened to different views that enable the researcher being part of the research by affecting and being affected by those experiences. Paulo Freire thoughts are present as a methodological tool in the Pedagogical Letters and in the claimed theories of a transformative, critical and emancipatory education. To substantiate the discussion on identity the theories of Stuart Hall (2005), Néstor Canclini (2008), Rogério Haesbaert (2010), Silva (2012) and Oliveira (2019) contribute to the understanding of the confusing ways of the Amazon formation. The discussion on higher education institutions is supported by the theories of Mello (2007) and Mello, Almeida Filho and Ribeiro (2008). It is not possible to develop a research on pedagogical letters without mentioning Wolton (2006), Freire (1985), Amabile (2012) and Paulo e Dickmann (2020) and the concepts that permeate the paths of communication, creativity and intentionality in the exchanged letters. Supported by such theoretical-methodological foundations, we developed the educational product Cartas para Amazônia, which is composed for a) Travel Kit: that brings clues on how the exchange of correspondences can occur methodologically and b) Travel Diary: from the research experienced by me and the students-correspondents and from discoveries and the connections among different worlds and knowledges the final educational product – Collection of Letters – Cartas para Amazônia rises. The exchange of letters proposes to bring, to each of the student-correspondents, the intersection between local and academic-scientific knowledge, enabling a diferente view of their own reality by sharing with others their conceptions of what associates them with this place in the world, appreciating their identity relationship and promoting practices engaged linked with the preservation and appreciation of Amazon.

Region.Key-words: Amazon; Identity; Local Knowledge; Higher education; Pedagogical Letters.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	A Cobra Grande se levantando sobre a Basílica de Nazaré	Figura 17
Figura 2	Primeira publicação da Declaração Universal dos Direitos Humanos	43
Figura 3	Carta de Esperança Garcia	45
Figura 4	Princípios da Carta da Terra	48
Figura 5	Marcha de Abertura do X Fospa, em Belém-PA (28/07/2022)	50
Figura 6	Arrastão do Boi Pavulagem (junho/2023)	58
Figura 7	Boi de Máscaras e Cabeçudos de São Caetano de Odivelas (PA)	59
Figura 8	Visão Panorâmica da Estação das Docas do Pará	61
Figura 9	As 100 Universidades e Institutos no Brasil com Mais Artigos Científicos	76
Figura 10	Infográfico do Guia da Metodologia Ativa Cartodiversidade	80
Figura 11	Ficha de Identificação da Palavra Banana e Ficha de Identificação da Palavra Açaí	81
Figura 12	Evolução dos Instrumentos de comunicação utilizados pelo homem	84
Figura 13	Modelo componente de criatividade de Amabile, adaptado de Amabile e Mueller (2008)	86
Figura 14	Logotipo criado pelas autoras para a plataforma virtual	93
Figura 15	Organograma do aplicativo descobrindo a <i>Amazônia Paraense</i>	94
Figura 16	Componentes do Kit de Viagem	100
Figura 17	Pistas e percursos para a viagem	101
Figura 18	Cartelas de descrição das pistas e percursos para a viagem	101
Figura 19	Carta aos escritores-viajantes participantes do <i>Cartas para Amazônia</i>	106
Figura 20	Carta Pedagógica escrita pela Professora Isabela Camini (Parte 1)	108
Figura 21	Carta Pedagógica escrita pela Professora Isabela Camini (Parte 2)	109
Figura 22	Exemplos de papel de carta disponíveis aos escritores-viajantes	110
Figura 23	Processo de desenvolvimento do Produto Educacional <i>Cartas para Amazônia</i>	111
Figura 24	Mapa de localização dos escritores-viajantes	114

Figura 25	Carta 1 - Aldenora Pena	115
Figura 26	Carta 1 – Márcio Ramos	116
Figura 27	Carta 1 - Gabriela Silva	117
Figura 28	Carta 2 - Aldenora Pena (Parte 1)	119
Figura 29	Carta 2 - Aldenora Pena (Parte 2)	120
Figura 30	Carta 2 - Márcio Ramos	121
Figura 31	Carta 2 – Gabriela	122
Figura 32	Carta 3 - Aldenora Pena (parte 1)	124
Figura 33	Carta 3 - Aldenora Pena (parte 2)	125
Figura 34	Carta 3 - Aldenora Pena (parte 3)	126
Figura 35	Carta 3 - Márcio Ramos (parte 1)	127
Figura 36	Carta 3 - Márcio Ramos (parte 2)	128
Figura 37	Carta 3 - Márcio Ramos (parte 3)	129
Figura 38	Carta 3 - Gabriela Andrade (parte 1)	130
Figura 39	Carta 3 - Gabriela Andrade (parte 2)	131
Figura 40	Carta 4 - Aldenora Pena (parte 1)	133
Figura 41	Carta 4 - Aldenora Pena (parte 2)	134
Figura 42	Carta 4 - Márcio Ramos (parte 1)	135
Figura 43	Carta 4 - Márcio Ramos (parte 2)	136
Figura 44	Carta 4 - Gabriela Andrade	137
Figura 45	Linha do tempo de troca das cartas	140
Figura 46	Caixa do Produto Educacional <i>Cartas para Amazônia</i>	146
Figura 47	Carta aos viajantes	147
Figura 48	Carta Convite	148
Figura 49	Carta Inspiração	148
Figura 50	Papéis de carta artesanais produzidos pela autora	149
Figura 51	Diário de Viagem - Coletânea de Cartas	149
Figura 52	Diário de Bordo	150

LISTA DE SIGLAS

a.C.	antes de Cristo
AC	Acre
AMPAC	Associação dos Moradores do Bairro do Pacoval
ANEEL	Agência Nacional de Energia Elétrica
CAN	Centro Arquitetônico de Nazaré
CAPE	Centro Acadêmico de Pedagogia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEB	Comunidades Eclesiais de Base
CP	Carta Pedagógica
d.C.	depois de Cristo
DCE	Diretório Central dos Estudantes
E.V.A.	Etil, Vinil e Acetato
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FOSPA	Fórum Social Pan-Amazônico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IES	Instituição de Ensino Superior
IMAZON	Instituto do Homem e do Meio Ambiente da Amazônia
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LP	<i>Long Play</i>
LSM	Língua de Sinais Munduruku
MCP	Movimento Cultura Popular
MCP	Movimento Camponês Popular
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MEC	Ministério da Educação
MPP	Música Popular Paraense
ONGs	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
P.E.	Produto Educacional
PA/MA	Pará/Maranhão
PE	Pernambuco
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PNA	Programa Nacional de Alfabetização
PPGCIMES	Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior
PPGICH/UEA	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/ Universidade do Estado do Amazonas

PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PT	Partido dos Trabalhadores
PUC	Pontifícia Universidade Católica
	Rede Amazônia de Informação Socioambiental
RAISG	Georreferenciada
SP	São Paulo
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TF	Terra Firme
UEA	Universidade do Estado do Amazonas
UEPA	Universidade do Estado do Pará
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRA	Universidade Federal Rural da Amazônia

SUMÁRIO



CARTA DE APRESENTAÇÃO - CONVITE À VIAGEM 15

INTRODUÇÃO 19

1 TRAÇANDO CAMINHOS E TECENDO PROCESSOS 26

1.1 A INSPIRAÇÃO EM PAULO FREIRE 35

1.1.1 Das Cartas às Cartas Pedagógicas 41

1.1.2 As Cartas e Paulo Freire 51

2 O QUE NOS CONECTA COM OS IRMÃOS AMAZÔNIDAS 56

2.1 AMAZÔNIA: FACES E SIGNIFICADOS 66

2.2 CONECTANDO SABERES, CONHECIMENTOS E VIVÊNCIAS 72

2.3 A VIAGEM COM AS CARTAS PEDAGÓGICAS 82

3 MOTIVOS PARA EMBARCAR 92

3.1 ANTES DE PARTIR 92

3.1.1 Preparando a viagem: caracterização do PE 96

3.1.2 Cartas para Amazônia - Produto Educacional 98

3.1.3 Cartas para Amazônia 99

3.1.4 Componentes do Kit de viagem 100

3.1.5 Coletânea de cartas - compartilhando experiências da primeira viagem 112

3.2 COMEÇANDO A VIAGEM 114

3.2.1 As cartas trocadas 115

3.3 DESPEDIDA, (AUTO)AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM 139

3.4 AFINAL, AS CARTAS PARA AMAZÔNIA 145

3.5 NAVEGANDO EM OUTROS RIOS: CARTAS, INTERDISCIPLINARIDADE E AMBIENTES NÃO FORMAIS 150

CONSIDERAÇÕES PARA SEGUIR NA JORNADA 154

REFERÊNCIAS 159

APÊNDICE 168



CARTA DE APRESENTAÇÃO – CONVITE À VIAGEM

Mana, mano,

Começo essa conversa, pois é isso que espero que façamos, conversar, dando a satisfação sobre o modo como pretendo fazer essa viagem. Como poderás ver, no desenrolar da conversa, tudo por aqui gira em torno de cartas: cartas pedagógicas, cartas de viagens, kit de viagem... Assim, já escreverei a primeira missiva para te apresentar o que me formigou a mente para chegar aqui. Ah, e acho que não preciso explicar que mano/mana, termo utilizado carinhosamente entre irmãos/ãs, vale para nós, amazônidas, irmãos de terra, de mata, de rio, de ancestralidade.

Então, sem mais delongas, vamos começar?

O tema da nossa conversa, como dei a pista acima, é a Amazônia, essa nossa grande casa, com suas diferenças e convergências. Como fazer com que nossas/nossos irmãs/irmãos conheçam, despertem, se re-conheçam e se engajem nesse reconhecimento?

Eu amo e tenho muito orgulho de tudo que, até então para mim, era ser amazônida. Nosso povo, nossas florestas, a música, as danças, as comidas típicas, o açaí, principalmente, as frutas, as lendas, o modo de falar, enfim, tudo que nos representa enquanto povo. Povo paraense, povo amazônida, para mim eram sinônimos. Falar de um, representava o outro. Porém, se todo paraense é amazônida, o inverso não é verdadeiro, pois a Amazônia vai muito além dos limites geográficos do Estado do Pará e do Brasil se espalhando desde os Andes, no Peru, passando pela Bolívia, Colômbia, Equador, Venezuela, Guiana, Suriname, e Guiana Francesa. Mesmo ainda falando em Amazônia paraense, se considerarmos somente o Estado do Pará, não se pode afirmar que as características culturais são as mesmas, havendo uma imensa diversidade cultural devido às grandes áreas territoriais que formam o Estado.

Ao buscar o aprofundamento com as leituras e orientações, descortinou-se um mundo, que, talvez inconscientemente, eu não conseguia enxergar. Ficou claro que eu não estava me referindo somente aos diversos aspectos que definem a região amazônica como tal. Nesse momento, o sentimento foi de se perder na busca do que realmente significa ser amazônida, e, em alguns momentos, pensar se, de fato, havia essa “terra” a ser defendida, re-conhecida, cuidada, valorizada.

As discussões na disciplina de Metodologia de Validação de Processos e Produtos Educacionais, ministrada pelas professoras Maria Ataíde Malcher e Marianne Kogut Eliasquevici, sobre a complexidade e a fragilidade do meu discurso, sobre conceitos como Cultura e Identidade, me levaram ao estranhamento e à dúvida sobre minhas motivações. A luz na caminhada veio com as orientações e leituras indicadas pelo professor Sandro Colferai, meu orientador, que me levaram, e ainda estão levando, a trilhar um caminho de descobertas sobre uma Amazônia até então vista, mas não reconhecida por mim. Hall (2006), Garcia-Canclini (1990), Martín-Barbero (2004), Haesbaert (2014), Castells (2013), Silva (2012) e Godim (1994) mostraram quão complexo e longo é o tema que pretendo dissertar. Porém, suas leituras só confirmaram que a diversidade que se estende por quase toda a América Latina necessita ser discutida, defendida, preservada, re-conhecida, vivida por nós, amazônidas. E que, ao se identificar como tal, carregamos uma bagagem e uma responsabilidade imensas para com os povos que formaram e formam essa terra.

Percebi essa ausência de referências regionais nas conversas com professores recém-saídos das IES (Instituições de Ensino Superior), e com crianças e jovens da Educação Básica onde trabalho. Desse modo, o caminho que te chamo a trilhar, junto comigo, é de desenvolver processos que despertem sentimentos identitários através de uma aprendizagem significativa, engajada e libertadora, baseada nos preceitos de educação de Paulo Freire e, como discente de uma universidade localizada na Amazônia, busque realizar as confluências com os saberes tradicionais e o Ensino Superior. E esse convite começa com um olhar diferente. Olhar para o seu entorno para se ver nele. Mas saber que para além de se saber/sentir/ser amazônida e cultivar raízes, é necessário acreditar nelas, (re)conhecer-se nelas. E quando falo re-conhecer, refiro-me a, além de “perceber e incorporar à memória”, de acordo o dicionário, aprender, de novo, a conhecer a si com todos os plurais que conseguirmos conjugar; e, assim, reaprender a se identificar, a se (re)conhecer nela. Re-conhecer-se na história da criação, contada pelos indígenas makiritare, da região de Caracas (Venezuela), que diz que

A mulher e o homem sonhavam que Deus os estava sonhando. Deus os sonhava enquanto cantava e agitava suas maracas, envolvido em fumaça de tabaco, e se sentia feliz e também estremecido pela dúvida e o mistério. Os índios makiritare sabem que se Deus sonha com comida, frutifica e dá de comer. Se Deus sonha com a vida, nasce e dá de nascer. A mulher e o

homem sonhavam que no sonho de Deus apareceu um grande ovo brilhante. Dentro do ovo eles cantavam e dançavam e faziam um grande alvoroço, porque estavam loucos de vontade de nascer. Sonhavam que no sonho de Deus a alegria era mais forte que a dúvida e o mistério; e Deus, sonhando, os criava, e cantando dizia: - Quebro este ovo e nasce a mulher e nasce o homem. E juntos viverão e morrerão. Mas nascerão novamente. Nascerão e tornarão a morrer e outra vez nascerão. E nunca deixarão de nascer, porque a morte é mentira. (GALEANO, 1996, p. 23)

Ou temer a Cobra Grande que vive nos antigos igarapés debaixo das ruas do centro de Belém, com a cabeça na Catedral da Sé, na Cidade Velha, e o rabo na Basílica, em Nazaré, e que, segundo reza a lenda, no ano em que não houvesse a procissão do Círio de Nazaré, a Cobra Grande se levantaria e causaria grandes tremores de terra naquele lugar.

Figura 1 - A Cobra Grande se levantando sobre a Basílica de Nazaré



Fonte: TV Silva, Reportagem G1, Belém, 2021.

Nas duas lendas os povos daquelas regiões, Caracas e Belém, se reconhecem na narrativa, repassando de geração em geração e se identificando enquanto parte de contexto, verdadeiro, fantasioso, exótico ou não.

Re-conhecer-se nas diversas Amazôniaas que habitam esse imenso território, seus povos, sua ancestralidade, sua diversidade e, junto com tudo isso, assumir a responsabilidade em (des)envolver com sustentabilidade e respeito. Re-conhecer tendo a consciência que indígenas, quilombolas, ribeirinhos, povos da floresta lutam há séculos pelo simples direito de habitar o chão que sempre foi seu. Re-conhecer os povos, seus anseios e costumes, sabendo que sua história não começa com a chegada das caravelas europeias. Enfim, conhecer-se, se reconhecer para se ter a real dimensão da importância de preservar.

Te convido nessa viagem a ver sem vendas, a ver com olhos de filhos da região, nossas próprias referências, ver e se (re)conhecer. Hoje, mais do que antes, conhecer essas diversas Amazôniaas que habitam nosso território se tornou a principal motivação para desenvolver tal trabalho.

Vem, te convido nessa jornada, a viajar comigo pelos caminhos das Amazôniaas e aprofundar olhares, amores, afetos e sensações.

Um abraço fraterno,

Aldenora Pena

INTRODUÇÃO

Parente¹, vem comigo!

Essa jornada é exploratória, não no sentido de degradar, mas de conhecer, aprofundar e, também, de busca de autoconhecimento para mim e, tenho certeza, também para quem nos acompanhar neste percurso.

Reconhecer-se amazônida não é uma *ficha que cai* fácil. Às vezes, até saber que você mora na Amazônia e, por isso, faz parte dela, não é uma noção que se tem de fato. Desde muito pequena, eu recordo, e minha mãe confirma, já era muito ligada ao meio ambiente e às coisas relacionadas à nossa terra, seja cultivando uma plantinha em uma lata de leite, seja ouvindo as músicas do Mestre Verequete² no rádio à pilha. Assim, fui trilhando meu caminho nessa direção. Mas somente na juventude, com a militância política, as discussões sobre a exploração da Amazônia e as músicas de Ruy Barata³, da Banda Mosaico de Ravena e Vital Lima, e de Nilson Chaves⁴, foi que *caiu a minha ficha* e a partir daí o caminho a ser traçado foi em defesa da Região Amazônica, seu povo (o meu, no caso), e a preservação de sua cultura.

Em retrospecto, já havia motivação em discutir o tema quando na graduação em Turismo (2007), realizada na Universidade Federal do Pará, tive como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a *Educação patrimonial e turismo cultural no centro histórico de Belém*, tratando da relação entre patrimônio cultural e sociedade, tendo a Educação Patrimonial e o Turismo Cultural como elementos que contribuam para a valorização e, conseqüente, preservação de nossa História, em especial do Centro Histórico de Belém com seus casarios centenários, o Largo da Sé, o Forte do Presépio, atualmente, Forte do Castelo, os Palácios Antônio Lemos e Lauro Sodré, dentre tantos outros a preservar. Naquele momento, com os resultados obtidos pela pesquisa realizada junto a estudantes da Educação Básica da rede pública de

¹ Modo como, usualmente, os povos indígenas chamam-se entre si.

² Augusto Gomes Rodrigues (1916-2009), ou simplesmente, Verequete, conhecido como o Rei do Carimbó, é referência do chamado carimbó de raiz tocado no estilo pau e corda. Ao longo da carreira, foram cerca de 200 músicas gravadas e inúmeros sucessos como *Chama Verequete*, *Ilha do Marajó* e *Retumbão Bragantino*.

³ Ruy Paranatinga Barata (1920-1990), exerceu atividades como advogado, cartorário, jornalista, poeta, professor e político. Mas foi como compositor que marcou minha adolescência com as músicas *Foi Assim* e *Pauapixuna* interpretadas pela cantora paraense Fafá de Belém.

⁴ Vital Lima e Nilson Chaves, cantores e compositores paraenses que colocaram em suas músicas elementos amazônicos, falando das “coisas da terra” em canções como *Sabor açai*, *Olho de boto*, *Tun-tá-tá* e *Olhando Belém*.

Belém, sobre o conhecimento do patrimônio, vi a ausência de reconhecimento e ações que motivem os habitantes do lugar a entender a importância de sua preservação. Tempos depois, ainda com o mesmo sentimento, minha primeira proposta de pré-projeto à seleção do Mestrado no Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior – PPGCIMES, em 2021, tinha como tema *TV Web no Facebook como ferramenta de ensino-aprendizagem e valorização do patrimônio histórico cultural de Icoaraci*.

O tema mudou, e se ampliou posteriormente, e toda essa busca por uma discussão sobre a valorização do patrimônio cultural, seja material ou imaterial, surge da vivência em ambientes onde percebi que não há o reconhecimento da importância da preservação e divulgação da cultura amazônica. Isso foi observado nas pesquisas realizadas no Complexo Feliz Lusitânia para o TCC da graduação em Turismo, em que 65% dos entrevistados (de um universo de 64 questionários analisados), estudantes de escolas públicas, não conheciam anteriormente o patrimônio visitado.

Nas escolas, local onde desenvolvo minhas atividades laborais, em contato permanente com jovens, o desconhecimento da cultura popular paraense, com exceção de estilos musicais como o Brega, o Tecnobrega e o Carimbó - atualmente mais difundidos devido ao sucesso de músicas como *No meio do pitiú*, de Dona Onete⁵ - é outro aspecto que me inquieta para desenvolver um trabalho que busque discutir a difusão e o reconhecimento do patrimônio cultural amazônica. É preciso reconhecer, diante da imensidão regional, que meu conhecimento alcança, em parte, apenas a Amazônia Paraense. É preciso conhecer essa imensidão, não só de terra, mas de populações, costumes, lendas, crenças, alimentos, que mesmo sendo continental guarda similitudes em muitos aspectos devido a sua ancestralidade comum, e às particularidades e vivências que existem somente em determinado local.

O consumo do açaí é um elemento de identidade regional, por exemplo, pois está na base alimentar de boa parte da população amazônica e ocorre em grande

⁵ Ionete da Silveira Gama, conhecida como Dona Onete, professora de história aposentada, gravou seu primeiro CD em 2012. É considerada a “Diva do carimbó chamegado”, tem hoje em seu repertório mais de 300 canções e o álbum “Feitiço Caboclo”, lançado em 2012, como “Proposta indecente”, “Amor brejeiro”, “Poder da sedução”, “Moreno Morenado”, e “Jamburana”. Além de canções do seu segundo álbum, como “É no sabor do beijo”, “Tipiti” e “Banzeiro”. Disponível em: <<https://blog.elcabriton.com/dona-onete/>>. Acesso em 22 de maio de 2022.

parte da Amazônia Legal:

o açaizeiro ocorre espontaneamente, no Brasil, nos Estados do Amapá, Maranhão, Pará (CALZAVARA, 1972; CAVALCANTE, 1991), Tocantins (BALICK, 1986a) e no Mato Grosso (MACEDO, 1995). Rompendo as fronteiras brasileiras, é encontrado na Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela (CALZAVARA, 1972; ROOSMALEN, 1985; CAVALCANTE, 1991) e Colômbia (BALICK, 1986b). Distribuição mais ampla é apresentada por Henderson & Galeano (1996), que assinalam a presença dessa palmeira, também, no Panamá, Equador e Trinidad. (OLIVEIRA; CARVALHO; NASCIMENTO, 2000, p. 1)

Por outro lado, cada pedaço da Amazônia tem sua peculiaridade, como a paçoca com banana, iguaria da culinária do Estado de Roraima ou, ainda, a Baixaria, prato típico do Estado do Acre, à base de cuscuz (farinha de milho), carne moída, cheiro-verde e ovo frito. Esses atributos, particulares ou gerais, são exemplares de como cada grupo populacional tem sua singularidade, sua identidade, embora unidos pela característica de ser amazônida. Essas singularidades, no Pará, são conhecidas e extensamente exploradas por autores como Dalcídio Jurandir⁶, Vicente Sales⁷, Haroldo Maranhão⁸ e Lúcio Flávio Pinto⁹, apenas para citar alguns, que fazem do Pará e da Região Amazônica seu objeto de estudo, trabalho e dedicação. Todo esse empenho tem seu reconhecimento nos meios acadêmicos, dentre os que pretendem aprofundar estudos sobre temas

⁶ Em 10 de janeiro de 1909, na Vila de Ponta de Pedras (Ilha do Marajó, PA), nasceu Dalcídio Ramos Pereira, que viria a se consagrar no campo literário como Dalcídio Jurandir. Filho de Alfredo Pereira e Margarida Ramos, nasceu em um chalé à beira do rio, ainda hoje existente. Em 1910, mudou-se para Vila de Cachoeira, na mesma ilha. Ali passou sua infância, aprendendo com sua mãe as primeiras letras. <<https://www.dalcidiojurandir.com.br/>> Acesso em 26 abr, 2022.

⁷ Vicente Juarimbu Salles, nasceu na Vila de Caripi, município de Igarapé-Açu, nordeste do Pará. Foi historiador, antropólogo e folclorista paraense considerado um dos mais importantes intelectuais do século XX, da Amazônia e do Brasil. Entre os trabalhos mais importantes de Vicente Salles, estão os livros "História do Teatro do Pará", "Vida do maestro Gama Malcher", "Negro do Pará – sob o regime da escravidão" e "Santarém: uma oferenda musical". Sua obra "O negro no Pará sob o regime da escravidão". Vicente Salles morreu aos 81 anos de parada respiratória, na cidade do Rio de Janeiro. In: < <https://artsandculture.google.com/entity/vicente-salles/g120phv77>> Acesso em 26 abr, 2022.

⁸ Foi um prosador brasileiro, nascido em Belém do Pará, a 7 de agosto de 1927. Estreou com *A estranha xícara* (1968), ao qual se seguiram romances e volumes de contos como *Voo de Galinha* (1980), *A Morte de Haroldo Maranhão* (1981), *O Tetranelo Del Rey* (1982), *A Porta Mágica* (1986), *Rio de Raivas* (1987), *Cabelos no Coração* (1990) e *Memorial do Fim* (1991), entre outros. < <https://www.escritas.org/pt/bio/haroldo-maranhao>> Acesso em 26 abr. 2022.

⁹ É jornalista desde 1966. Sociólogo formado pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em 1973. Editor do Jornal Pessoal, publicação alternativa que circula em Belém (PA) desde 1987. Autor de mais de 20 livros sobre a Amazônia, entre eles, *Guerra Amazônica*, *Jornalismo na linha de tiro e Contra o Poder*. Por seu trabalho em defesa da verdade e contra as injustiças sociais, recebeu em Roma, em 1997, o prêmio Colombe d'oro per La Pace. Em 2005 recebeu o prêmio anual do *Committee for Journalists Protection* (CPJ), em Nova York, pela defesa da Amazônia e dos direitos humanos. Lúcio Flávio é o único jornalista brasileiro eleito entre os 100 heróis da liberdade de imprensa, pela organização internacional Repórteres Sem Fronteiras em 2014. Acesse o novo site do jornalista aqui www.lucioflaviopinto.com < <https://amazoniareal.com.br/author/lucio-flavio-pinto/>> Acesso em 26 abr. 2022.

relacionados. Todavia, esse conhecimento reunido e produzido nas IES tem pouca aderência no ensino básico, não havendo um interesse maior e não despertando paixões sobre o assunto para que tenha um espraiamento para o campo das ações cotidianas em sala de aula. Esse aparente desinteresse me conduziu no caminho a buscar, quem sabe, um modo de incentivar a relação identitária com a Região Amazônica conectando conhecimento científico e saberes de diferentes realidades de uma mesma Amazônia.

Assim, para desenvolver essa viagem e traçar os caminhos e processos, foi desenvolvida a seguinte **Questão-foco**: “como contribuir para a promoção e valorização das identidades amazônicas nos processos de ensino e aprendizagem entre discentes do Ensino Superior da região Norte?”

E como objetivos geral e específicos que pudessem delinear os caminhos:

- ✓ **Geral:** desenvolver um produto que auxilie docentes de Ensino Superior a fomentar que discentes de IES da região Amazônica percebam as intersecções entre Ensino Superior e identidades locais no processo de ensino aprendizagem em cursos de graduação.
- ✓ **Objetivos Específicos:**
 - discutir os conceitos de Identidade Cultural e Amazônia;
 - discutir os conceitos de conhecimento científico e Ensino Superior.
 - promover o contato e troca entre discentes de IES da região amazônica sobre sua percepção identitária e experiências no Ensino Superior considerando suas peculiaridades locais;
 - analisar e organizar os contatos e trocas para entender as diversas percepções identitárias de estudantes do Ensino Superior na Amazônia;
 - organizar o relato do processo de trocas e contatos entre discentes em conjunto de pistas para docentes de Ensino Superior na Amazônia;
 - elaborar um produto que reúna as experiências de troca e contatos entre discentes e as pistas propostas para fomentar a intersecção entre o conhecimento científico e identidades locais no Ensino Superior.

A Cartografia de Martín-Barbero (2004) foi o caminho metodológico que seguimos e ele se conceitua em uma abordagem teórica que, diferente da metodologia convencional, não se prende em abordagens rígidas e no distanciamento do pesquisador. Ao contrário, neste caso, o pesquisador deve estar envolvido no processo metodológico devendo estar atento às pistas produzidas no

processo. Segundo Martín-Barbero, “os mapas nos impediriam de fazer nosso próprio caminho ao andar, de aventurar-nos a explorar e traçar novos itinerários, evitando o risco de perder-nos, sem o qual não há possibilidade de descobrir(nos)”. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 12)

A teoria da cartografia de Martín-Barbero se baseia em conceitos como hibridização cultural, mediações comunicativas e espaço público. Ao mapear as diferentes formas de expressão cultural e suas interações, ele argumenta que é possível compreender as complexidades das práticas comunicativas na sociedade contemporânea.

Freire (1978; 1985; 1994; 2004; 2015a; 2015b e 2022) contribuiu teórica e metodologicamente sobre a importância da participação ativa dos educandos no processo educacional e na busca por uma educação libertadora e transformadora e com as chamadas Cartas Pedagógicas, denominação dada a uma série de cartas que ele escreveu para educadores, professores e estudantes como uma forma de compartilhar seu pensamento e ideias sobre a educação. Essas cartas abrangem uma ampla gama de tópicos relacionados à educação, como o papel do professor, a importância do diálogo e da reflexão crítica, a relação entre educador e educando, a necessidade de uma educação libertadora e o valor da cultura e da diversidade. Freitas (2020), Dickmann e Paulo (2020) e Camini (2022) aprofundam como, metodologicamente, as Cartas Pedagógicas podem ser uma ferramenta para construção de uma educação transformadora, que visa promover a consciência e a conscientização dos indivíduos, capacitando-os a se tornarem agentes de mudança em suas próprias vidas e na sociedade como um todo.

Paulo Freire (1985) e Jesús Martín-Barbero (2004) alicerçam as reflexões sobre educação. Ao longo da jornada, pude perceber que Freire e Martín-Barbero compartilham ideais sobre educação, principalmente em relação à importância da participação ativa dos educandos no processo educacional e na busca por uma educação libertadora e transformadora. Ambos os autores enfatizam a necessidade de uma abordagem crítica e reflexiva da educação, que leve em consideração a realidade e as experiências dos educandos. Freire (1994) desenvolveu o conceito de “educação problematizadora”, na qual os estudantes são incentivados a questionar e refletir sobre o mundo ao seu redor. Martín-Barbero (2004) argumenta que a cultura, a mídia e as experiências sociais dos alunos devem ser incorporadas à sala de aula, a fim de tornar a educação mais significativa e relevante.

No capítulo 2, procuro aprofundar a reflexão sobre a Amazônia e o que nos conecta enquanto amazônidas; porém, respeitando sua diversidade, sua história e seu povo a partir das teorias defendidas por Hall (2005) e Néstor-Canclini (2008). Silva (2012) viaja pela região, dissertando sobre suas diversas faces e períodos (indígena, portuguesa e brasileira) e neste contexto Mello (2007) e Mello, Almeida Filho e Ribeiro (2010) discutem o papel fundamental das universidades públicas no desenvolvimento da região amazônica.

No Capítulo 3, embarcamos no processo de idealização, desenvolvimento e definição do Produto Educacional Cartas para Amazônia.

O Produto Educacional Cartas para Amazônia convida a viajar, através da troca de cartas pedagógicas pela região amazônica e suas diversas faces. Para a jornada, o viajante tem à disposição o Kit de Viagem composto por Carta-Convite, Carta-Inspiração, Pistas para o percurso, papéis de carta e o Diário de Bordo para anotar suas impressões e descobertas. Esse processo foi vivenciado por mim, Aldenora Pena, de Belém (PA); por Gabriela Andrade, estudante de licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas; e, por Márcio Ramos, estudante de Agronomia da Universidade Federal Rural da Amazônia, em Santa Luzia do Pará (PA). Durante quase seis meses, viajamos pelos tortuosos caminhos da Amazônia. Nessa viagem, através das Cartas Pedagógicas, carregadas de afeto e boniteza como nos inspirou Paulo Freire, descortinaram-se novas Amazônias, surpreendendo nosso olhar com o que, a nosso ver, pensávamos conhecer. As cartas trocadas pelos viajantes-correspondentes, e aqui encartadas, demonstram a potencialidade do Produto Educacional.

Ao trocar as cartas, criamos conexões com nossa cultura, nossa ancestralidade, com aqueles que contribuíram para ser o que somos. Compartilhar tais experiências contribuiu para semear em mim sentimentos de esperança e bem viver. Com esse espírito, te convido a viajar na leitura dessa pesquisa e das cartas que trocamos e, quem sabe, te a levar a *(re)conhecer-te* em nossos relatos e continuar a viagem construindo as próprias histórias e fortalecendo convergências com a Amazônia, a partir das descobertas durante a jornada.

Boa viagem pelas confluências da Amazônia!

Capítulo 1

Pérola Azulada

Já aprendi voar dentro de você
Ancorar no espaço ao sentir cansaço
Ossos da jornada

Já aprendi viver como vive nu
Um cacique arara cultivando aurora
Luz de sua tiara

Eu amo você terra minha amada
Minha oca meu iglu, minha casa
Eu amo você pérola azulada conta
No colar de deus, pendurada
A benção minha mãe

Já aprendi nadar em seu mar azul
Adorar água, homem peixe, água
Fonte iluminada

Já aprendi a ser parte de você
Respeitar a vida em sua barriga
Quanto mais vão aprender

Eu amo você...

Terra, terra por mais distante o errante
Navegante quem jamais te esqueceria

Composição: Zé Miguel e
Joãozinho Gomes (1990)



Para viajar com a música, clique no QR Code



1. TRAÇANDO CAMINHOS E TECENDO PROCESSOS

Para iniciar nossa viagem pelas intersecções, confluências, significados e sentidos de um mapa sensorial e, quem sabe, identitário da Amazônia, trilhei os caminhos que a Cartografia me ofereceu. Se não é a representação do todo, o que apresento são as partes importantes dessa descoberta, detalhadas a seguir.

Aqui procurarei traçar os caminhos metodológicos trilhados pela troca de Cartas Pedagógicas nesse processo. Como o objeto de discussão é a Amazônia, foi preciso conhecer melhor esse território, mergulhar em suas águas profundas, embrenhar-me em suas florestas, reconhecer seus habitantes, originários e recentes e, assim, como pesquisadora, seguir as pistas descobertas no caminho, transformando-me em cartógrafa. Mas não uma cartógrafa trabalhando com a cartografia tradicional¹⁰, analisando e confeccionando cartas ou mapas. Neste caso, fui inspirada em Jesus Martín-Barbero (1937-2021), mergulhei na cartografia da região amazônica, também com mapas e cartas; afinal, era preciso se localizar geograficamente para seguir adiante. Porém, meu caminhar se tornou mais profundo, não se prendendo aos limites e fronteiras estabelecidos nos desenhos geográficos. Ao contrário, busquei conhecer as “verdadeiras des-territorializações e re-colocações, tanto da experiência como do lugar desde onde se pensa, se fala, se escreve” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 28), tendo que *re-encontrar* no percurso trilhado com meus companheiros de jornada. Neste caso, o intuito foi explorar experiências, vivências, sensações, conhecimento e saberes. Como afirma Martín-Barbero,

Quando a *estabilidade* do terreno dos referentes e das medidas é esburacada pelo *fluxo* da vida urbana, pela *fluidez* da experiência cosmopolita, os mapas nos impediriam de fazer nosso próprio caminho ao andar, de aventurar-nos a explorar e traçar novos itinerários, evitando o risco de perder-nos, sem o qual não há possibilidade de descobrir-nos. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 12)

Nessa trilha, o meu objetivo foi fugir da *estabilidade* das verdades absolutas e dos caminhos pré-estabelecidos, que faria com a metodologia convencional, deixando que o *fluxo* e a *fluidez*, em permanente movimento e presentes no cenário, mostrassem o caminho a percorrer. Segui pistas, com a sugestão de Passos, Kastrup e Escóssia (2015, p. 10) que afirmam que a cartografia é “acompanhamento

¹⁰ Conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo por base os resultados de observações diretas, ou da análise de documentação, se voltam para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão ou representação de objetos, elementos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como a sua utilização (SILVA; BRITO, 2019, p. 9).

de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas”. Por isso, sugerem pistas sobre como desenvolvê-la como método de pesquisa-intervenção.

Ao falar em cartografia logo se tem como referência a cartografia geográfica. Não está incorreto, pois ela nasce exatamente do sentido geográfico. No entanto, a cartografia enquanto método científico, similarmente, se ocupa dos territórios que, neste caso, podem ser filosóficos, sociais, artísticos, sentimentais, históricos, enfim, o campo que se tenciona aprofundar. O objetivo, aqui, é o processo e não o fim. Colferai e Miranda (2016) contribuem na compreensão quando afirmam que

a cartografia é um contraponto aos métodos tradicionais, na medida em que objetiva romper com as dicotomias teoria-prática e sujeito-objeto, e propõe articular pesquisador e campo de pesquisa. Preconiza que cada pesquisador e cada objeto habitam um meio e estabelecem as mais diferentes e diversas relações, de maneira que constituem territórios envolvidos por marcas, estratos, conexões, relações etc. (COLFERAI; MIRANDA, 2016, p. 39)

Ao assumir como perspectiva metodológica a cartografia, colocamo-nos no contexto da pesquisa, participando, intervindo e “abrindo mão” da rigidez científica que prevê todos os passos a serem dados, bem como os objetivos a serem alcançados. Dessa forma, “a diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados” (PASSOS; BARROS, 2014, p. 17). Significa levar em consideração que, no desenvolver da pesquisa, pesquisador e objeto de pesquisa se modificam, influenciam e sofrem influência; e que no exato ato de pesquisar já está ocorrendo a intervenção, já estamos afetados, uma vez que ambos se modificaram ao participar de tal processo. Como afirma Martín-Barbero ao citar Gramsci: “só investigamos de verdade o que nos afeta” (2004, p. 25). Exatamente o que ocorreu comigo, ao decidir pesquisar as relações desenvolvidas na região amazônica e suas confluências, tema muito caro e com fortes influências em minhas raízes culturais, e também com os viajantes que embarcaram nessa jornada, onde o caminho trilhado, embora tenha tido orientações, foi se construindo no desenvolver das ações e que, desde o princípio desta jornada, vem realizando modificações em nós. Confirmando que

cartografar, portanto, propõe experimentar encontros para fazer falar aquilo que é subjetivo, para acessar a experiência de cada um, para fazer conexões e desenhar mapas, sem conhecer previamente o caminho e aonde se chegará (VAZ; JÚNIOR; ROCHA, 2019, p. 7).

Ao assumir a jornada como pesquisadora-cartógrafa, meu olhar deve estar atento ao que vi no limiar, nas zonas fronteiriças e não centrada nesse ou naquele objeto, como afirmam Colferai e Miranda (2016). Na cartografia, teoria e prática estão em compasso, caminhando, atuando e transformando, juntas, como acontece na *práxis* de Paulo Freire (1987).

Outro aspecto relevante no processo metodológico a ser destacado é que o pesquisador participa ativamente do processo, não havendo a dicotomia sujeito de um lado, objeto de estudo de outro. Ambos atuam, influenciam e se modificam mutuamente. E esse processo foi imensamente transformador e enriquecedor para mim. A lembrança de que, ao realizar os primeiros questionamentos a respeito do objeto de pesquisa a trabalhar e com isso, quem sabe, incentivar o fortalecimento identitário dos sujeitos amazônidas, tinha como *pano de fundo* a convicção de que a Amazônia por mim vivenciada e defendida era a Amazônia de todos os viventes da região.

Começar a discutir o tema, pesquisá-lo e aprofundá-lo, levou-me a uma nova visão, não acabada, da Amazônia repleta de nuances, paisagens e perspectivas desconhecidas, inclusive para mim. Lembro da reflexão de Martín-Barbero (2004) sobre a “cartografia que se move” demonstrando que o objeto de estudo tem olhares diversos, podendo ser de um modo para mim e de outro para o próximo viajante. Essa afirmação se aproxima da narrativa de Calvino (2002), em *As cidades invisíveis*, quando Marco Polo afirma a Kublai Khan que “De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas” (CALVINO, 2002). A cidade com seus obeliscos, praças, chafarizes, teatros e outros encantamentos se desvela ao olhar do turista visitante; enquanto a cidade com falta de moradia, lixo e moradores de rua, esta se mostrará aos que buscarem ver, residente ou viajante. O olhar é diverso e as respostas tendem a ser também diversas. Este olhar de visitante foi, a princípio, o meu olhar. Porém, atenta às diversas paisagens, modificadas e com suas fronteiras movediças, formando e reformulando identidades, o curso da minha viagem foi se modificando, diversas vezes. E conforme esse olhar se modifica, uma vez que, para cada indivíduo, o lugar é diferente, o lugar se refaz. Tanto na medida em que há a mudança, como devido ao contexto de quem fala.

Isso é experimentado na troca de cartas, quando observo que Márcio e Gabriela, discentes-viajantes que participaram comigo desta jornada, vivenciam a

realidade amazônica; porém, seus olhares, lugares de onde falam, histórias de vida, fazem com que tenham perspectivas diversas. Desse ponto de vista, a afirmação de Costa (2014, p. 72), de que “se pudéssemos apresentar um elemento fundamental para uma prática cartográfica, este seria o encontro”, é a premissa que levo como aprendizado desta pesquisa.

A viagem percorrida nos levou a novos olhares, e a cada olhar, uma descoberta. E foi a partir desse olhar que eu, como pesquisadora-cartógrafa, fui traçando os caminhos, no caso os percursos a serem trilhados. No decorrer da jornada as ações significativas mudam o olhar, e aí, o trajeto se desdobra, se desencontra para se reencontrar novamente sob novas perspectivas. Neste caso, a liberdade de definir ou redefinir os passos no decorrer da jornada é a riqueza que a cartografia proporciona. Passos e Barros (2015) afirmam que a diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados. (PASSOS; BARROS, 2015, p. 17)

Com todas as implicações do método, não há como eu, enquanto pesquisadora, estar indiferente ao processo. Neste caso, diferente da metodologia tradicional que separa o pesquisador do objeto pesquisado, o pesquisador é parte integrante do processo, está imerso nele, influencia e é influenciado em seu andamento, não podendo se separar de sua pesquisa. Na cartografia não há lugar para a neutralidade, “a pesquisa é uma prática suja” (COSTA, 2014) pois está *contaminada* pela sujeira (no bom sentido) produzida no processo. Todavia, já se conta com essa contaminação, a sujeira faz parte do desenvolvimento do método. O pesquisador, além de coletar os dados, também os produz a partir da sua intervenção.

Assim, da feita que me transformei em cartógrafa-pesquisadora, as cartas pedagógicas me levaram nesse processo de troca, de confluências, de encontros, desencontros, descobertas e transformações. Na realidade, uma jornada tortuosa, pois em muitos momentos, achei-me perdida, quando, ao procurar entender as mensagens e pistas do caminho, somente ao longo da viagem, às vezes, muito adiante, somando a outras experiências, é que a visão desembaraça e a compreensão ocorre. Esse é o olhar cartográfico que, ao me ver, envolvida, precisei de uma certa distância e de olhar das margens para estabelecer a compreensão. E assim foi sendo construído este texto dissertativo, pois como observa Miranda

(2013, p. 14) “o texto cartográfico se configura como um grande labirinto que, por sua vez, não tem começo e nem final” ou ainda pode ser baseado em um mapa; pois, segundo Deleuze e Guattari, o

mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 21)

E diante disso, preciso, aqui, admitir que fazer essa jornada guiada pela visão cartográfica não foi, sempre, uma decisão confortável. Posso dizer que escolher trabalhar a cartografia como percurso metodológico é, ao mesmo tempo, um grande desafio e uma grande descoberta, inclusive de si mesmo, pois me deixa, de certa forma, livre, sem as “amarras” e sem a “segurança” de seguir uma metodologia que tem seus procedimentos listados, testados e confirmados traçando previamente o caminho a ser trilhado. Essa “liberdade” desafia o *status quo* do pesquisador, tira-nos o chão, faz com que tenhamos que aguçar ainda mais o olhar para ter a perspectiva cartográfica. Porém, se tem a tranquilidade de se envolver, de modo literal, na pesquisa, participando, inferindo e se encontrando, sem a preocupação de ser imparcial, objetivo, com olhar distante do procedimento metodológico do pesquisador tradicional. Passos, Kastrup e Escóssia (2015), com base nos “oito princípios” da esquizoanálise de Guattari (1988), traçam oito pistas para a prática do método cartográfico, o que contribui para sua melhor compreensão.

Os autores afirmam que os caminhos de quem traça o método cartográfico, muitas vezes, aproximam-se e se parecem entre si. Logo, foi com imenso prazer que pude adentrar no *Diário de bordo de uma viagem-intervenção* (BARROS; PASSOS, 2015) sobre a experiência vivenciada pelos autores utilizando uma troca de correspondências, o que muito se assemelha à praticada em minha jornada por mim que tendo as ações desenvolvidas através da troca de cartas entre os escritores-viajantes e com o apoio das impressões sobre as narrativas guardadas no Diário de Viagem que, também, é parte integrante e fundamental das conclusões dessa pesquisa.

Adotar a cartografia como método possibilitou que eu tivesse em vista o horizonte da pesquisa-intervenção, percebendo, inclusive, que meus companheiros de viagem participam, interagem e intervêm no processo. Essa intervenção se dá no

desenvolvimento do processo, em que cada experiência vivenciada ocorre através de uma relação dialógica entre os participantes e o meio em que estamos interagindo.

A cartografia é um caminho ainda pouco trilhado pelos que escolhem a docência como área de atuação. Talvez exatamente por não ter caminhos exatos a serem seguidos, ou por não se ter uma cartilha com procedimentos orientadores. O método cartográfico se constrói na jornada, no caminhar, na quebra de paradigmas, mudando padrões, fugindo aos planos e projetos estabelecidos. Esse aspecto, possivelmente, seja uma das dificuldades da adoção na docência, inclusive no Ensino Superior.

Nesse aspecto, Martín-Barbero (2004, p. 239) salienta que a docência e a academia têm um papel de extrema importância e que a pesquisa deve ir além de seu papel de denúncia, para que possa contribuir com a construção de novos modelos e práticas de comunicação. Sobre esse aspecto, Martín-Barbero afirma que

isso exige transformar a docência em um espaço de experimentação social, exige a abertura do trabalho acadêmico para novos modos de relação com a “vida real”. Pois o que torna *irreal*, especulativo e estéril o trabalho acadêmico não é a distância indispensável requerida pela produção de conhecimentos, mas a irrelevância social dos problemas abordados e o formalismo das soluções tanto teóricas como práticas. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 239)

Aqui, claramente, se observa a crítica de Martín-Barbero à *opção* que o docente faz ao desenvolver seu papel na academia, muitas vezes de forma estéril e impessoal. Não seria papel de o docente trabalhar com temas e ações em que haja relevância social, aproximando as universidades da realidade, dos problemas e dilemas da comunidade, ou ainda buscar envolvimento com o que move e afeta seu entorno? Seguindo esse raciocínio, os modos de relacionamento do trabalho acadêmico devem ter um posicionamento político alinhado ao modelo de desenvolvimento, hegemônico ou contra-hegemônico, em que o docente se insere. Martín-Barbero denomina-os de *dependência, apropriação e invenção*.

A *dependência* tem como parâmetro que o trabalho do docente é propiciar o acesso a todas as concepções, como se fosse um catálogo, onde seu papel é oferecer um cardápio de teorias, agindo como se não houvesse diferença, princípios ou valores incutidos na decisão de adotar cada uma delas ou mesmo nenhuma delas. Ou, ainda, pode-se seguir o caminho da adoção da concepção de estar na moda, onde o que importa são os recursos e não as concepções.

A *apropriação*, como o termo diz, consiste na apropriação de modelos, teorias ou concepções sem a preocupação de avaliar a sua adequação ao contexto a ser aplicado. Ocorre a mera importação e utilização, muitas vezes, parecendo a aplicação de uma receita de bolo e com resultados equivocados.

A *invenção*, onde sua adoção é claramente uma atitude contra-hegemônica, busca desvendar o olhar, analisando o contexto que está inserido e desenvolvendo um trabalho transdisciplinar que permite discutir velhos temas com abordagem inovadoras, esboçando novos desenhos onde haja lugar para aprofundar a análise nas *mediações*, nas *frentes*, nas *heterogeneidades culturais*, assim como ocorrem as dinâmicas de *desterritorialização* e *hibridização*. Essa invenção só ocorrerá com remoção dos muros que separam “as disciplinas, cânones e hierarquias dos saberes, racionalidades políticas ou evidências tecnológicas, e se vai elaborando uma articulação estrutural entre formação e investigação” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 242).

Neste caso, consigo perceber a proximidade entre as concepções de Martín-Barbero e Paulo Freire que se complementam, havendo, em certa medida, uma cumplicidade de pensamentos, uma vez que ambos desenvolvem suas teorias no campo contra-hegemônico, fazendo a discussão numa perspectiva em que confronta as concepções estabelecidas, na comunicação e na educação, ditadas pelos projetos hegemônicos, colocando em xeque o papel pré-estabelecido das instituições de ensino, tanto básico quanto superior, e dos docentes, questionando o papel do docente na formação da sociedade que está inserido.

O entrecruzamento de ideias entre Martín-Barbero e Freire ocorre a partir da conceituação de mediação por Martín-Barbero em sua tese de doutorado, não publicada, onde afirma que “Pensar o acontecimento como *práxis* exige ir além das *formas* para entrever as *mediações* que religam a palavra à ação e constituem as chaves do processo de libertação” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 20). Nesse momento, em relato de Martín-Barbero, no livro *A comunicação na educação* (2014), há inspiração na teoria formulada por Freire em *Pedagogia do Oprimido* (1967), uma escolha totalmente consciente, que traduz ao leitor uma convergência intelectual e teórica em teses defendidas por ambos. Desse modo, é imprescindível fazer a conexão de suas concepções, já que nosso caminho está fundamentado, metodológica e teoricamente, em suas teses.

Martín-Barbero (2014) destaca a importância do projeto educativo

desenvolvido por Freire quando aponta a dimensão da abrangência de suas ideias que vão “de Argel a Estocolmo” se referindo aos lugares onde Freire desenvolveu seu trabalho, e devido a essa amplitude e, mais ainda, por ser “a primeira teoria latino-americana de comunicação a se comunicar consigo mesma e com o resto do mundo” (MARTÍN-BARBERO, 2014, 19). Martín-Barbero se refere a teoria desenvolvida por Freire para alfabetização de jovens e adultos denominada de Educação Libertária ou Libertadora, que utiliza como método a adoção da palavra geradora, ou palavra-ação, que moveu as estruturas da educação. A teoria parte do pressuposto de que com o estudo de uma palavra, não uma palavra qualquer, mas uma palavra que tenha significado social, o indivíduo possa aprender não somente a decifrar grafemas e fonemas para adquirir a leitura e a escrita, mas aprenda, realmente, a *ler o mundo*. E isso significa localizar-se enquanto sujeito pensante e ativo, capaz de interpretar e se perceber enquanto indivíduo explorado, parte de uma sociedade capitalista e de classes.

A palavra, nas visões de Martín-Barbero e Freire, enche-se de novas representações, neste caso, e ganha novos significados. A palavra abre portas, liga mundos, revela realidades e faz a *mediação* entre a teoria e a prática, entre a palavra e a ação, resultando na *práxis* que leva ao processo de libertação. Assim,

a palavra explicita a consciência que vem da ação, e feita pergunta, penetra a espessura sólida da situação, rompe o feitiço da passividade frente à opressão. Se a palavra sozinha é impotente, a ação sozinha é estéril, a imagem do futuro se engendra entre as duas: a palavra desenha a utopia que as mãos constroem e o pedaço de terra libertada torna verdade o poema. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 20)

Sob esse modo de olhar, o processo educativo se transforma e o ato de aprender (e ensinar) avança na medida em que a palavra aprendida deixa de ser algo vazio, sem significado real ou isolada de qualquer contexto. Agora a palavra é significativa e está ligada a uma ação intencional e à realidade social do aprendente. Na mesma direção, Freire (2005, p. 50) afirma que “Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo” posto que toda “educação é um ato político” (FREIRE, 1997, p. 58). A palavra precisa ter o poder de se comunicar com a realidade do seu entorno, falando, ao educador e educando, do contexto, do cotidiano, das relações de poder, exploração, transformação e libertação. A palavra, nesse sentido, transgride e transforma, assim, “a comunicação é ponte e ruptura: mediação” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 30). A

mediação entre educador e educando ocorre através da realidade vivenciada, levando à compreensão de seu papel e a busca da modificação do contexto de exploração que está inserido. A relação é de tomada de consciência e de reciprocidade entre educador e educando, necessitando, contudo, que o educador abra mão de sua posição de superioridade e detentor do conhecimento, admitindo-se, assim, como sujeito que ensina, mas também aprende, pois

já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos. (FREIRE, 1994, p. 44)

Esse processo não ocorre de forma isolada, mas de forma *dialógica*, que, diferente da educação tradicional, trata o aprendiz como *sujeito de conhecimento*, que conhecendo o mundo, o transforma e sofre os efeitos de sua própria transformação. Para Freire é no diálogo que os indivíduos ganham significação, verdadeiramente, como seres humanos. Diálogo é encontro, “é conquista do mundo para a libertação dos homens”. (FREIRE, 1994, p. 51)

Nessa perspectiva, o indivíduo percebe-se e é percebido enquanto ser humano que está inserido em uma sociedade de classes e não como um vasilhame vazio à espera de ser preenchido pelos conhecimentos depositados pelo professor. Ao contrário, está *preenchido* com conhecimentos, experiências e relações. O sujeito sendo possuidor de conhecimento se encontrará, segundo Freire, em “situação gnosiológica” na educação que nada mais é do que “aquela em que o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunica a outros sujeitos igualmente cognoscíveis” (FREIRE, 1985, p. 78). O desenvolvimento desse processo ocorre através da relação dialógica, que também é comunicação, entre os indivíduos e o mundo. Aqui, novamente, Martín-Barbero e Freire convergem quanto à ideia de que a educação se faz com a comunicação de homens e mulheres, mediatizados pelo mundo, transformando o mundo e sofrendo essa transformação. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (FREIRE, 1985, p. 69). A comunicação, gerada através do diálogo e da troca de saberes, ou seja, a relação dialógica, é a base da educação libertadora em contraposição à educação bancária (tradicional).

Freire e Martín-Barbero consideram o diálogo como um fenômeno humano que se utiliza da palavra para que a práxis ocorra. Certamente isso não ocorre da *doação* de conhecimento de um sujeito a outro, mas com a luta e conquista desses conhecimentos. Assim, o ato de ensinar, e aprender, se torna um ato político, uma vez que, mediados pela comunicação dialógica, mudam papéis, do educador e do educando. Mudam as ações, de educador para educando, para de educador *com* educando e educando *com* educador. Num caminhar junto, lado a lado, onde o *status quo* é questionado e esse questionamento constrói novas realidades onde o indivíduo consegue se localizar enquanto sujeito em construção, de mudança e de transformação, ou seja, em um sujeito dialógico.

1.1. INSPIRAÇÃO EM PAULO FREIRE

Liberdade, afeto, amorosidade, dialogicidade, sujeito, transgressão e mudança. Palavras que remetem a prática da pedagogia libertadora de Paulo Freire, ou melhor, Paulo Reglus Neves Freire, nascido em 19 de setembro de 1921 na cidade de Recife, Pernambuco. É preciso conhecer um pouco de sua vida e trajetória para entender o porquê foi declarado Patrono da Educação Brasileira e qual importância alcançou no Brasil e no mundo.

Paulo Freire era filho de Joaquim Temístocles Freire, capitão da Polícia Militar, e Edeltrudes Neves Freire, dona de casa, e morou na cidade do Recife até 1931. Sua família era de classe média, porém isso não o poupou de, na crise econômica no final de 1929, passar por problemas econômicos e não ter o que comer em sua casa.

Quando tinha 10 anos, em 1931, sua família se mudou para o município vizinho de Jaboatão dos Guararapes (PE). Coursou o ginásio no Colégio 14 de Julho, em Recife, e aos 13 anos perdeu o seu pai, cabendo à sua mãe o sustento dos quatro filhos. Em 1943, com 22 anos, Paulo Freire ingressou na Faculdade de Direito, em Recife, mas também estudava, ao mesmo tempo, Filosofia da Linguagem. Freire voltou ao Colégio Osvaldo Cruz, onde estudou, para dar aulas de Língua Portuguesa aos jovens do Ensino Médio e, já formado, passou também a ser professor de Filosofia na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco.

Freire foi casado durante 43 anos com a servidora pública Elza Maria Costa de Oliveira, que faleceu em 1986. Se casando anos depois com Ana Maria Araújo Freire, educadora pernambucana, que desde 1997, sendo herdeira do legado de

Freire, organiza a publicação de seus livros inéditos e traduz suas obras escritas para diversas línguas da Europa e do Oriente.

Paulo Freire sempre esteve com sua vida ligada à educação e os métodos do ensino tradicional sempre o incomodaram, fazendo com que, em 1955, junto com outros educadores, fundasse o Instituto Capibaribe, com o objetivo de formar uma escola alternativa, sem fins lucrativos, que desenvolvesse uma educação crítica e voltada aos anseios dos trabalhadores. No Instituto, Freire desenvolveu um sistema de alfabetização de adultos que foi apresentado no 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos, ocorrido no Rio de Janeiro, em 1958. Já no ano seguinte, Freire passa a ser professor do curso da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco e, em 1961, agora como diretor, monta um grupo de educação popular, em Angicos, Pernambuco, pelo qual ficou conhecido internacionalmente ao alfabetizar 300 trabalhadores rurais em 45 dias. Sua atuação profissional sempre esteve ligada à atuação política e acreditava na teoria ligada à prática, ou seja, na práxis. Atuando no Movimento Cultura Popular (MCP), buscava a conscientização dos trabalhadores por meio da educação e dos Círculos de Cultura. O método utilizado buscava alfabetizar através da chamada *palavra geradora*, ou seja, uma palavra do contexto em que o aluno vive, uma palavra que deve ter um significado social. E a partir dessa palavra a aprendizagem se desenvolve, não só da palavra, mas da conjuntura que a envolve, tais como questões trabalhistas, direitos, salários, hora-extra e condições de trabalho. Foi essa experiência realizada em Angicos que projetou Freire nacionalmente.

A ação desenvolvida em Angicos ficou conhecida como *As 40 horas de Angicos* e levou Freire a ser um dos atores principais da formulação do Plano Nacional de Alfabetização¹¹, tendo o seu método como uma das principais ações para alfabetizar um milhão de brasileiros.

Com o golpe civil-militar¹² de 1964, o Plano Nacional de Alfabetização é extinto e Freire fica preso durante 70 dias. Quando é libertado, buscou exílio na Bolívia e no Chile. Em sua temporada no exílio, ficou conhecido internacionalmente

¹¹ O Programa Nacional de Alfabetização (PNA) foi criado oficialmente pelo Ministério da Educação e Cultura em janeiro de 1964, e deu base legal às frentes de trabalho que já vinham se desenvolvendo. Criou-se a Comissão Especial do PNA, cujo coordenador geral era Paulo Freire, e a Coordenação Estadual do Rio de Janeiro que, com sede no MEC/RJ, era dividida em três Seções: Alfabetização, Administração e Mobilização. (COIMBRA, 2000, p.11)

¹² Segundo Eduardo Bueno, o Golpe foi deflagrado pelas forças armadas, porém a sociedade civil e o Congresso tiveram participação decisiva nele (BUENO, 2010, p. 374)

e atuou na Organização das Nações Unidas (ONU). Em Cambridge, na Inglaterra, foi consultor especial do Departamento de Educação do Conselho Municipal das Igrejas, em Genebra, na Suíça. Durante o exílio, Freire visitou mais de 30 países, buscando desenvolver projetos de alfabetização e redução das desigualdades.

Em 1979, após a anistia do Governo Geisel, retornou ao Brasil. Em seu retorno Freire se filiou ao Partido dos Trabalhadores (PT) e foi Secretário de Educação da cidade de São Paulo, entre 1989 e 1991, sendo ainda professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Segundo sua biografia, Paulo Freire escreveu mais de 20 livros, além de outros 13 em parceria com educadores brasileiros renomados. Seu legado na educação levou seus livros a serem traduzidos e comercializados para mais de 80 países.

A vasta literatura produzida por Freire é um importante embasamento para esta pesquisa, pois além da fundamentação teórico-metodológica, alicerçada principalmente na obra *Pedagogia do Oprimido* (1994), os livros escritos em formato de cartas contribuem como instrumental para nosso percurso. Neste caso, o uso de cartas para fomentar a discussão sobre determinado tema, deixando pistas importantes do caminho a percorrer. Assim passo, adiante, a abordar cada um dos livros-cartas escritos por Freire para um melhor entendimento do processo a ser percorrido.

Cartas à Guiné Bissau (1978), *Cartas à Cristina* (2015) e *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (2015) são os livros redigidos em formato de cartas, em que Freire, ao dissertar sobre um tema, transforma-se em remetente, fazendo de seu(s) leitor(es) destinatários. Essa prática corrente do autor para se comunicar com seus amigos, resultou em um ato didático-metodológico, intensificada ao partir para o exílio devido à ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985).

Em *Cartas à Guiné-Bissau* (FREIRE, 1978), Freire relata sua experiência no processo de alfabetização da população daquele país africano. A República da Guiné-Bissau está situada na África Ocidental, e faz fronteira com a República do Senegal e com a República de Guiné. É banhada pelo Oceano Atlântico tendo, ainda, o Arquipélago dos Bijagós como parte de seu território.

O livro é dividido em duas partes. Na primeira, Freire faz a contextualização

do momento histórico pelo qual Guiné-Bissau passava, sendo que sua missão pedagógica começa a partir de sua independência, em 1973. Na segunda parte, publica as cartas enviadas ao engenheiro guineense Mário Cabral, integrante do Comissariado do Estado para Educação e Cultura da República da Guiné-Bissau e à sua equipe e discorre sobre o processo de desenvolvimento do Plano de Alfabetização, seus fundamentos políticos e conceituais, dissertando, inclusive, com exemplos de como ocorre a alfabetização com uso de palavras geradoras e as condições favoráveis à sua implantação.

Interessante destacar que as primeiras cartas enviadas por Freire tratam Mário Cabral de forma cerimoniosa, destacando em seu cabeçalho o cargo ocupado pelo engenheiro guineense. Porém, à medida que a troca de cartas vai se intensificando, e os correspondentes vão estreitando os laços de companheirismo, de simpatia e cumplicidade em torno de uma causa, a mudança ocorre e Freire passa a tratá-lo, afetuosamente, como *camarada*.

O processo de educação e alfabetização de um povo tem uma relação direta com sua conscientização e libertação, e Freire demonstra tal esforço ao citar Amílcar Cabral (1924-1973), o ideólogo da independência de Guiné-Bissau, que afirma:

a luta de libertação, que é a expressão mais complexa do vigor cultural do povo, de sua identidade e de sua dignidade, enriquece a cultura e lhe abre novas perspectivas de desenvolvimento. As manifestações culturais adquirem um conteúdo novo e novas formas de expressão. Tornam-se assim um instrumento poderoso de informação e de formação política, não somente na luta pela independência, mas ainda na batalha maior pelo progresso. (CABRAL *apud* FREIRE, 1978, p. 84)

Já em *Cartas à Cristina* (FREIRE, 1994), o autor atende ao pedido de sua sobrinha, Cristina, que em 1984 havia lhe enviado uma carta pedindo para que lhe contasse um pouco de sua vida como educador. Freire escreve, agora já com fama internacional e no exílio em Genebra, porém, com dez anos de atraso. Este livro é uma espécie de autobiografia, livro-memória, e traça a trajetória de vida e militância política em prol de uma educação transformadora. O livro está dividido em duas partes. Na primeira parte, que tem as 13 primeiras cartas, narra histórias de sua vida, a partir de determinado episódio ou tema, como, por exemplo, o título da 2ª carta: *A gravata de meu pai e o piano alemão de tia Lourdes*. Assim, partindo da observação de um fato ou objeto, Freire vai construindo uma narrativa rica e atraente que, certamente, acaba por apaixonar o leitor. Importante salientar que não

se trata de uma mera narrativa de fatos, mas seu relato vem carregado de análises e reflexões sobre como, naquele momento, encarava a realidade e, mais ainda, como, mesmo tão jovem, criança em algumas de suas cartas, já tinha um pensamento não conformista com as dificuldades e privações pelas quais passou. Esse espírito surge logo no título da *1ª Carta: A fome na minha infância. Em tenra idade já pensava que o mundo teria que ser mudado*. Mesmo criança notava que havia algo errado em um mundo onde crianças passam fome, não sendo fatalista, achando que isso é normal ou, devido a sua formação cristã, ser a vontade de Deus. Como Freire chama, naquele momento, já havia um “otimismo crítico” (FREIRE, 1994, p. 34).

A segunda parte do livro é composta pelas cinco cartas restantes e, não poderia faltar, a carta que Cristina, sua sobrinha, a *culpada* por tamanha obra. As cartas que compõem a segunda parte trazem uma lembrança dos outros livros que o autor escreveu, pois discorre sobre assuntos já conhecidos dos leitores de Freire, falando temas como *Educação e democracia* (14ª carta) ou *O sonho da libertação e a luta contra a dominação* (17ª carta).

Colocando aqui, a impressão pessoal, de todos os livros de Freire que li, e não foram todos, esta é uma das leituras mais prazerosas que desfrutei. Nele, além do autor nos levar de volta a momentos de sua história de vida, faz com que, junto com ele, caminhemos pelas estradas que o constituíram e o transformaram no ser (humano) político que se tornou. *Cartas à Cristina* nos coloca em uma viagem de conhecimento e como Nogueira (*apud* FREIRE, 2020, p.8) afirma, “O trabalho de Paulo é uma espécie de percurso. Um corrimão através do qual fazemos viagens de pensamento: ‘... idas e vindas...’”.

Em outro livro, publicado em 1997, em formato de cartas é *Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar*, Freire suscita a discussão sobre a valorização da prática do exercício do professor, aqui no caso da professora, uma vez que os docentes de Educação Básica que atuam como professor-alfabetizador são, na grande maioria, mulheres. Freire (2015) fez questão de esclarecer o porquê do título quando afirma:

o que me parece necessário na tentativa de compreensão crítica do enunciado professora, sim; tia, não, se não é opor a professora à tia não é também identificá-las ou reduzir a professora à condição de tia. A professora pode ter sobrinhos e por isso é tia da mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora, por isso, trabalhar com alunos. Isto não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme a professora em tia de seus alunos da mesma forma como uma tia qualquer não se converte em

professora de seus sobrinhos só por ser tia deles. Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. Se pode ser tio ou tia geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos, mas não se pode ser autenticamente professora, mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos. (FREIRE, 2015, p. 22)

Neste livro, com dez cartas e um texto reflexivo final, Freire discorre sobre a importância da profissão de professor, no caso *professora*, e as implicações e armadilhas que caímos ao aceitar, e até defender, sermos chamadas por nossos pequenos alunos de *tia*. Como afirma Freire,

a tentativa de reduzir a professora à condição de tia é uma “inocente” armadilha ideológica em que, tentando-se dar a ilusão de adocicar a vida da professora, o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta ou entretê-la no exercício de tarefas fundamentais. (FREIRE, 2015, p. 32)

Uma professora luta por seus direitos trabalhistas, faz greve, exige melhores condições de trabalho e que seu empregador, Estado ou empresa privada, forneça os materiais necessários para o desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos. Essa prática seria uma atitude penosa a uma tia, posto que uma tia não abandona seus sobrinhos, ausentando-se da sala de aula, mesmo que para lutar por seus direitos. Uma tia é vista como desumana quando se recusa a comprar, com seu próprio salário, o quadro com as letras coloridas do alfabeto, os números de 0 a 10, o mural com os nomes dos presentes/ausentes ou o calendário em E.V.A., materiais fundamentais para a aprendizagem de seus sobrinhos. É desse modo, confundindo os laços de afetividade, que a professora, ao aceitar a denominação, carinhosa, de tia, cai na armadilha da educação conservadora e tradicional. É importante salientar que Freire não nega que possa haver afetividade entre a professora e seus alunos; pelo contrário, uma de suas fases mais conhecidas é “Não há educação sem amor”. Porém, esse amor está no ato de desenvolver a docência com afetividade, vendo no aluno um ser pensante, participante ativo do processo ensino aprendizagem e esse amor não pode cegar a professora a ponto de não enxergar que a relação professor-aluno é uma relação social e política, permeada de contradições e relações de poder. E isso não pode ser menosprezado para quem dedica sua vida à educação.

É preciso salientar que, embora Freire tenha se debruçado em escrever vários livros em formato de cartas, somente no período de entre 1992 e 1997, ao escrever o livro *Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e outros escritos*, publicado por Ana Maria Freire (Nita) após sua morte, surge o termo *Cartas Pedagógicas (CP)*. O modo como Freire desenvolveu seus livros em formato de

cartas suscitou a pesquisa de muitos estudiosos, dentre eles Camini (2012), Paulo e Dickmann (2020) e Freitas (2020), que em seus trabalhos buscaram sistematizar, teórico-metodologicamente, práticas educativas que utilizam as Cartas Pedagógicas.

No artigo “Fazer a aula com Cartas Pedagógicas: legado de Paulo Freire e experiência de reinvenção no ensino superior”, publicado na Revista Eletrônica Docência do Ensino Superior, Freitas (2021) discorre sobre sua experiência no uso das Cartas Pedagógicas na prática docente, salientando a importância de sua utilização, lembrando que, segundo Freire, ensinar é um ato político carregado de intencionalidade pedagógica.

Assim como Freitas (2021), neste estudo utilizo as Cartas Pedagógicas como instrumento metodológico. Neste sentido, o Produto Educacional fruto deste trabalho foi desenvolvido tendo as Cartas Pedagógicas como recurso para fomentar a discussão sobre a identidade amazônica, conhecimento científico e saberes tradicionais.

1.1.1 Das Cartas às Cartas Pedagógicas

A carta já foi o principal meio de contato entre as pessoas durante muito tempo. Foi instrumento de paz e guerra, combustível dos amantes, acalanto das mães e diário dos viajantes. Também pode ser chamada de ânuia, missiva, epístola, cartel, circular ou encíclica. Ela pode vir por via expressa, tradicional, psicografada, por mãos amigas ou furtivas. Pode ser curta ou longa, oficial ou informal, perfumadas ou estéreis. Assim são as cartas que têm o poder de ligar pessoas, de tornar o distante próximo.

As cartas têm um papel muito importante na história do ser humano e em tempos remotos e, quando não havia internet, redes sociais, correio eletrônico ou telefone, era o instrumento utilizado. As cartas tiveram sua importância e muitas ficaram famosas, ou devido a seu conteúdo ou por seus remetentes e destinatários. Cartas como a do pacifista Gandhi para Adolf Hitler pedindo que evitasse os conflitos que levariam meses depois à deflagração da Segunda Guerra Mundial; de Albert Einstein para Franklin D. Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos, pedindo providências para agilizar os estudos com enriquecimento de urânio que levaria à criação da bomba atômica e que Einstein afirmaria mais tarde ter sido “o grande erro de sua vida”. Na literatura, uma carta leva ao personagem Harry Potter a notícia de que é aceito na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Na história do Brasil, a mais antiga a ser conhecida é carta enviada ao rei de Portugal, D. Manoel,

em 1500, pelo escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, Pero Vaz de Caminha, e, mais recentemente, a carta do vice-presidente Michel Temer (PMDB) à então presidente Dilma Rousseff (PT) onde disserta sobre a desconfiança do governo em relação ao seu partido (MDB), apontando para o rompimento e início do que viria a culminar no golpe no Governo de Dilma Rousseff em agosto de 2016.

Como vimos, as cartas servem a diversos propósitos, sendo determinantes em dado momento para tomada de decisões, e, em outros, protagonista de fatos históricos, cumprindo, sempre, o papel de fazer a comunicação acontecer, independente da distância percorrida.

Na história de muitas sociedades há cartas que se tornam atemporais devido ao seu conteúdo, contexto e importância. Assim, não podemos avançar no aprofundamento do tema sem antes fazer uma escala para visitar algumas das cartas que, a seu modo, e em seu tempo, contribuíram para um mundo melhor. A seguir, veremos o potencial transformador que uma carta pode ter e, quem sabe, mudar o mundo.

1.1.1.1 - Carta da Declaração Universal dos Direitos Humanos

Não há como começar essa conversa sem falar na carta, em minha opinião, que mudou os rumos do mundo para melhor. Ela fez com que nós, homens e mulheres, tornássemos-nos mais humanos e interrompeu a escalada violência, agressão e, principalmente, falta de limites nos conflitos entre os povos. Uma carta fundamental que foi escrita há 75 anos por mentes e mãos ligadas a 48 países diferentes e foi proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em Paris, em 10 de dezembro de 1948. Essa carta é a Declaração Universal dos Direitos Humanos e, em seus 30 artigos, trata dos direitos fundamentais do ser humano. A Carta revela, em seus dois primeiros artigos, direitos que não podem ser negociados:

Artigo 1. Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

Artigo 2. Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. (ASSEMBLEIA GERAL DA ONU, 1948)

O mundo se recuperava das perdas e atrocidades da Segunda Guerra Mundial e precisava de um documento com “o ideal comum a ser atingido por todos

os povos e todas as nações” (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948, Preâmbulo). Para conseguir que todos concordassem com o texto final, a carta levou dois anos para ser elaborada. Anteriormente não havia uma legislação universal respeitada por todos os países do mundo e que regulassem as ações em guerras e conflitos entre povos, desse modo, proliferavam torturas, armas químicas, biológicas e todo tipo de barbárie.

Figura 2 - Primeira publicação da Declaração Universal dos Direitos Humanos



Fonte: *síte da ONU*. Acesso em 25/03/2023.

A brasileira Bertha Lutz (1894-1976), líder na luta pelos direitos das mulheres, foi a representante do Brasil na elaboração da carta e segundo o documentário *Bertha Lutz: A Mulher na Carta da ONU* (CRUZ JR, 2021), a brasileira teve papel fundamental na inclusão de preceitos de igualdade de gênero, em especial no Artigo 8º.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a Declaração Universal dos Direitos Humanos é o documento mais traduzido do mundo, estando escrito em mais de 500 idiomas.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos é inspiração para muitos países e no Brasil esses direitos estão assegurados no Artigo 5º da Constituição Federal de 1988. E após 75 anos de sua publicação é, ainda, referência na busca por um mundo melhor.

1.1.1.2 - Carta de Esperança Garcia

Dentre as cartas que li e pesquisei, uma das que mais me tocou, por ser quem escreveu, quando e o motivo, foi a carta escrita em 1770, por Esperança Garcia, uma mulher preta escravizada. O fato de ser mulher, naquela época, já dificultava o acesso a aprender a ler e escrever. Some-se a isso, ser uma pessoa *de cor*. Porém, isso não impediu Esperança Garcia de escrever uma carta ao governador da capitania para denunciar as mazelas vivenciadas por ela, seu filho e outras mulheres escravizadas que viviam na mesma situação. Na carta, Esperança relata os maus tratos sofridos e a negação de uma das poucas concessões dos escravocratas: confessar-se e batizar seus filhos na fé cristã. Além de pedir a intercessão do governador para que possa, junto com seu filho, retornar à fazenda onde vivia com seu marido. O historiador Mairton Silva e a advogada Maria Sueli de Souza, que fazem parte da Comissão Estadual da Verdade e da Escravidão Negra da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção Piauí, desenvolveram uma aprofundada pesquisa que resultou em um dossiê sobre a vida de Esperança.

Em sua defesa, Esperança cita o Decreto que “proíbe a venda de escravos de pregão, separar o marido da mulher, o filho do pai, da mãe, salvo quando maiores de 15 anos” (2022). Na carta, carregada de significado político, a autora se coloca como porta-voz de suas companheiras de sofrimento e, embora escreva na primeira pessoa, não se furta a pedir providência e reparação coletiva.

A coragem e ousadia de Esperança Garcia lhe rendeu, ainda que tardiamente, o título de primeira advogada mulher do Brasil, concedido em 2022 pelo Conselho Pleno da Ordem dos Advogados do Brasil. Um reconhecimento por sua luta e coragem. Diante a carta de Esperança Garcia:

Figura 3 - Carta de Esperança Garcia

Oeiras (PI). 6 de setembro de 1770

Vossa Senhoria Governador da Capitania Gonçalo Lourenço Botelho de Castro

Eu sou uma escrava de Vossa Senhoria da administração do Capitão Antonio Vieira do Couto, casada. Desde que o capitão lá foi administrar que me tirou da fazenda algodões, onde vivia com o meu marido, para ser cozinheira da sua casa, ainda nela passo muito mal. A primeira é que há grandes trovoadas de pancadas em um filho meu sendo uma criança que lhe fez extrair sangue pela boca, em mim não posso explicar que sou um colchão de pancadas, tanto que cai uma vez do sobrado abaixo peitada, por misericórdia de Deus escapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confessar há três anos. E uma criança minha e duas mais por batizar. Peço a Vossa Senhoria pelo amor de Deus ponha aos olhos em mim ordinando digo mandar ao procurador que mande para a fazenda aonde me tirou para eu viver com meu marido e batizar minha filha.

Esperança Garcia

Fonte: Encartada em Canva.com pela autora a partir da escrita original de Esperança Garcia, (2022).

1.1.1.3 - Carta de uma cadeia de Birmingham¹³ - Martin Luther King Junior

Esta carta foi escrita em um contexto de muito conflito durante a luta contra a segregação racial que imperava nos Estados Unidos. O ano era 1963, e Martin Luther King encontrava-se preso em Birmingham, Alabama, por liderar uma marcha pacífica pelos direitos civis da população negra. King era um pacifista e defendia a luta sem o emprego da violência. A carta foi escrita em resposta à declaração de renomados pastores que condenavam as manifestações e exigiam o fim do

¹³ Disponível em: Carta de uma prisão em Birmingham - Martin Luther King Jr.pdf. Acesso em 23 nov. 2022.

movimento. Como seu avô e seu pai, King era religioso e profundo conhecedor dos ensinamentos da Bíblia e contestou tais declarações afirmando que "A injustiça em qualquer lugar é uma ameaça à justiça em todos os lugares" (KING, 1963, p. 2). Em dezesseis páginas, escritas gradualmente e contrabandeadas em pedaços de papel para fora da prisão por seu advogado, King responde às críticas dos religiosos, utilizando, inclusive, trechos e citações da Bíblia para demonstrar quão justas e necessárias são as manifestações dos negros, lembrando que "lamentavelmente, é um fato histórico que grupos privilegiados raramente renunciam aos seus privilégios por vontade própria" (KING, 1963, p. 4), e cita diversas situações em que os negros sofrem com a opressão e discriminação, assim como "quando você viu policiais cheios de ódio amaldiçoarem, chutarem e até matarem seus irmãos e irmãs negras" (KING, 1963, p.5). Por isso, não há como esperar, afirma King.

Coleta de dados, negociação, autopurificação e ação direta não violenta, são os passos de sua estratégia de luta pacífica, detalhados na carta. Salientando que, em sua opinião, adotar a ação direta foi devido ao fracasso das tentativas de negociações, pois para os governantes brancos não há discussão. Em sua carta, King lembra que "a liberdade nunca é voluntariamente concedida pelo opressor, ela tem que ser exigida pelo oprimido" (KING, 1963, p.4), e justifica sua luta e a desobediência civil quando há, segundo ele, leis justas e leis injustas, estas últimas, podem e devem ser contestadas. E, como base de diferenciação, argumenta que enquanto uma lei justa eleva a personalidade humana, a lei injusta a degrada.

As palavras finais escritas na carta revelam sua intencionalidade e nos deixam a esperança em um futuro de paz, igualdade e fraternidade.

Espero que essa carta encontre-os fortes em sua fé. Espero também que as circunstâncias em breve permitam que me encontre com cada um de vocês, não como um integracionista ou um líder dos direitos civis, mas como um colega clérigo e um irmão cristão. Tenhamos todos esperança em que as nuvens negras do preconceito desapareçam em breve e a neblina profunda da incompreensão dissipe-se das nossas comunidades cheias de medo, e que em uma amanhã não muito distante as estrelas radiantes do amor e da fraternidade brilhem sobre nosso grande país com toda a sua beleza cintilante. (KING, 1963, p. 16)

A carta expõe as mazelas vividas pelos negros, mesmo depois da promulgação da lei que baniu a segregação racial em escolas públicas. Nos anos seguintes, o movimento obteve importantes vitórias na luta contra a discriminação racial com a criação da Lei dos Direitos Civis, em 1964, e da Lei dos Direitos de

Voto, em 1965.

A luta contra a discriminação racial não se encerra com esta carta e ainda há muito a avançar. Ainda hoje se vê, frequentemente, casos de violência contra a população negra no Brasil e no mundo. O caso do assassinato de George Floyd em 2020, nos Estados Unidos, por um policial branco mostra que a luta contra o racismo é uma pauta que não se deve abandonar.

1.1.1.4 - Carta da Terra¹⁴.

Casa de todos nós, assim devemos olhar o planeta Terra como lugar onde se desenvolva uma sociedade justa e sustentável, com moradia, alimentação e bem estar. A Carta da Terra busca uma terra de todos e sem males, uma terra do bem viver. É essa inspiração em um futuro melhor para os povos que nos leva a refletir sobre um mundo em que há uma interligação entre todas as nações, com respeito ao próximo e a toda forma de vida, humana e não humana, refletindo sobre alternativas globais para uma convivência harmônica onde seremos responsáveis, juntos, pela construção de um amanhã de paz que ultrapasse fronteiras e bandeiras. A carta é um clamor aos governantes e à sociedade para trilhar o caminho do desenvolvimento sustentável, com respeito às gerações futuras e uma crítica ao modelo de desenvolvimento capitalista. Para demonstrar a urgência, afirma sobre a situação global:

os padrões dominantes de produção e consumo estão causando devastação ambiental, redução dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Comunidades estão sendo arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos equitativamente e o fosso entre ricos e pobres está aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e são causa de grande sofrimento. O crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social. As bases da segurança global estão ameaçadas. Essas tendências são perigosas, mas não inevitáveis. (CARTA DA TERRA, 2000, p. 1)

Ao levantar tais problemas, aponta, ainda, os desafios que temos a enfrentar e a imensa responsabilidade de todos perante tal incumbência. A Carta da Terra começou a ser desenhada durante as discussões da Eco-92¹⁵, por iniciativa da ONU, porém, somente nos anos 2000, com a participação de movimentos sociais, governos e organizações, foi lançada como Carta dos Povos e trouxe como princípios balizadores o respeito e cuidado da comunidade de vida, a integridade

¹⁴ Carta da Terra. In: <https://docs.ufpr.br/CartadaTerra.pdf>. Acesso em 09 mai. 2023.

¹⁵ Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento realizada no Rio de Janeiro, em 1992, teve como objetivo discutir a responsabilidade ambiental a partir dos pontos de vista científico, diplomático e político.

ecológica, a justiça social e econômica, a democracia, não-Violência e a paz. Sua construção nasceu muitos anos atrás e traz pontos importantes inspirados em documentos produzidos em encontros e movimentos em defesa do meio ambiente. Dentre outros, podemos destacar a Declaração de Estocolmo sobre o Meio Ambiente Humano (1972), Declaração de Nairobi (1982), Carta Mundial para a Natureza (1982), e o Código Universal de Conduta Ambiental (1990). Seu objetivo é fazer com que todos, governos, povos, organizações, comprometam-se com ações de paz, respeito e igualdade.

Figura 4 - Princípios da Carta da Terra



Carta da Terra

A Carta da Terra é uma declaração de princípios elaborada globalmente por uma nova ética para a comunidade viva da Terra. Seus princípios são:

- 1.** Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade.
- 2.** Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.
- 3.** Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas.
- 4.** Garantir a generosidade e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.
- 5.** Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que sustentam a vida.
- 6.** Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental, e quando o conhecimento for limitado, tomar o caminho da prudência.
- 7.** Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário.
- 8.** Avançar no estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e uma ampla aplicação do conhecimento adquirido.
- 9.** Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social, econômico e ambiental.
- 10.** Garantir que as atividades econômicas e instituições em todos os níveis promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável.
- 11.** Afirmar e igualdade e equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, ao cuidado da saúde e às oportunidades econômicas.
- 12.** Defender, sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, dando especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias.
- 13.** Fortalecer as instituições democráticas em todos os níveis e proporcionar-lhes transparência e prestação de contas no exercício do governo, a participação inclusiva na tomada de decisões e no acesso à justiça.
- 14.** Integrar na educação formal e aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável.
- 15.** Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.
- 16.** Promover uma cultura de tolerância, não violência e paz.

Instituto 5 Elementos
Educação para a Sustentabilidade

Fonte: Carta da Terra, 2000.

A Carta da Terra é, acima de tudo, um esforço para a construção de uma

sociedade justa, sustentável e pacífica.

1.1.1.5 - Carta de Declaração do X Fórum Social Pan-Amazônico¹⁶.

Às margens do rio Guamá, nos últimos dias do mês de julho de 2022, em Belém, capital do Estado Pará, no campus da Universidade Federal do Pará, indígenas, negros, quilombolas, camponeses, ribeirinhos e urbanos dos nove países que formam a Pan-Amazônia - Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa - se reuniram, “tecendo esperança na zona do Panamazônia”, para dizer o que nós, povos amazônidas, queremos para nossa região. Nesse cenário amazônico, ocorreu o X Fórum Social Pan-amazônico - FOSPA, que tem como objetivo discutir a realidade amazônica e propor ações de resistência, conscientização e preservação da região amazônica.

Durante quatro dias os povos e seus representantes se encontram em atividades nos mais diversos formatos, desde a Marcha de abertura até os Tribunais simulados com discussões em defesa da Amazônia, visando debater sobre os desafios enfrentados na construção de um movimento de resistência ao sistema capitalista representado pelo agronegócio, pela mineração e pelo grande latifúndio.

Toda essa discussão que está representada na *Declaração do X Fórum Pan-Amazônico*, na busca por “Outro mundo possível”, faz um retrospecto da situação enfrentada na região, afirmando que

hoje, a Amazônia está no seu pior, devastada por governos para os quais a natureza é uma mercadoria, e os direitos do povo não têm validade. Até hoje, nenhum governo tem garantido o pleno exercício dos direitos dos povos amazônicos de defender a Mãe Natureza. Nesta situação, é necessário chamar os movimentos sociais para apelar para a criatividade, aprender com seus erros e continuar a luta. (REDE JURUENA, 2022)

A carta é um grito de indignação contra os crimes e desmandos que pouco mudaram desde a chegada dos colonizadores, mas também é a demonstração da união de seus povos, desde os Andes Peruanos até os territórios quilombolas no Maranhão, e traz como declaração que não ficaremos inertes perante o desmatamento, a grilagem, o agronegócio e os assassinatos de nossos irmãos. A carta diz, principalmente, que não aceitamos a interferência e a ajuda de quem vem lá de fora com outros interesses, determinando qual o destino de nossa região e que estas terras, matas e rios, para nós, são nossa casa.

Os pontos defendidos na carta são:

- a preservação da região Pan-amazônica, vital para frear o aquecimento global

¹⁶ Carta Fospa 2022.pdf. Acesso em 18 mai 2023.

e garantir a vida no planeta;

- a exigência de modelo político, social e econômico que priorize a integridade de nossa casa comum, que reconheça e respeite os territórios e o pleno exercício dos direitos dos povos amazônicos e dos direitos da Natureza;
- a proposição, como alternativas para uma terra sem males, da diversificação de iniciativas em harmonia com a natureza baseadas na agroflorestação, agroecologia, projetos para produção e consumo local, manejo comunitário do *commons*, florestas e território, uso de sementes nativas, ecoturismo comunitário, projetos de energia alternativa, cuidado e manejo integrado e participativo de bacias hidrográficas e biorregiões;
- a articulação de esforços e lutas em defesa dos territórios da Pan-amazônia e da vida;
- a exigência dos governos dos países pan-amazônicos o desenvolvimento de ações contra a crise climática e a favor dos direitos da Mãe Terra, com medidas reais contra o desmatamento, a degradação e o aumento das emissões;
- o respeito à autogestão e autodeterminação dos povos indígenas, negros, quilombolas, camponeses e costeiros.

Figura 5 - Marcha de Abertura do X Fospa, em Belém-PA (28/07/2022)



Fonte: *Home page Conselho Indigenista Missionário*. Foto: Guilherme Cavalli.

Os povos que subscrevem esta carta acreditam que, como filhos da Mãe Amazônia, podemos juntos e organizados lutar por outro mundo possível, onde não

haja nada de nós sem nós.

Como podemos ver, a Carta Universal dos Direitos Humanos (1948), Carta de Esperança Garcia (1770), Carta de uma cadeia de Birmingham (1963), Carta de Carta da Terra (2000) e Carta X Fospa (2022), todas têm em comum a consciência do homem em busca de uma convivência pacífica, equânime e sustentável, onde não haja desigualdade de gênero, racismo, intolerância religiosa, exploração do homem pelo homem, injustiça, poluição e desmatamento. Essas cartas falam de uma Terra onde a vida valha mais que um pedaço de terra, onde crianças tenham direito à alimentação, educação, saúde, moradia, ao brincar. Essas cartas buscam, sem exceção, uma Terra sem males, uma terra do Bem Viver, que reconhece todo o sujeito humano como um sujeito de direitos e oportunidades iguais.

1.1.2 As cartas e Paulo Freire

A carta também foi o instrumento utilizado pelo educador Paulo Freire (1921-1997) para desenvolver, discutir, formular e difundir a Pedagogia Libertária ou Problematicadora. Uma carta tem o poder de aproximar pessoas, diminuir distâncias, comunicar fatos, da mesma forma que pode educar, inquietar, transformar, engajar. Essa é a diferença entre as cartas convencionais e as cartas pedagógicas.

A palavra pedagógica, que deriva de pedagogia, *paidagōgía*, a “direção ou educação de crianças” (HOUASSIS, p. 102), nesse contexto, reveste-se de outros significados. Aqui, ser pedagógico é ter uma intencionalidade política, crítica e comprometida frente aos desafios que a educação impõe. Libâneo contesta a definição onde a pedagogia seria simplesmente cuidar de crianças, afirmando que

Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais. (LIBÂNEO, 2011, p. 6)

Pedagógico, então, é se ocupar da prática educativa em todos os aspectos. Ser pedagógico não se restringe somente ao ensino, pois a educação não se limita aos muros dos estabelecimentos de ensino, aos bancos da escola, mas está em todas as atividades desenvolvidas pelo ser humano. Entretanto, é preciso lembrar que a sociedade se organiza em classes antagônicas e “Isso significa que a Pedagogia lida com o fenômeno educativo enquanto expressão de interesses sociais em conflito na sociedade em que vivemos” (LIBÂNEO, 2011, p. 8). O que atribui à pedagogia um papel fundamental onde sua prática deve ter intencionalidade em formar cidadãos críticos em busca da transformação social. Essa

intencionalidade aplicada às cartas pedagógicas é que as tornam instrumento de transformação social. Dialogar pedagogicamente, trocar informações e conhecimento, engajar-se, se transformar e transformar o outro, se mostrar ao outro e, ao mesmo tempo, se re-conhecer no outro. “Na teoria dialógica freireana, os sujeitos se encontram para conhecer e transformar o mundo em colaboração. O diálogo, que é sempre comunicação, funda a colaboração que se realiza entre sujeitos.” (OLIVEIRA, 2017, p. 232)

Para Paulo e Dickmann (2020, p. 20), a dialogicidade e participação são elementos fundamentais que devem estar presentes nas Cartas Pedagógicas, nas discussões, construções, na atuação/ação, na transformação, no “diálogo coerente e comprometido com a transformação social”.

Dickmann (2020) aponta 10 características que uma carta pedagógica deve possuir, listadas e comentadas a seguir:

1. Ponto de partida: tudo que fazemos deve ter um início, um ponto de partida. A carta pedagógica deve trazer um pouco do mundo do remetente. Ao escrever parto de minhas vivências, minhas experiências e como estas me transformaram no que sou. Ao escrever partilho com o destinatário minhas experiências de mundo, coloco um pouco do que sou no papel;

2. Objetivo da escrita: ao escrever estou buscando com meu interlocutor dialogar sobre um assunto de meu interesse. Quando dialogo, aprendo, ensino, proponho, me transformo. Escrever faz com que eu me conecte com outro transmitindo minhas ideias e, ao dialogar, instigo o pensamento e a reflexão sobre o tema, e, como o autor afirma, já não estou mais sozinha na defesa de uma ideia. A carta também pode ser considerada um instrumento de registro de ideias, onde eu disserto, compartilhando e fomentando a discussão sobre o tema em questão;

3. Por que é pedagógica? Ao afirmar-se pedagógica, diferente da carta convencional, a carta pedagógica deseja produzir conhecimento e expressar uma atitude política. Falar em atitude pedagógica significa cultivar pensamento crítico onde se almeja refletir sobre um tema trocando ideias e enriquecendo o discurso. “A carta é pedagógica porque a política, e é política porque é pedagógica” afirma Dickmann (2020, p. 41-42);

4. O efeito da carta pedagógica: ao comunicar-se, a carta gera movimento. A carta convida à aproximação, ao diálogo, necessita de resposta, pede continuidade

de contato além de estabelecer uma relação pessoal com outro. Ao escrever eu convido o destinatário a um diálogo e me abro ao contato e isto traduz, segundo o autor, um gesto amoroso de humildade e de complementaridade me conectando ao outro;

5. O conteúdo da carta pedagógica: o conteúdo da carta pode trazer notícias, informações, mensagens e reflexões. Há uma infinidade de possibilidades a serem trabalhadas e exploradas, sempre com a intencionalidade de produzir reflexão, discussão, troca. Enriquecer o debate, dar ao outro o conhecimento de si, partilhar desejos e anseios. Outro aspecto relevante em relação ao conteúdo, é que por se tratar de uma carta não segue critérios rigorosos em sua produção, estando ao alcance de todos, podendo ser escrita pela pessoa com pouca escolaridade ou pelo letrado. Pode ser produzida de forma leve, coloquial, ainda que profunda, e no tempo desejado aos correspondentes;

6. Escrever exige compromisso: ao colocar ideias no papel e compartilhar com o outro, convidando-o à reflexão e ao debate, o comprometimento deve estar presente. As ações devem ser extensão das ideias. Ter propriedade ao defendê-las é fundamental. Mas, acima de tudo, o que se defende deve ser praticado. É a práxis defendida por Paulo Freire;

7. As potências da carta pedagógica: segundo Zitkoski *apud* Dickmann (2018, p. 45), para afirmar que as Cartas pedagógicas têm duas potencialidades, ou seja, devem expressar a capacidade de atingir os aspectos lógicos/racionais e devem tocar o coração das pessoas. Lógico, pois as informações devem ter um sentido, fazendo o interlocutor pensar, raciocinar, refletir sobre o tema, do contrário, não haverá interesse e a missiva em resposta não será recebida e, desse modo, o elo será quebrado. O sentir, sensibilizar, tocar o coração é a outra potência da Cartas Pedagógicas. Um dos aspectos que guarda semelhança com a carta convencional, quando uma pessoa se dispõe a escrever, deve colocar os sentimentos na ponta do lápis, para “atingir as emoções, o sentimento e a afetividade humana” (DICKMANN, 2020, p. 45), e assim revolucionar as relações, transformar sentidos e fortalecer, de modo, o elo;

8. Para quem escrevemos? Ao escrever, estou me mostrando ao outro e vou querer, obviamente, conhecer o outro. Então devo imaginar quem lerá, como as palavras que colocarei no papel o impactarão. Devo ter em mente, e colocar no papel, sentimentos profundos, alicerçados que, lidos, poderão me conectar, formar o

elo e dar a confiança necessária para que o diálogo aconteça e se fortaleça através da carta;

9. A resposta da carta pedagógica: com efeito, depois de todo esse empenho, o que se anseia é pela resposta, pois toda carta deve ter sua resposta. E quanto mais instigante, profundo, cativante e atrativo for o tema tratado, a resposta tem grande probabilidade de vir no mesmo tom. A resposta à carta pedagógica, não necessariamente é a resposta ao assunto dissertado, pode, e esse é o maior desejo, ser a primeira de muitos vai-e-vem de cartas onde se desencadeará a troca, a conversa, a descoberta, a intimidade com que se trata quem se passa a conhecer e reconhecer nas premissas transcritas nas linhas de uma carta, principalmente sendo uma carta pedagógica;

10. O método de escrita da carta pedagógica: para escrever uma carta pedagógica o método é não ter método. Neste caso, os autores deixam livre a escrita, podendo ter uma estrutura pré-definida ou livre. Aqui o que impera é a criatividade. Como exemplo, os autores citam a escrita individual para conversar sobre algo mais íntimo com o destinatário. Pode ser uma escrita coletiva com intuito de registrar e/ou compartilhar dados com outros grupos ou o método mais conhecido desenvolvido por Paulo Freire em diversos de seus livros, onde aborda um determinado assunto relacionado à educação como em *Cartas à Guiné Bissau* (1978). Segundo Freire, o livro é uma carta-relatório sobre sua experiência vivida naquele país ou o livro *Cartas à Cristina* (2015), no qual conta à sua sobrinha, Cristina, sobre sua vida e militância na educação popular.

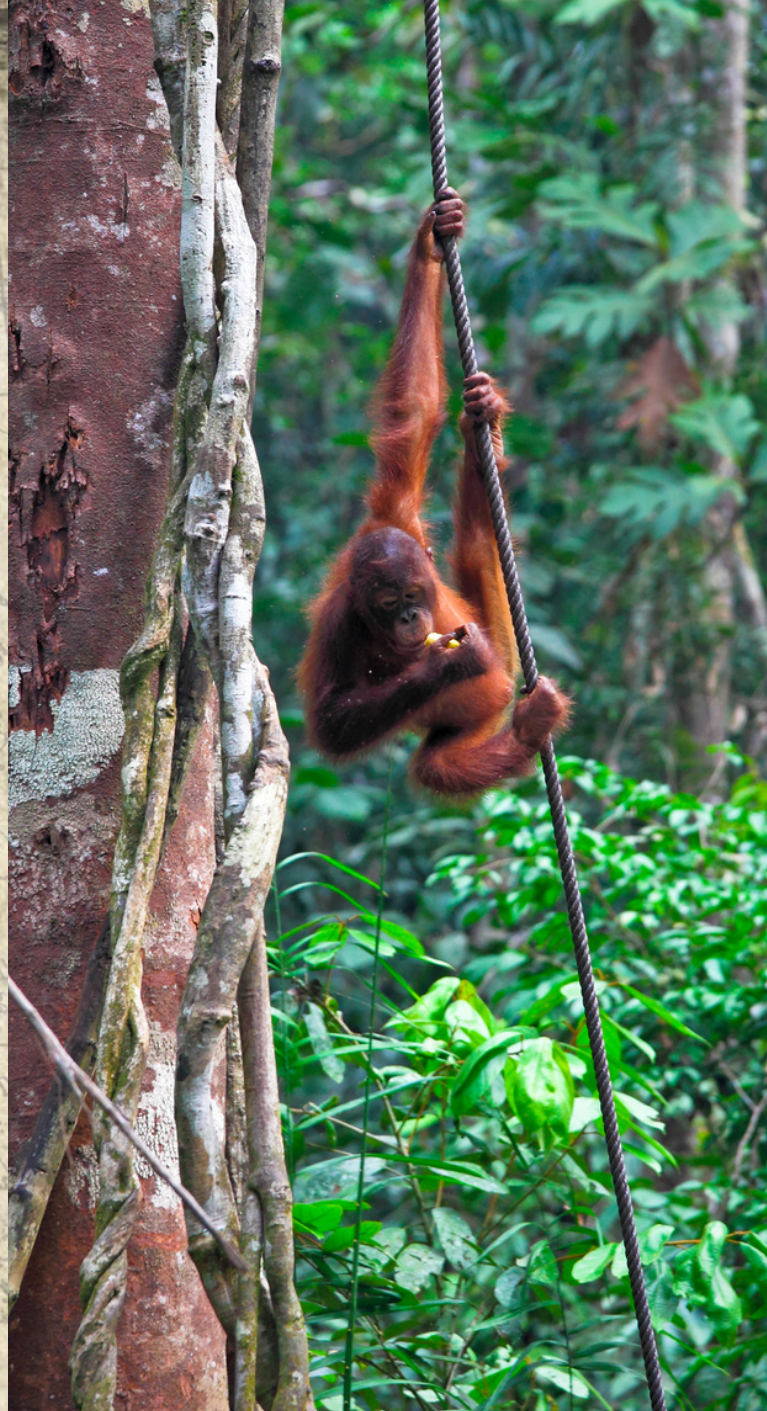
As intencionalidades, cenários e contextos fixam o melhor percurso a caminhar. Contanto que os objetivos estejam bem desenhados no horizonte, as Cartas Pedagógicas desempenham o papel de estreitar laços, trocar informações, enriquecer o debate e construir possibilidades de engajamento a respeito da Amazônia.

Capítulo 2

Tango Amazônico

Desde os tempos da Isabel
Já tinha índios abafando no inglês
Nossa Amazônia transformada em cartel
Nossa madeira na borracha e no papel
Do Tupi do Guarani
Só restou o Raoni
E um LP de rock'n roll
Que o Sting lhe deixou
Pelos tempos que passou
Nessas terras de Cabral
Tão roubando pra xuxu
Bem por debaixo do bigode do Sarney
E muita gente que se diz Caramuru
Tá na verdade construindo o Norte-Sul
Pelo bem da economia
Vão fazendo a ferrovia
E serrando nosso pau
Compensando a ecologia
Chico Mendes vira samba
Concorrendo ao Carnaval
Intercede o americano
E o mundo inteiro preocupado com o País
A Xuxa no poder, Brizola sem saber
Pois nesta terra tudo pode acontecer
Se queima a gasolina, engana a malha fina
e a Rede Globo vai pegando pra valer...
E nas águas do plim-plim
Eu me transformo num herói tupiniquim.
Tira mão do meu terreiro
Esta eu vi primeiro
Tá provado pelo mapa
Teu buraco é mais em cima
Sai pra lá não se aproxima
Pois eu vou contar pro Papa.
Amazônia é minha e ninguém tasca
Não enche o saco vai cuidar do teu Alasca
Isso não se faz onde já se viu
O Tio Sam tirando casca do Brasil.
Isso não se faz onde já se viu
O Tio Sam que vá pra puta que o pariu...
Olé!

Composição: Nilson Chaves (1990)



Para viajar com a música, clique no QR Code



2. O QUE NOS CONECTA COM OS IRMÃOS AMAZÔNIDAS?

Meus caros amigos de jornada,

Um povo se reconhece culturalmente em suas raízes, em suas práticas cotidianas permeadas de saberes que, cultivados por seus antepassados e passados de geração em geração, despertam no sujeito sentimentos de pertencimento social. Essas características, particulares em cada população ou núcleo comunitário, nos distinguem e aproximam do que se entende por *identidade*.

No dicionário (Dicionário Oxford *Languages and Google*), o termo *identidade* é conceituado como “conjunto de características que distinguem uma pessoa ou uma coisa e por meio das quais é possível individualizá-la”. Porém, em um mundo globalizado onde tudo se conecta, onde as informações percorrem o globo em segundos, onde influenciemos e sofremos influência social, econômica e cultural, não há como sustentar que exista um conceito *fechado* que defina identidade. Em um mundo globalizado, estamos, cotidianamente, em contato com outras sociedades, povos e costumes, seja através das redes sociais, das notícias veiculadas nos telejornais, filmes, séries, novelas, *podcast*, jogos e toda plataforma virtual disponível de *streaming*. A interação com outros modos de vida nos influencia e faz com que mudemos o modo de ver(ler) o mundo. Em se tratando de identidade cultural, as divergências são ainda mais conflitantes. Assim, é preciso retomar as minhas discussões iniciais sobre o tema.

Ao iniciar a discussão, ou a tentativa de discussão, sobre a Identidade Amazônica, deparei-me com o primeiro conflito: existe uma Identidade Amazônica que englobe toda a região da Amazônia Legal e, talvez mais ainda, da Amazônia latino-americana? Dúvida posta por terra ao fazer as primeiras discussões com a professora Maria Ataíde Malcher, durante a realização da disciplina Metodologia de Validação de Processos e Produtos Educacionais¹⁷. Sempre argumentativa, nunca me deu a resposta a tal indagação. Ao contrário, colocou-me tantos questionamentos que seguir em frente foi um grande desafio; pois, depois, eu saberia, que falar em identidade é mexer em *vespeiro* e logo eu estava refazendo a discussão e seguindo por caminhos intensos, profundos e conflituosos.

Discutir identidade não é uma tarefa fácil, pois perpassa por conceitos densos

¹⁷ Disciplina de caráter optativa, com carga horária de 60h, ministrada pelas docentes Maria Ataíde Malcher e Marianne Kogut Eliasquevici como parte do Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior (PPGCIMES/UFGA).

e complexos. Hall nos ensina que “em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2005, p. 39).

A identidade, ou melhor, a identificação, ocorre de acordo com o contexto, adequando-se, agregando e moldando *identidades* que o momento histórico exige, ou seja, “[...] cada movimento apela[va] para a identidade social de seus sustentadores. Assim o feminismo apela[va] às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas” (HALL, 2005, p. 44). A discussão sobre identidade, porém, é mais antiga que sua relação com essas chamadas *políticas de identidade*, ou seja, uma identidade para cada movimento.

Numa perspectiva sociológica, a identidade, ou identidade cultural, muda assim como a sociedade muda ao longo da história. O sujeito, como parte dela, se modifica também. Considerando essa trajetória, Hall traça três diferentes perfis acerca da identidade do sujeito, qual sejam: o *Sujeito do Iluminismo*, o *Sujeito sociológico* e o *Sujeito pós-moderno*. No Iluminismo, o sujeito reflete um ser centrado em suas ações e representações, onde o centro é o próprio sujeito. O sujeito sociológico, representa a complexidade do mundo moderno e, neste caso, o indivíduo é parte de uma comunidade, logo, interage com ela, compartilhando valores, sentido e símbolos que formam a cultura. Esse sujeito sociológico, carregado com os valores culturais do núcleo em que está inserido, vai se transformando à medida que, na sociedade pós-moderna, entra em contato com os valores culturais de outros núcleos sociais, internalizando, mesclando, reelaborando e transformando. Assim, nasce o sujeito contemporâneo, multifacetado, com a identidade sendo reorganizada culturalmente a partir da interação social. Nesse aspecto, o sujeito, antes integrado a algo ou a algum lugar, entra em “crise de identidade”, com o “deslocamento ou descentração do indivíduo tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos” (HALL, 2005, p. 9).

No mundo globalizado, onde a interação entre países e territórios acontece praticamente instantaneamente, “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2005, p. 13), isso porque as identidades não somente são formadas pelos traços herdados culturalmente, mas também são forjadas em outras variantes sociais, como a classe, raça, gênero, religião, nacionalidade, língua, dentre e na maioria das vezes. Essas variantes se

entrecruzam e se mesclam, historicamente através das migrações, ocupações, invasões ou diásporas, e na sociedade contemporânea com maior intensidade devido ao advento da *internet*.

O acesso a outras realidades e culturas, com a *internet* como meio de dinamizar esse processo, contribui para que, instantaneamente, sejam acessadas informações de expressões culturais e artísticas do outro lado do globo, como é o caso do K-pop¹⁸ e Dorama¹⁹ que, atualmente, têm uma legião de seguidores pelo mundo. Na Amazônia, muitos jovens que *seguem, curtem, twitam* as personalidades asiáticas desconhecem os mestres da cultura local ou manifestações culturais como o *Arraial do Boi Pavulagem*²⁰ (Belém/Pará), ou o *Boi de Máscara*²¹ e os *Cabeçudos* (São Caetano de Odivelas/Pará), conforme se nas Figuras 6 e 7.

Figura 6 - Arrastão do Boi Pavulagem (junho/2023)



Fonte: Arraial do Pavulagem/Geovane Brito/Thais Costa/Montagem G1Pará.

¹⁸ Estilo de dança pop coreana muito difundido atualmente e que tem forte apelo entre adolescentes.

¹⁹ Séries de TV produzidas em países asiáticos, como Japão, China, Coreia do Sul, Tailândia e Taiwan.

²⁰ O Boi Pavulagem nasceu na Praça da República, em Belém do Pará. O Arrastão do Pavulagem é um convite para que o público se aproprie da manifestação cultural, de seus símbolos e também da Praça da República. Nosso cortejo não parou de crescer, então decidimos fincar os mastros na Praça dos Estivadores e encerrar o cortejo em frente ao Theatro da Paz, realizando o show na área livre ao lado do Teatro Waldemar Henrique. Ao longo dos 31 anos do Arraial do Pavulagem, a Praça testemunhou o crescimento e as mudanças na manifestação, todas no sentido de dar qualidade ao que fazemos, por entendermos que a nossa função vai além da produção de eventos. Um de nossos principais objetivos é promover o acesso das pessoas à riquíssima produção cultural da região, assim como o acesso à sua própria história e ao seu próprio patrimônio, em busca de uma identidade cultural que nos represente. (Trecho extraído da página oficial do Arraial do Pavulagem no *Facebook*, publicado em 20 de jun de 2018. Atualmente, o Boi Pavulagem está com 35 anos de existência).

²¹ Arrastão de bois de máscaras que ocorre todo ano durante o carnaval nas ruas do município de São Caetano de Odivelas/PA. O cortejo que começou em 2006 reúne brincantes mascarados e cabeçudos como adereços produzidos em papel jornal.

Figura 7 - Boi de Máscaras e Cabeçudos de São Caetano de Odivelas (PA)



Fonte: Divulgação Estação das Docas do Pará. Foto: Geraldo Ramos.

O acesso a outras realidades e o avanço da tecnologia também influenciam na mudança e incorporação de novos elementos às manifestações culturais tradicionais. Hall chama a atenção para esse fenômeno quando afirma que

de forma crescente, as paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas dessa forma por identificações rivais e deslocantes - advindas, especialmente, da erosão da "identidade mestra" da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais[...] (HALL, 2005, p. 21)

Exemplo disso é a chamada *modernização* do carimbó, ritmo tradicional do Estado do Pará, mencionada por Costa (2021) quando afirma que

Verequete ficou conhecido por liderar a defesa de um Carimbó chamado de "autêntico" ou "pau e corda", que deveria ser executado de modo tradicional, ou seja, utilizando-se apenas de instrumentos percussivos vistos como originais, tendo por base a percussão do curimbó (tambor do carimbó) e das maracas. Pinduca, por sua vez, ficou conhecido por defender o carimbó moderno ou elétrico, adaptado à indústria cultural, ao mundo dos discos, de shows, e principalmente, quanto à utilização de instrumentos "modernos" como guitarras, contrabaixos elétricos, baterias e metais. Ele adaptava o carimbó tradicional à orquestração dos conjuntos musicais populares em que tocou. (COSTA, 2021, p. 278)

Essa introdução de novos instrumentos modificou, inclusive, a melodia e a dança do carimbó, que ficou mais lenta que o ritmo tradicional, que possui uma batida mais ritmada e pulsante. Costa (2021) trata da divergência que há entre movimentos que defendem de um lado o carimbó tradicional, e de outro o carimbó

moderno. Essa divergência, porém, não impediu a união desses movimentos na organização de uma ampla campanha pelo reconhecimento do carimbó como patrimônio cultural imaterial do Brasil, o que ocorreu em 2014, demonstrando que, apesar das diferenças a respeito do modo como se deve divulgar, para ambos o mais importante é o reconhecimento do carimbó como bem cultural e sua consequente valorização.

Outro autor que tem a identidade como objeto de estudo é Nestor Garcia-Canclini que, partindo da análise da interação entre povos na América Latina e sua multiculturalidade, afirma que as identidades culturais não são puras, sendo originárias da junção de outros povos e suas identidades e, ao se encontrarem, por deslocamento geográfico, intencional ou não, se modificam, mesclam e hibridizam, formando novas identidades. Embora Canclini (2008) use termos como sincretismo e mestiçagem, o autor prefere usar híbrido

porque abrange diversas mesclas interculturais - não apenas as raciais, às quais costuma limitar-se o termo "mestiçagem" - e porque permite incluir as formas modernas de hibridação melhor que "sincretismo", fórmula que se refere quase sempre a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais. (CANCLINI, 2008, p.19)

Esses movimentos, para Canclini (2008), intensificam-se com a globalização e a modernização dos meios de comunicação, havendo concordância com Hall nesse sentido. A identidade resultaria, então, do cultivo e da junção de diversas outras identidades. No caso da região amazônica a identidade hoje cultivada é resultado da união das identidades dos povos originários, dos negros escravizados trazidos do continente africano e dos colonizadores europeus. Escosteguy (2010), ao discutir como Hall, trata a questão da identidade, partindo do relato e da história de vida do autor, afirma que "a identidade é uma busca permanente, está em constante construção, trava relações com o presente e com o passado, tem história e, por isso mesmo, não pode ser fixa, determinada num ponto para sempre, implica movimento" (ESCOSTEGUY, 2010, p. 148). A identidade passa, assim, pela valorização e cultivo do passado através da memória, às vezes repassado de forma oral, outras através da prática e ensinamento aos mais jovens. Porém, seu contato com outras identidades, no presente, faz com que não mantenha o mesmo significado e, no futuro, se tornará, novamente, uma nova identidade.

A hibridização sociocultural e a homogeneização das culturas, segundo Canclini (2008), não ocorrem de forma planejada, mas, muitas vezes, visando

atribuir uma nova utilidade quando se trata de bens materiais e prédios que, com a modernização ou mudança de cenário político e econômico, ficaram sem função. Exemplo disso são os galpões em ferro inglês da Companhia das Docas do Pará que, a partir dos anos de 1850, abrigou o porto de Belém para embarque e desembarque de mercadorias que navegavam da região amazônica para a Europa. Na segunda metade do século XX, com a diminuição do comércio, o porto cai em desuso, tendo seu uso ressignificado a partir do ano de 2000, com a restauração e implantação do complexo turístico e cultural Estação das Docas do Pará (ver figura 8), que abriga lojas, restaurantes, cinemas, uma bela vista da orla de Belém, além de ser fonte divulgadora das mais diversas manifestações culturais da região. Ainda fazem parte do complexo o anfiteatro construído a partir das ruínas do Forte de São Pedro Nolasco, os guindastes externos do início do século XX, fabricados nos Estados Unidos, e a máquina a vapor datada do ano de 1800.

Figura 8 - Visão Panorâmica da Estação das Docas do Pará



Fonte: Divulgação Estação das Docas do Pará. Foto: Bruno Carachesti.

Ao tratar do processo de hibridização, Canclini (2008) afirma que, ao final do século XX, o movimento é tão amplo que os estudos se acentuam e se relacionam a diversos campos de desenvolvimento:

Ele é usado para descrever processos interétnicos e de descolonização (Bhabha, Yung); globalizadores (Hannerz); Viagens e cruzamentos de fronteiras (Clifford); Fusões artísticas, literárias e comunicacionais (De la Campa; Hall; Martín-Barbero; Papastergiadis; Webner); Não faltam estudos sobre como se hibridam gastronomias de diferentes origens na comida de um país (Archetti), nem da associação de instituições públicas e corporações privadas, da museografia ocidental e das tradições periféricas nas exposições universais (Harvey). (CANCLINI, 2008, p. XVIII)

A amplitude de áreas apontadas por Canclini demonstra que, de um modo geral, a sociedade influencia e é influenciada, nos mais diversos espaços, estando em constante movimento e modificação.

Fazendo a relação com o universo amazônico, o carimbó é uma amostra de como a hibridização ocorre nos elementos culturais. É o que se nota na caracterização do carimbó feita por Figueiredo e Bogéa (2015):

[...] o carimbó, muitas vezes no senso comum, como ritmo indígena, mas sua origem negra é evidente, como indica a música "A Ilha de Marajó", do Mestre Verequete, nos versos "Ela, ela, ela a maior ilha do nosso Pará/ a Ilha de Marajó/ tem grande povoação/ aonde nasceu o carimbó/ no tempo da escravidão". Como uma espécie de ritmo caboclo, proveio das relações do negro e dos povos da Amazônia, índios e caboclos, somado às danças portuguesas. (FIGUEIREDO; BOGÉA, 2015, p. 85)

Sua origem simples, a princípio, como forma de expressão é, atualmente, a mescla de outras manifestações culturais desses povos que aqui passaram a viver conjuntamente. Os precursores do carimbó no Pará foram Mestre Verequete (1916-2009), Mestre Cupijó (1936-2012) e Mestre Lucindo (1908-1988), chamados de *mestres* pela longa história em compor, cantar e divulgar o ritmo paraense. Atualmente o carimbó tem uma forte presença na cena musical, inclusive nacional, com artistas paraenses como Dona Onete, com seu carimbó *chamegado*²², e Mestre Damasceno²³.

Figueiredo e Bogéa (2015) identificam essa hibridização e afirma que:

o carimbó demonstra ser, na sua trajetória como expressão simbólica da cultura popular paraense, exemplo da complexidade da atualização cultural. Isso é indicado inicialmente pela sua origem, dentre muitas, nos batuques dos negros do Umarizal (bairro de Belém), alvo de proibições no final do século XIX e início do século XX. A inclusão de instrumentos como o banjo e a flauta, principalmente sob a influência das bandas e grupos que

²² O carimbó, originalmente, é conhecido pela intensidade e rapidez, seja no canto, no toque dos curimbós e maracas ou no bailar dos dançarinos. D. Onete denomina suas canções de "carimbó chamegado" devido terem um ritmo não tão intenso, fazendo com que a dança ocorra com mais proximidade e, assim, os dançarinos possam fazer o 'chamego', um carinho ou mesmo uma conquista em seu parceiro de dança. (n.a.)

²³ Neto de negros escravizados, pai de nove filhos, é cedo desde os 19 anos. É pescador, artesão, cantor, repentista, compositor de mais 400 músicas, dentre elas, carimbós, toadas, boi-bumbás e xotes. Criou em Salvaterra, no Marajó, o Búfalo-bumbá, cortejo semelhante ao boi-bumbá (n.a.).

ocupavam os teatros da capital do estado nas décadas de 40 e 50 do século passado, começou a dar ao batuque as nuances melódicas que têm hoje. (FIGUEIREDO; BOGÉA, 2015, p. 85)

Com ritmo frenético, letras que tratam do cotidiano e rimas fáceis de aprender, o carimbó demonstra como a cultura pode ser transitória e moldar-se de acordo com o tempo histórico e as conveniências políticas, acentuadas em um mundo globalizado. Desse modo, sua trajetória vai dos quintais e festas em família, passando pela proibição e posterior apresentação em teatros, associando-se ao mercado, como mercadoria a ser consumida pelos turistas e, finalmente, afirmando-se como patrimônio cultural imaterial do Brasil. O carimbó *Feira do Veropa* fala da feira do Ver-o-Peso²⁴, local onde os paraenses fazem a feira e encontram todas as frutas da região cantadas por Mestre Damasceno.

Feira do Veropa²⁵

Lá na Feira do Veropa
 Lá na Feira do Veropa
 Aonde não falta açaí
 Tem pirarucu, camarão e maniçoba
 Lá na Feira do Veropa
 Lá na Feira do Veropa
 Aonde não falta açaí
 Tem pirarucu, camarão e maniçoba
 No Pará tem manga, abricó e melão
 Temos carambola, abiu, caju e mamão
 Temos sapotilha e o araçá
 Nós temos abacate, banana e taperebá
 Lá na Feira do Veropa
 Lá na Feira do Veropa
 Aonde não falta açaí
 Tem pirarucu, camarão e maniçoba
 Lá na Feira do Veropa
 Lá na Feira do Veropa
 Aonde não falta açaí
 Tem pirarucu, camarão e maniçoba
 A cidade das mangueiras
 É meu Belém do Pará
 Da farinha de mandioca
 Do tucupi, do tacacá
 Do urucu, cupuaçu
 Do coco ou vatapá
 Tem muruci, tem bacuri, abacaxi e piquiá
 Tem muruci, tem bacuri, abacaxi e piquiá
 Lá na Feira do Veropa

²⁴ O Ver-o-Peso se estende por um complexo arquitetônico e paisagístico de 25 mil metros quadrados, com uma série de construções históricas. O conjunto tombado inclui o Boulevard Castilhos França, o Mercado de Carne e o Mercado de Peixe, o casario, as praças do Relógio e Dom Pedro II, a doca de embarcações, a Feira do Açaí e a Ladeira do Castelo. Destaca-se como um lugar de intensa vida social e intercâmbio cultural, onde as práticas trabalhistas tradicionais têm lugar e uma complexa teia de relações sociais é tecida, envolvendo o comércio de natureza comercial, mas também simbólica. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/828>. Acesso em: 19 jun 2023.

²⁵ Composição: Mestre Damasceno (<https://www.letras.mus.br/mestre-damasceno/feira-do-veropa>).

Lá na Feira do Veropa
 Aonde não falta açaí
 Tem pirarucu, camarão e maniçoba
 Lá na Feira do Veropa
 Lá na Feira do Veropa
 Aonde não falta açaí
 Tem pirarucu, camarão e maniçoba
 A goiaba, a mangaba
 A bacaba, o anajá
 O uxi, o miriti
 O jambo, o maracujá
 A pupunha, o tucumã
 Graviola, biribá
 Acerola, cajarana e a castanha do Pará
 Lá na Feira do Veropa
 Lá na Feira do Veropa
 Aonde não falta açaí
 Tem pirarucu, camarão e maniçoba
 Lá na feira do veropa
 Lá na feira do veropa
 Aonde não falta açaí
 Tem pirarucu, camarão e maniçoba.

A despeito de toda a transformação porque passou, desde suas origens nos quintais das pequenas comunidades do interior da Amazônia até alcançar reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, incorporando novos instrumentos, artesanais ou eletrônicos, modificando a intensidade do ritmo lento, *chamegado* ou vigoroso, com passos simples ou coreografia elaborada, com indumentária de chita²⁶ ou cetim, sendo executado no barracão da AMPAC²⁷, no Marajó/PA ou no salão de baile do hotel cinco estrelas da capital paraense, o carimbó não perdeu sua ligação com a sociedade que está inserido e é reconhecido como parte da identidade do povo amazônida, em particular do Estado do Pará, característica fundamental que o diferencia de outros ritmos musicais.

No recorte da pesquisa, aprofundo a discussão sobre o Carimbó enquanto manifestação cultural e parte da identidade amazônica, em especial paraense. No entanto, não há como fechar os olhos para os diversos movimentos existentes e que demonstram a amplitude da Amazônia, tanto territorial, quanto cultural. Neste caso, é preciso olhar com atenção, as manifestações periféricas, geograficamente e culturalmente. O carimbó, no Pará, pode ser considerado como uma manifestação local identitária e de resistência.

Na amplitude do olhar, a luta dos movimentos de resistência toma destaque

²⁶ Tecido de algodão, com estampas florais, com cores fortes e qualidade inferior muito utilizado na confecção das roupas dos dançarinos do carimbó (n.a).

²⁷ Associação dos Moradores do Bairro do Pacoval em Soure/Marajó(PA) que desenvolve projeto junto à comunidade de valorização do carimbó.

nos bairros periféricos de Belém (PA), mas também em localidades distantes dos centros urbanos. Exemplo disso é o *Associação Amazônica Cultural Boi Marronzinho*²⁸, do bairro da Terra Firme²⁹, que luta há 30 anos para manter a cultura popular viva e fazer com que crianças e adolescentes daquela comunidade cultivem a tradição do Boi Bumbá em lugar de entrar para a criminalidade e para o mundo das drogas. Outra iniciativa no mesmo bairro, *TF Livre*, busca instrumentalizar e empoderar jovens para ingressar no ensino superior através do cursinho popular.

Sem sair do bairro da Terra Firme, encontramos em uma escola pública a iniciativa da professora de Língua Portuguesa Lilia Melo, que com os projetos *Terra-Firme: juventude negra periférica, do extermínio ao protagonismo* e *Cine TF* despontou como uma das cinquenta melhores professoras do mundo no *The Global Teacher Prize 2020*³⁰, se tornando embaixadora da educação global pela *Varkey Foundation*³¹, incentivando seus alunos a produzir filmes, documentários, espetáculos de dança e peças teatrais sobre seu cotidiano e sua identidade.

No arquipélago do Marajó, em Soure/PA, no bairro periférico do Pacoval, um grupo de moradores, buscando a melhoria da comunidade e preocupados com os altos índices de jovens envolvidos com o consumo de álcool e drogas, fundou a *Associação de Moradores do Bairro do Pacoval (AMPAC)*, e desenvolve atividades que ensinam a arte da cerâmica marajoara, assim como realizam oficinas e ações de divulgação e incentivo da dança e composição do carimbó, colocando jovens e crianças para aprender com mestres do carimbó.

O que todos esses movimentos e pessoas têm em comum? Eles não se renderam ao papel destinado a eles pela sociedade capitalista. Cada um desses movimentos representa a busca de uma identidade segundo seus próprios parâmetros, não aceitando os determinismos sociais a que foram relegados. Nesse aspecto, não pode haver inocência, pois há de se ter clareza que toda ação é

²⁸ Programa TV Liberal, afiliada da Rede Globo sobre os 30 anos do Boi Marronzinho.

²⁹ Um dos mais tradicionais e populosos bairros da cidade de Belém, Estado do Pará. Situada na zona central da cidade, apresenta baixos índices de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e renda. Historicamente, seu processo de ocupação e urbanização é marcado por migrações que datam desde meados da década de 40. O nome “Terra Firme” advém das características geográficas do lugar, que, por influência direta das bacias do Rio Tucunduba e do Rio Guamá, fizeram com que seus primeiros ocupantes se posicionassem numa estreita faixa de “terra firme” (MORAIS, 2019, p. 153). No bairro, há uma forte movimentação social que objetiva propiciar a seus moradores acesso a serviços e superação dos índices de violência e exclusão social.

³⁰ Prêmio Global de Professor, ofertado anualmente pela *Varkey Foundation*.

³¹ A *Varkey Foundation* é uma fundação internacional que, anualmente, organiza a premiação para professores e alunos que desenvolvam ações e projetos relevantes que contribuam para a melhoria da educação. (n.a).

política e carregada de intencionalidade. Esses movimentos atuam como resistência buscando reforçar as dinâmicas regionais e as chamadas identidades locais, numa luta incessante de movimentos hegemônicos e movimentos regionais³². Seguindo esse pensamento, a insurgência vai de encontro à homogeneização e surgem movimentos múltiplos e complexos que, contra-hegemônicos, buscam reafirmar sua identidade de acordo com seus próprios conceitos. Essa resistência, pode, e deve, levar a organização e conformação de novas identidades, no entanto, essa nova identidade virá a partir da construção social que se buscou constituir. Identidade é um instrumento de poder e é preciso lutar pela sua.

2.1 AMAZÔNIA: FACES E SIGNIFICADOS

Amazônia, ou Pan-amazônia, é a região que se estende pelos países da América do Sul que a floresta abrange estando, além do Brasil, Venezuela, Colômbia, Bolívia, Equador, Suriname, Guiana e Guiana Francesa. No Brasil, além de todos os Estados da Região Norte - Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins - os Estados do Maranhão (Região Nordeste) e Mato Grosso (Região Centro-Oeste). Com uma população estimada em 29,6 milhões de pessoas (IBGE, 2021) ocupa cerca de 59% do território brasileiro, segundo o Imazon³³. A sua população é formada pela miscigenação dos povos indígenas, pelos brancos que chegaram como colonizadores e os negros, trazidos como escravos. Mas a Amazônia, antes de ser colonizada, catequizada, dividida, desmatada, sangrada, antes mesmo de ser denominada Amazônia, era casa de aproximadamente 6.800.000 habitantes das mais diferentes etnias (SILVA, 2012, p. 156). Oriundos de outros continentes, há cerca de 40 mil anos atrás, formaram a população originária das terras que os europeus encontrariam, e tomariam como suas, quando se lançaram nas novas rotas marítimas e comerciais.

Com destino traçado antes mesmo da colonização, a Amazônia foi objeto de divisão entre portugueses e espanhóis através do Tratado de Tordesilhas (1494) que delimitava e dividia as *terras d'além mar* a serem descobertas. Desse modo, teve como denominação, após dividida, Lusitânia, as terras *pertencentes* a Portugal, e Nova Andaluzia, a porção que cabia à Espanha. A aquisição de novas terras

³² Haesbaert (2010) afirma que ocorre a morte do conceito de regionalização, ou seja, a desregionalização, devido à homogeneização dos territórios seguindo a lógica da sociedade globalizada. Porém, ainda segundo o autor, ao mesmo tempo que homogeneiza, desperta movimentos sociais, havendo assim, a ressurreição dos movimentos de resistência regionais na luta por sua cultura e elementos que caracterizam sua identidade.

³³ Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (2021).

significava para esses reinos assumir uma nova posição na disputa pela supremacia na Europa. Anexar novos domínios significava mais escravos, mercados consumidores e produtores, rotas marítimas e comerciais alternativas, mais terras e matéria-prima não importando se nessas terras havia habitantes. A arrogância dos europeus era tanta que os povos encontrados nas *novas posses* também faziam parte da partilha, convertendo, assim, todas as nações indígenas encontradas em mercadorias que poderiam ser divididas, escravizadas, comercializadas e descartadas segundo os preceitos do Tratado.

Os povos encontrados aqui possuíam uma organização social complexa e, como afirma Silva (2012):

os homens da Amazônia pré-colonial não eram só caçadores e coletores. Eram agricultores, artesãos, navegadores e possuidores de um nível técnico capaz de dar conta das necessidades de reprodução de grandes contingentes humanos e de domínio cultural sobre os territórios litorâneos, centrais e ribeirinhos do espaço físico. (SILVA, 2012, p. 155)

Longe de ser de uma única etnia, havia uma diversidade de povos com grande densidade populacional e linguística, com divisão de tarefas, convivendo em harmonia com a natureza embora habitassem grandes porções de terra desde as várzeas e terra firme, passando pelas áreas litorâneas e, sendo traço comum ao relato dos estudiosos, com grande fartura de alimentos. Porém, para o europeu, essas terras tinham outra destinação e precisavam ser ordenadas, conquistadas, enfim, civilizadas. Conquistar, para os colonizadores, significa subjugar. Desse modo, não houve colonização sem dominação, que foi conduzida não só por meio da força física, tornando os povos originários escravos, mas com a catequização através das ordens religiosas, proibição ritos culturais e uso da língua materna, negando a estes povos o que os identifica enquanto nação. A subjugação também ocorre no sentido da valorização, ou melhor, da desvalorização dos povos e sua identidade, onde, segundo a perspectiva do conquistador, os povos nativos, suas práticas, costumes, línguas e tudo que o represente, é de classe inferior ao homem branco, europeu, culto, civilizado. O objetivo é transformar as novas terras em novos mercados com tudo que nela há e habita. O aprendizado e a resistência dos povos originários são registrados na literatura em forma de lenda como na *História da Capivara*, contada pelo Cacique da etnia Tembé, Miguel Carvalho:

Certo dia, um Tembé resolveu amansar uma Capivara que vivia em um rio próximo à sua aldeia. Com o passar do tempo, o animal virou pessoa, especificamente uma bela mulher. Diariamente, ao meio-dia, o índio ia ao

igarapé tomar banho e encontrar-se com a Capivara. Porém, ele esperava todos os outros indígenas saírem de lá, para poderem banhar-se sozinhos. Sem saber de nada e curiosos com os novos hábitos do parente, os outros Tembê resolveram investigar. Foi então que um deles, irmão do enamorado Tembê, seguiu-o até o igarapé. Chegando lá, observou seu irmão chamar pela Capivara, mas pelo seu nome na língua Tenetehara: “*Açuré, Açuréeee, Açuréeee!*”. Tal foi a surpresa do investigador indígena, ao ver a Capivara nadando em direção ao solitário Tembê. Ao passo que se aproximava e saía da água, seu corpo ia se transformando em mulher, bonita e exuberante. Assustado, o observador exclama:

— Mas rapaz! O que é isso?

Ao voltar para aldeia, o irmão do ‘amansador’ da Capivara espalha a notícia entre seus pares. Preocupados com a situação atípica vivenciada pelo parente, todos decidem ir à caça do animal, no intuito não somente de matá-lo, mas de servi-lo como refeição. Essa foi a única maneira que todos encontraram para evitar que o bicho retornasse aos encontros com o Tembê apaixonado.

Com tudo planejado, todos esperaram o irmão sair para caçar sozinho. Logo depois, foram ao igarapé e chamaram: “*Açuré, Açuréeee, Açuréeee!*”, do mesmo modo como o enamorado índio fazia. Quando a Capivara já se transmutava em mulher, o grupo de índios lançou várias flechas contra a figura humana, matando-a dentro d’água.

No outro dia, o Tembê apaixonado vai ao igarapé, como sempre fazia. Dessa vez, porém, seu chamado não é atendido. Desesperado, ele gritava: “*Conecutara açuréeee?*”, que quer dizer “onde tu estás, Capivara?”. Nesse momento, seu irmão se aproxima e lhe mostra o cachimbo do animal:

— Olha aqui... — em seguida, explica ao irmão o acontecido e a situação de perigo em que se encontrava. (BELTRÃO; LOPES, 2017, p. 22)

A narrativa demonstra o quanto a capivara, feia e ameaçadora, semelhante ao invasor, pode transformar-se em um ser atraente e misterioso com intuito de enganar o indígena e levá-lo ao fundo do igarapé. A história retrata a desconfiança e o duro aprendizado com que os indígenas encaram os colonizadores. Ora seduzindo com espelhos e bugigangas, ora demonstrando a truculência de ser conquistador, escravizando, humilhando, catequizando e violentando mulheres e crianças, o colonizador tem várias faces e as usa de acordo com o que o momento exige. Porém, a história mostra também que há um tempo de desvelar as dissimulações, de ver para além das aparências, de perceber as artimanhas do opositor e, com as mesmas armas, vencer o vencedor.

A história da Amazônia tem muitos atores, para além do protagonismo da própria floresta. Silva (2012) revela a região amazônica como palco de tensões, lutas e conquistas vivenciadas, principalmente, entre povos nativos e colonizadores. É nesse cenário que observa suas várias faces. Primeiramente, a *Amazônia Indígena*, com grandes contingentes populacionais, diversidade de etnias entre os primeiros habitantes e em convívio harmônico com a natureza; seguida pela *Amazônia Portuguesa*, modificando o cenário e as relações, impondo sua presença, suas leis e *civilidade* através da ocupação do território com violência e catequização.

E posteriormente a *Amazônia Brasileira*, integrada ao território nacional, independente de Portugal numa tentativa de unificação do país. Todos esses momentos deixaram marcas em sua história, mudando sua paisagem e levando à Amazônia descrita por Ianni:

A Amazônia não nasce diretamente e limpidamente brasileira. Começa por ser principalmente indígena, nativa. Aos poucos revela-se portuguesa, colonial. Em seguida afirma-se cabana, revolucionária. Depois, é definida como brasileira, nacional. Situa-se no mapa do Brasil com imensa geografia e surpreendente história. Mas continuará sendo simultaneamente indígena, portuguesa, cabana e brasileira; assim como um momento da sociedade mundial. (IANNI *Apud* SILVA, 2012, p. 07)

Essa Amazônia, hoje, brasileira e indígena, revela-se, ainda, convivendo com conflitos não muito diferentes dos vivenciados quando da ocupação portuguesa. Muda o cenário, permanecem os conflitos. Em toda sua história, desde a chegada dos colonizadores, a região e seus habitantes vêm sofrendo com decisões externas, seja do governo brasileiro, cego aos anseios locais, seja de ocupantes e invasores que, com retórica falaciosa, avançam na destruição e usurpação dos povos tradicionais habitantes deste chão.

Segundo Silva (2012), a chegada dos europeus foi uma dentre tantas transformações ocorridas na região afetando diretamente sua população. No final do século XIX e início do século XX, o plantio da seringueira (*Hevea Brasiliensis*), para a produção da borracha a partir do látex destinada à indústria de pneus, ocupou e desmatou imensas áreas dos Estados do Pará e Amazonas. A partir da década de 1950, e com o Golpe Militar em 1964, a pretexto de valorizar e ocupar a região, segundo o discurso governamental, grandes projetos foram implantados em solo amazônico com apoio, isenções fiscais e créditos milionários liberados pelo governo federal. A região também foi palco da implantação dos chamados Grandes Projetos, como por exemplo, Ferro Carajás, Albrás-Alunorte, Alumar e Trombetas, com finalidade de exploração mineral e agroflorestal da Amazônia Oriental, que deixaram como legado devastação e poluição nas áreas em que foram implantados. A implantação de hidrelétricas foi outro ponto de grande impacto na região. Segundo divulgação da RAISG³⁴, em análise de documentos da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), existem cerca de 221 hidrelétricas de pequeno, médio e grande porte e com outras 35 a serem implantadas. Projetos que, com discurso de

³⁴ A Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada é um consórcio de organizações da sociedade civil dos países amazônicos, voltado para a sustentabilidade socioambiental da Amazônia e apoiado pela cooperação internacional.

progresso, instalam destruição da natureza e afetam diretamente as populações tradicionais.

A Amazônia sofre ainda com a retirada de madeira ilegal, grilagem de terras e expansão agropecuária, que além da devastação e da poluição, causam conflitos e mortes, como o massacre de 21 trabalhadores rurais em Eldorado do Carajás/Pa, em 1996; o assassinato do sindicalista Chico Mendes, em Xapuri/Acre, em 1988; a missionária Dorothy Stang assassinada em 2005, em Anapu/Pa; de dezenas de lideranças indígenas que perdem a vida todos os anos defendendo suas terras; e, mais recentemente, os assassinatos do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Philippe, em 2022.

Ocupação de terras indígenas, desmatamento, biopirataria, transformação da floresta em pasto e plantação de milho e soja, garimpo, instalação de grandes projetos, contaminação do solo e das águas, assassinato de lideranças de trabalhadores rurais, narcotráfico, exploração sexual infantil, grilagem de terras, especulação imobiliária, agronegócio, interesses econômicos e políticos, governos inoperantes e coniventes ao desrespeito aos saberes tradicionais e as peculiaridades da região. Atualmente, semelhante a outros momentos da história, a Amazônia é palco de disputas e violação de direitos. Hoje, aos povos indígenas somam-se quilombolas, ribeirinhos, pequenos produtores rurais, extrativistas, trabalhadores do campo e da cidade, entendendo que a Amazônia é constituída de florestas, rios e áreas urbanas. Nessa luta pela preservação e respeito à vida, em toda sua extensão, agregam esforços outros agentes, individuais e coletivos, como entidades ecológicas, científicas, acadêmicas, governamentais, não governamentais, transnacionais e religiosas, em torno da discussão de como conviver, *com-viver* e bem-viver³⁵ no sentido de que

para os Povos da Amazônia a terra não é propriedade, é lugar e espaço vivencial. Não é terreno nem gleba que se negocia no mercado imobiliário. É *lócus* e território imaginado, sentido e vivenciado. Lugar da memória e do respeito aos antepassados. (OLIVEIRA, 2019, p.1)

Esse sentimento traduz um pensamento que vem crescendo em torno de uma conjugação de futuro, mas também no sentido de que

amazonizar é verbo que brota de uma dinâmica de resistência e guarda muitos significados. Entre as acepções, amazonizar convida ao respeito às identidades culturais construídas a partir da relação de respeito e

³⁵ A busca dos povos indígenas amazônicos pela vida em abundância se concretiza no que eles chamam de Bem Viver. É viver em harmonia consigo mesmo, com a natureza, com os seres humanos e com o ser supremo. (SOLON, 2019)

convivência com a natureza” (OLIVEIRA, 2019, s/p).

Essa discussão surge no Sínodo³⁶ da Amazônia realizado em 2019 e vem sendo difundida entre os defensores de uma Amazônia sustentável para e com seus habitantes. Em consonância com o Sínodo da Amazônia, vários eventos ocorreram neste mesmo ano, dentre eles o III Seminário VivaCidade Amazonizar as políticas públicas - *Nada de nós sem nós*³⁷, em Belém/PA, que reuniu cerca de 50 entidades ligadas a diversas Nações indígenas, movimento de mulheres, jovens, afrodescentes, representações religiosas, entidades estudantis, comunitárias, acadêmicas, científicas, de defesa dos direitos humanos e trabalhadores rurais. No Encontro armaram suas tendas e assinaram, em conjunto, a *Carta Amazonizar as políticas públicas – Nada de nós sem nós*, que traz como pontos principais³⁸:

- ★ Tenda da VivaCidade: Direito à cidade na Amazônia;
- ★ Tenda das Juventudes: Juventudes, Resiliência e (In)Segurança Pública;
- ★ Tenda da Infância: “Pelo direito de ser criança na Amazônia”;
- ★ Tenda dos Povos Kilombolas: Pelo direito à Ancestralidade, ao Território e à Consulta Prévia;
- ★ Tenda dos Povos Indígenas: Pelo Direito à Demarcação de Terra e à Ancestralidade;
- ★ Tenda dos Movimentos Sociais: Soberania, Participação Popular e Controle Social

Em uma tentativa de reunir em um só documento os principais desafios enfrentados pelas populações que habitam a região amazônica e sua busca em chamar a atenção para seu direito à vida. Porém, com a participação efetiva dos envolvidos através da clamação *Nada de nós sem nós*, que embora seja um lema voltado à discussão dos direitos da Pessoa com Deficiência cabe perfeitamente neste caso, chamando a atenção sobre o fato corrente de decisões tomadas para o *benefício* das referidas populações, porém sem nunca ouvir suas vozes.

Segundo Oliveira (2019), o termo *amazonizar* foi usado pela primeira vez em 1986, por Dom Moacyr Grechi da Diocese de Rio Branco/AC, em carta que conclamava os povos a lutar em defesa da Amazônia. *De lá pra cá*, o termo vem sendo difundido e utilizado por outros atores que atuam e discutem a questão amazônica.

³⁶ Assembleia periódica de bispos de todo o mundo que, presidida pelo papa, se reúne para tratar de assuntos ou problemas concernentes à Igreja universal.

³⁷ A Declaração de Madri (23/3/2002) é o primeiro documento internacional a trazer a frase *Nada Sobre Pessoas com Deficiência, Sem as Pessoas com Deficiência*, numa versão mais explícita do lema *Nada Sobre Nós, Sem Nós*.

³⁸ Carta amazonizar as políticas públicas, 2019.

A palavra *amazonizar* vem carregada de significados e invoca sentimentos como amor, afeição, respeito, proteção, cuidado e bem-querer, guardando semelhança e significação com o termo *amorosidade* que o educador Paulo Freire (1921-1997) utiliza como cerne do discurso da relação educador-educando na prática de uma educação libertária. Em um, e no outro, se percebe o cuidado, palavra que tem origem no latim, e expressa zelo pelo que é importante. Cuidar remete a preocupação com o outro, nos coloca em situação de querer garantir meios para que esteja seguro, sadio, protegido, preservado. A educação libertária e o termo *amazonizar* também têm em comum a afeição, que vem do substantivo afeto, que se sente afetado por algo ou alguém e, ao se afetar, desperta carinho, cuidado, proteção, amor e, por consequência, amorosidade. Sentimentos que, embora remetam à proteção, não têm como objetivo guardar em uma redoma e, assim, isolar do mundo.

2.2. CONECTANDO SABERES, CONHECIMENTOS E VIVÊNCIAS

Os saberes podem ser diversos e de várias origens. Para nós, amazônidas, conviver com os saberes tradicionais, oriundos dos conhecimentos dos povos da floresta, muitos herdados dos povos indígenas, faz parte do cotidiano. Não há quem não tenha tomado um chá para um mal estar ou feito um unguento com ervas para aliviar dores. Assim, é comum no Pará, por exemplo, ter um frasco de óleo de andiroba em casa para utilizar como repelente, hidratante, anti-inflamatório, para curar garganta, usar como cicatrizante e no tratamento contra vermes e parasitas. Esse conhecimento, tradicional, com uso de folhas, frutos, raízes, seivas e outros elementos retirados da floresta, é parte do que nos identifica como amazônidas. Por outro lado, há o conhecimento científico, sistematizado, questionador das realidades absolutas, baseado em análises críticas e evidências, produzido nas universidades e nos centros de pesquisa que muitas vezes se debruçam sobre fatos relacionados aos conhecimentos tradicionais. Lakatos e Marconi (2003) identificam essa diferença nas formas de conhecimento e afirmam que

vulgar ou popular, geralmente típico do camponês, transmitido de geração para geração por meio da educação informal e baseado na imitação e experiência pessoal; [...] científico, é transmitido por intermédio do treinamento apropriado, sendo um conhecimento obtido de modo racional, conduzido por meio de procedimento científico. Visa explicar “porquê” e “como” os fenômenos ocorrem, na tentativa de vivenciar os fatos que estão correlacionados, numa visão mais globalizante do que a relacionada com o simples fato. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 75)

Exemplar é o caso do estudo sobre as propriedades do óleo da andiroba e babaçu realizado por Cavalcante (2016) para uso como biolubrificante que, observando as práticas cotidianas das comunidades tradicionais, busca, partindo dos saberes locais, congregar ciência e sabedoria ancestral para o bem comum. Neste caso, popular e científico se complementam, apoiando-se mutuamente e demonstrando que

a ciência não é o único caminho de acesso ao conhecimento e à verdade; O mesmo objeto ou fenômeno - uma planta mineral, uma comunidade ou as relações entre chefes e subordinados - pode ser matéria de observação tanto para o cientista quanto para o homem comum; O que leva um ao conhecimento e outro ao vulgar ou popular é a forma de observação. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 76)

Conhecimentos e saberes, populares ou científicos, se complementam e devem caminhar juntos em prol da sociedade em que estão inseridos, e esta é uma das finalidades do Ensino Superior, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB):

incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive. (BRASIL, Artigo 43, inciso III, 1996).

Esse entendimento do homem com o meio é desenvolvido através do tripé ensino, pesquisa e extensão é um dos princípios que norteiam as IES e sua relação com a sociedade que está inserida. É determinante para a produção e desenvolvimento de políticas comprometidas com a sustentabilidade e respeito aos sujeitos em sua diversidade.

Segundo Lessa (1999), desde o seu surgimento em Paris, no século XII, a universidade acumulou crescente prestígio social, por ser uma instituição que produz conhecimento, que gera pensamento crítico, que organiza e articula saberes, com o objetivo de formar profissionais e lideranças intelectuais para transformar e fazer crescer a sociedade.

As Instituições de Ensino Superior surgiram como um lugar de privilégio que somente os filhos da classe dominante podiam frequentar. Lessa (1999), referenciando-se em Carvalho (1997), afirma que a elite brasileira, do período imperial, buscava a formação em Direito de seus herdeiros na Universidade de Coimbra (Portugal) e, posteriormente, para esse propósito foram criadas as Escolas de Direito de São Paulo e de Recife. Porém, na medida em que o desenvolvimento econômico e social implicou novas tarefas para a sociedade, houve uma ampliação

controlada da incorporação de novos diplomados ao leque profissional do sistema de poder. Aos juristas vieram se agregar os médicos e os engenheiros, e, com o desenvolvimento das forças produtivas, houve um alargamento curricular das profissões do ápice da pirâmide social (LESSA, 1999).

Desse modo, com o propósito de servir às demandas do capital, observamos a ampliação de IES chegando, segundo dados do Censo de Educação (INEP, 2019) a 2.608 instituições de educação superior, sendo 2.306 privadas e 302 públicas. Outra informação relevante, é o número de matriculados na Educação Superior: de um total de 8.604.526 alunos, 6.524.108, estão na rede privada. Esses dados contrastam com os dados divulgados pela Universidade Federal de São Paulo (2019), que afirma que 95% da produção científica no Brasil é realizada por universidades públicas, o que demonstra o compromisso dessas instituições com o desenvolvimento de projetos que se convertam em ações para o desenvolvimento e transformação social.

Assim, observamos que a diferença monumental de alunos matriculados nas Instituições de Ensino Superior privadas não se traduz em produção científica, e em desenvolvimento de ações voltadas à melhoria da qualidade de vida da sociedade. Neste caso, o que diz a Constituição Federal (1988) em seu artigo 207, que preconiza que o Ensino Superior deve seguir o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, não é respeitado, havendo somente a visão mercadológica do papel da educação nas instituições de ensino privado. Embora haja um aumento de pessoas acessando o ensino superior, pode-se dizer que há democratização do acesso, porém, com que qualidade? Quando esse crescimento não está associado à produção de novos conhecimentos científicos, com impacto efetivo na vida das pessoas, há de se fazer um questionamento em como e com quais objetivos esta expansão ocorre.

Essa análise nos mostra que a universidade pública detém uma grande responsabilidade no sentido de aproximar o conhecimento científico das camadas mais carentes, democratizando o saber e gerando desenvolvimento. Em regiões periféricas, como a amazônica, distante dos grandes centros econômicos, sua missão deve estar relacionada à formação de cidadãos respeitando a vocação, a diversidade e os saberes locais. A Universidade Federal do Pará, neste caso e como exemplo, tem entre suas finalidades:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do pensamento crítico e

reflexivo, de forma a gerar, sistematizar, aplicar e difundir o conhecimento em suas várias formas de expressão e campos de investigação científica, cultural e tecnológica;

II - formar e qualificar continuamente profissionais nas diversas áreas do conhecimento, zelando pela sua formação humanística e ética, de modo a contribuir para o pleno exercício da cidadania, a promoção do bem público e a melhoria da qualidade de vida, particularmente do amazônida;

III - cooperar para o desenvolvimento regional, nacional e internacional, firmando-se como suporte técnico e científico de excelência no atendimento de serviços de interesse comunitário e das demandas sócio político culturais para uma Amazônia economicamente viável, ambientalmente segura e socialmente justa. (REGIMENTO GERAL UFPA, 2006, p. 4-5)

As Instituições de Ensino Superior têm papel preponderante quando se trata de discutir o desenvolvimento e, nesse caso, qual tipo de desenvolvimento cabe e é pertinente à região. Na discussão em torno da diversidade amazônida, a sustentabilidade está no centro do debate e as IES da região desempenham um papel importante nessa questão.

[...] as universidades, sobretudo na Amazônia, são instrumentos estratégicos na definição das políticas regionais, pois têm duplo desafio: atingir um padrão de qualidade compatível com as exigências do mundo contemporâneo e com a evolução do conhecimento; e formular programas sociais relevantes capazes de contribuir para a solução dos problemas nacionais, afirmando que uma das missões institucionais da universidade da Amazônia é cultivar sua vocação internacional. (MELLO, 2007, p. 70)

A visão estratégica defendida por Mello (2007) sobre as IES na Amazônia ressalta o árduo trabalho desenvolvido, cotidianamente, por seus atores e a produção de conhecimento pelas universidades públicas têm o papel de aproximar a região de sua vocação buscando meios de relacionar desenvolvimento com respeito à diversidade e peculiaridades locais. Neste momento, em que todo o globo volta suas atenções para a região amazônica, quando o Brasil busca recuperar sua imagem de nação democrática após vivenciar toda uma gestão do Governo Federal em que se flertava com o fascismo e nazismo, negando o conhecimento científico, travando verdadeiras batalhas contra as IES, sucateando e deixando-as à própria sorte, temos a oportunidade de demonstrar como estamos, realmente, preparados para assumir o protagonismo junto como os povos originários sobre as ações que devem alicerçar o futuro que queremos.

A despeito de todos os problemas enfrentados, como sucateamento, corte de verbas, perda de pesquisadores para a iniciativa privada, principalmente, multinacionais, paralisação de pesquisas e ataques negacionistas, as universidades brasileiras são, ainda, as instituições brasileiras que mais publicaram artigos

científicos no quinquênio 2014-2018. Dentre as 100 primeiras colocadas, há somente 17 universidades privadas. A Região Norte está representada pela Universidade Federal do Pará, que se encontra em 28º lugar, e pela Universidade Federal do Amazonas, que está em 49º na produção de artigos científicos, à frente de IES maiores e com aporte de verbas superiores.

Figura 9 - As 100 Universidades e Institutos no Brasil com Mais Artigos Científicos

100 universidades e institutos no Brasil com mais artigos científicos Fonte: Clarivate, Incites Dados levantados por CH Brito Cruz, 2019/04/10

Nome	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2014-18
1 Universidade de São Paulo	11.985	12.325	12.589	12.941	12.856	1.711	62.696
2 Universidade Estadual Paulista	4.103	4.211	4.497	4.582	4.664	618	22.057
3 Universidade Estadual de Campinas	3.777	3.914	4.081	4.286	4.326	623	20.384
4 Universidade Federal do Rio de Janeiro	3.366	3.525	3.620	3.617	3.571	497	17.699
5 Universidade Federal do Rio Grande do Sul	3.094	3.177	3.371	3.427	3.409	521	16.478
6 Universidade Federal de Minas Gerais	2.772	3.034	2.984	3.316	3.153	409	15.259
7 Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)	2.533	2.622	2.645	2.613	2.515	347	12.928
8 Universidade Federal do Paraná	1.728	1.807	1.982	2.386	2.358	297	10.261
9 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	1.637	1.811	1.983	1.980	2.011	281	9.422
10 Fundação Oswaldo Cruz	1.613	1.751	1.865	1.939	1.941	189	9.109
11 Universidade Federal de Pernambuco	1.418	1.516	1.580	1.569	1.498	206	7.581
12 Universidade de Brasília	1.329	1.487	1.544	1.623	1.529	199	7.512
13 Universidade do Estado do Rio de Janeiro	1.260	1.421	1.486	1.579	1.422	190	7.168
14 Universidade Federal de São Carlos	1.250	1.224	1.434	1.458	1.496	228	6.862
15 Universidade Federal de Viçosa	1.187	1.262	1.264	1.271	1.367	144	6.351
16 Universidade Federal do Ceará	1.091	1.230	1.259	1.418	1.343	172	6.341
17 Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	1.064	1.227	1.223	1.388	1.362	201	6.264
18 Universidade Federal Fluminense	1.152	1.282	1.255	1.203	1.184	147	6.076
19 Universidade Federal do Rio Grande do Norte	934	988	1.047	1.139	1.147	166	5.255
20 Universidade Federal da Bahia	853	984	1.030	1.078	1.197	133	5.142
21 Universidade Federal de Goiás	845	912	1.035	1.191	1.149	174	5.132
22 Universidade Federal de Pelotas	766	838	900	1.086	1.037	122	4.627
23 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	744	875	924	986	1.069	122	4.598
24 Universidade Federal da Paraíba	771	835	855	896	873	111	4.230
25 Universidade Estadual de Maringá	796	858	782	849	903	130	4.188
26 Universidade Federal de Uberlândia	675	773	824	890	926	115	4.088
27 Universidade Federal de Lavras	683	697	794	845	818	105	3.837
28 Universidade Federal do Pará	626	712	804	809	884	98	3.835
29 Universidade Federal do Espírito Santo	644	711	712	767	856	113	3.690
30 Universidade Estadual de Londrina	605	672	746	791	801	83	3.615
31 Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS)	568	719	946	839	502	70	3.574
32 Universidade Federal de Juiz de Fora	600	705	738	770	749	106	3.562
33 Universidade Tecnológica Federal do Paraná	496	699	710	765	754	103	3.424
34 Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)	462	506	582	602	661	79	2.813
35 Universidade Federal de Sergipe	440	423	517	530	575	87	2.485
36 Universidade Federal do ABC (UFABC)	454	454	443	503	537	115	2.391
37 Pontifícia Universidade Católica do Paraná	408	447	456	533	511	64	2.355
38 Universidade Federal de Campina Grande	509	426	464	471	449	58	2.319
39 Universidade Federal de Mato Grosso	378	463	480	470	525	47	2.316
40 Universidade Federal do Rio Grande	330	398	448	466	511	94	2.153
41 Universidade Federal de São João del-Rei	343	405	434	429	483	73	2.094
42 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)	383	373	407	437	475	58	2.075
43 Universidade Federal do Piauí	342	319	365	481	505	78	2.012
44 Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)	392	334	411	415	342	50	1.894
45 Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas	371	392	345	398	382	59	1.888
46 Universidade Federal de Ouro Preto	354	389	337	425	369	58	1.874
47 Universidade do Estado de Santa Catarina	286	334	367	400	428	49	1.815
48 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	315	335	405	384	334	42	1.773
49 Universidade Federal do Amazonas	318	348	337	377	384	50	1.764
50 Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	335	323	333	405	365	51	1.761
51 Universidade Federal de Alagoas	261	325	379	390	376	46	1.731
52 Universidade Federal do Maranhão	262	282	330	380	381	42	1.635
53 Universidade Estadual de Ponta Grossa	265	275	288	274	359	55	1.461
54 Comando-Geral de Tecnologia Aeroespacial (CTA)	215	241	287	282	300	40	1.325
55 Universidade Federal do Pampa	218	243	255	286	311	26	1.313
56 Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA)	210	234	282	278	297	39	1.301
57 Universidade Federal do Triângulo Mineiro	213	247	225	293	287	33	1.265
58 Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre	215	254	253	234	269	41	1.225
59 Instituto Butantan	238	223	213	289	260	31	1.223
60 Universidade Estadual de Santa Cruz	201	233	238	255	282	26	1.209
61 Universidade Nove de Julho	198	219	256	226	285	30	1.184
62 Universidade Estadual do Oeste do Paraná	208	244	253	256	217	29	1.178
63 Universidade Estadual de Feira de Santana	200	209	219	241	232	23	1.101

Filter Summary:
Dataset: Incites Dataset
Organization Type: [Academic]

Fonte: Clarivate, Incites, 2019.

Incluir a população amazônica nesse processo e democratizar o ensino, em

particular o Ensino Superior, é o objetivo a perseguir e vem sendo, cada vez mais, tratado como imprescindível pelos gestores das IES localizadas na região amazônica. Na palestra de abertura da *I Conferência para a Amazônia que queremos*, tal compromisso é demonstrado na defesa feita pelo reitor Emmanuel Tourinho, da UFPA, quando afirma que

a Amazônia que queremos passa necessariamente pela Universidade e depende do conhecimento científico sobre as nossas riquezas naturais, sobre as nossas riquezas culturais, sobre a nossa diversidade étnico-racial. A UFPA tem papel fundamental na produção de conhecimento sobre essas realidades, sobretudo para que políticas públicas que venham a ser desenhadas para a região sejam sólidas e sintonizadas com as necessidades dos povos da Amazônia. (PORTAL UFPA, 2023)

Em eventos como esse, organizações locais - IES, governos, ONGs, organizações de defesa dos povos da região - buscam impor “o protagonismo efetivo dos povos da Amazônia nos novos negócios de economia sustentável” (TOURINHO, 2023), respeitando a floresta, a biodiversidade e os povos originários.

O desafio de uma universidade pública de qualidade, com universalidade de acesso e desenvolvendo programas sociais relevantes, é o que defendem Mello, Almeida Filho e Ribeiro (2010). Ao ressaltar o padrão de qualidade, os autores apontam os indicadores globais que permeiam como requisitos para figurar dentro dos padrões que se espera de uma instituição de Ensino Superior. Como universalidade de acesso, que esteja aberta a receber, se não todos, mas os que tenham vocação, aptidão e motivação, integrando-se à sociedade, pesquisando, discutindo, intervindo e transformando realidades adversas onde está inserida.

A universidade pública deve ter o compromisso com problemas que a população brasileira enfrenta, principalmente, os relacionados à pobreza extrema, às doenças que a atingem, sistematicamente, e com as camadas desfavorecidas economicamente. Seu papel de relevância social a compromete com tais causas.

As bases em que estão alicerçados ensino, pesquisa e extensão organizam-se a partir do conhecimento sistematizado, mas não apartado da realidade social. O desenvolvimento metodológico deve estar pautado na práxis social e na formação cidadã de profissionais compromissados com a ética pública.

Mello *et al* (2010, p.297) defendem que “a universidade brasileira precisa ser capaz de educar cidadãos empreendedores e criativos, preparados para serem inovadores na sociedade, contudo, mestres da ação solidária, num mundo de contrastes e injustiças e em constante transformação”.

A universidade pública precisa se aproximar da sociedade, caminhando para além dos seus próprios muros, mesmo que imaginários, que a separam e impedem de ver e contribuir para as mudanças sociais necessárias à construção de uma sociedade mais justa e cidadã.

Os autores propõem mudança e instalação de projetos, incluindo na carga horária curricular, de atividades com itinerários formativos com temas como alfabetização em massa, educação para o trabalho e geração de renda, soluções tecnológicas para os problemas de saneamento básico, energia e produção em geral, empreendedorismo, cooperativismo, difusão da cultura e estímulos à criação cultural, promoção da saúde, instrução para o esporte, condicionamento físico, atividades saudáveis em relação à vida, etc.

Tais ações trariam engajamento social à academia, trazendo com o tempo mudanças no modelo de formação das novas gerações e criando vínculos orgânicos entre a universidade e a sociedade. Essa aproximação torna a academia mais próxima da realidade, com responsabilidade e socialmente comprometida com novos paradigmas de formação e relação com a sociedade. O que há de necessário, nesse aspecto, é uma formação cidadã se caracterizando em reconhecer o papel social da universidade e como esses futuros profissionais encaram sua relação com a sociedade.

Essa aproximação das universidades públicas de seu papel relevante como instrumento de transformação social ocorre ainda antes do ingresso dos jovens no Ensino Superior, quando com a mudança nos editais de acesso dos processos seletivos, são inclusos os instrumentos reparação social baseados na Lei 12.711 de 2012, que garante, através das cotas, a reserva de determinado percentual de vagas o acesso para estudantes de escolas públicas, pardos e pretos, pessoas com deficiência, quilombolas e indígenas. Lembrando que, em se tratando das universidades públicas esses compromissos figuram dentre seus princípios e fins.

Podemos, ainda, citar outras práticas que buscam aproximar as universidades públicas dos problemas enfrentados pela população em geral. Exemplo disso são os projetos desenvolvidos pelos Cursos de Pós-graduação em Tecnologias aplicada à Regularização fundiária, Prevenção de Conflitos e Melhorias Habitacionais (Núcleo de Altos Estudos da Amazônia) e da Residência Clínica em Regularização Fundiária, Prevenção de Conflitos e Melhorias habitacionais (Instituto de Ciências Jurídicas, Universidade Federal do Pará) que desenvolvem os Projetos de Pesquisa

Rede Amazônia, Meu endereço e Saber e conviver em baixadas na Amazônia, que trabalham com ações voltadas ao direito de morar.

É uma rede formada por instituições de ensino superior e de gestão pública dedicada ao fomento e à difusão de experiências e expertises em políticas públicas, alternativas e gratuitas, de inovação, assistência técnica e tecnológica, aplicadas à regularização fundiária urbana, articulada com medidas de prevenção de conflitos e melhorias de natureza socioambiental, habitacional e sanitária na Amazônia Legal. (NASCIMENTO; SANTOS; NEVES, 2022, p. 19)

Porém, essas ações vão além de tratar somente sobre leis, fazendo com que os discentes convivam com a realidade das baixadas e favelas da região amazônica, vivenciando um contexto em que várias famílias habitam um mesmo terreno ou um mesmo imóvel, onde há conflitos devido à titulação, passagem de rede de esgoto, fiação elétrica, ou simplesmente, pela abertura de uma janela irregular. Nos projetos, discentes e comunidades aprendem como lidar com esses problemas com base na legislação, mas também nas práticas de boa convivência em como superar tais adversidades.

Conflitos, intimidações e violações de direitos devem compor as pautas de debates e resultar na definição de medidas de impacto social nas comunidades em processo de regularização, historicamente, rotuladas de “irregulares” ou “informais”. E, por conseguinte, são áreas excluídas das políticas de acesso à cidade e à urbanização, embora, sistematicamente, incluídas nas políticas fiscais e econômicas, nas distintas esferas de governo. (NASCIMENTO *et al*, 2022, p. 16)

Uma das ações foi repassar aos comunitários orientações sobre planejamento e projeto arquitetônico para construção de sua residência. Sabidamente nas baixadas e periferias as construções são irregulares, sem autorização dos órgãos competentes ou orientação de um profissional da arquitetura ou engenharia civil. E qual a pessoa carente que em vista de construir ou reformar sua casa, reserva uma verba para o pagamento de um profissional para fazer a planta? Nas comunidades carentes essa realidade não existe, a obra é levantada e *assinada* com a *expertise* do pedreiro que aprendeu na prática.

No Programa de Pós-Graduação em Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior, PPGCimes, do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão (NITAE²), na Universidade Federal do Pará, que tem em sua proposta a criação de produtos e processos educacionais inovadores voltados ao ensino superior, encontramos discentes formulando produtos educacionais que tem como finalidade o enfrentamento de situações problemas com relevância social. É o caso de Rocha (2020) que ao criar o *Guia CartoDiversidade*,

trata de uma questão muito forte na sociedade e nas instituições de ensino, que é a discussão da diversidade étnico-racial e o preconceito racial e religioso. O produto educacional tem seu *layout* baseado nos orixás das religiões de matriz afro-brasileira, levanta questionamentos e apresenta informações na narrativa através de contos que vão trabalhando a desconstrução de posturas, há muito enraizadas, racistas e preconceituosas, ensinando a convivência, o respeito e a aceitação sobre nossas origens. A autora trouxe para o universo acadêmico suas vivências e angústias, além de sua militância contra o racismo e o preconceito.

Figura 10 - Infográfico do Guia da Metodologia Ativa Cartodiversidade



Fonte: *Guia Cartodiversidade*, 2020.

Outro produto educacional com relevância, que segue para além dos muros da universidade, é o *Minidicionário da língua de sinais Munduruku* idealizado por

Ferreira (2021), desenvolvido durante a pandemia de Covid-19 com muita dificuldade de acesso e persistência do pesquisador.

Diante das incertezas, começamos a desenhar um novo cronograma para que pudéssemos cumpri-lo no segundo semestre de 2020, em parceria com o Sr. Elinaldo, mas infelizmente tivemos de fazer novos ajustes, visto que o Sr. Elinaldo veio a óbito devido a complicações da Covid-19. Esse fato nos deixou entristecidos, uma vez que mais uma liderança foi perdida para uma pandemia que não tem controle efetivo e que tirou a vida de tantos brasileiros por falta de ações efetivas, vitimando principalmente muitos anciãos de populações tradicionais. (FERREIRA, 2021, p. 74)

O Minidicionário adentra a cultura e a linguagem do povo Munduruku, buscando criar conexões entre a língua Munduruku e indígenas com deficiência auditiva, fazendo a tradução em Língua de Sinais Munduruku (LSM) de 60 palavras, entre alimentos, animais, cumprimentos sociais, entes familiares e verbos, contendo definição, categoria, classificação gramatical, gênero e configurações de como as mãos e o corpo devem se expressar.

Figura 11 - Ficha de Identificação da Palavra Banana e Ficha de Identificação da Palavra Açaí

LSM		LIBRAS	
			
Munduruká escreve: Aiba		Português Escreve: Banana	
DEFINIÇÃO	Planta da família musaceae, originária do sudeste da Ásia e que se adaptou em regiões com clima tropical, seu fruto é muito nutritivo. Ex. na língua munduruku: konet iakoba yo yoi ba ei eju ³ .	Planta da família musaceae, originária do sudeste da Ásia e que se adaptou em regiões com clima tropical, seu fruto é muito nutritivo. Ex. na língua portuguesa: o consumo da banana pode trazer vários benefícios à saúde e previne contra doenças.	
CATEGORIA	Alimentos	Alimentos	
CLASSIFICAÇÃO GRAMATICAL	Substantivo	Substantivo	
GÊNERO	Feminino	Feminino	
CONFIGURAÇÃO DE MÃO			
MOVIMENTO	Movimento retilíneo	Movimento semicircular	
PONTO DE ARTICULAÇÃO	Espaço neutro em frente ao corpo	Espaço neutro em frente ao corpo	
DIREÇÃO/ORIENTAÇÃO	Palma da mão direita virada para baixo, em A. Palma da mão esquerda para baixo em D.	Mão direita fechada, palma para baixo, dedo polegar e o indicador distendidos e unidos pelas pontas. Mão esquerda em D, na vertical, palma para direita. Move-se a mão direita para baixo duas vezes.	
EXPRESSIONES NÃO-MANUAIS	Sem expressão	Sem expressão	
³ O lanche foi banana amassada com farinha.		21	

LSM		LIBRAS	
			
Munduruká escreve: Aai'a		Português Escreve: Açaí	
DEFINIÇÃO	Fruto tipo da Amazônia brasileira e tem a coloração roxa. Ex. na língua munduruku: asaidy axima yo yoi eju ocaxat cican ma ³ .	Fruto tipo da Amazônia brasileira e tem a coloração roxa. Ex. na língua portuguesa: açaí com tapioca é delicioso.	
CATEGORIA	Alimentos	Alimentos	
CLASSIFICAÇÃO GRAMATICAL	Substantivo	Substantivo	
GÊNERO	Feminino	Masculino	
CONFIGURAÇÃO DE MÃO			
MOVIMENTO	Abriu e fechar as mãos	Abriu e fechar as mãos	
PONTO DE ARTICULAÇÃO	Espaço neutro em frente ao corpo	Espaço neutro em frente ao corpo	
DIREÇÃO/ORIENTAÇÃO	Mão direita aberta na horizontal, palma para esquerda, dedo polegar sobre o indicador. Mãos semiabertas, na horizontal, palmas para baixo, lado a lado, em frente a corpo.	Mãos semiabertas, na horizontal, palmas para baixo, lado a lado, em frente a corpo.	
EXPRESSIONES NÃO-MANUAIS	Sem expressão	Sem expressão	
³ Açaí com leite azedo é nosso alimento preferido.		22	

Fonte: Minidicionário de Sinais da Língua Munduruku 2021.

Essas são apenas algumas iniciativas levantadas que encontramos

desenvolvidas ou em desenvolvimento na UFPA e que demonstram a preocupação com a superação de adversidades e relevância social. Neste sentido, as universidades públicas apresentam trabalhos que se negam a ser subordinados aos interesses do grande capital e dos mercados, seguindo o que defendem Mello, Almeida Filho e Ribeiro, quando afirmam

Isto porque, ainda que necessite, nos dias atuais, responder à demanda por pesquisas aplicadas ao desenvolvimento de processos e produtos requeridos pelos setores produtivos mais dinâmicos da sociedade, não pode a Universidade simplesmente sucumbir à lógica do mercado e silenciar diante das injustiças e desigualdades engendradas pela lógica da acumulação a qualquer preço. (MELLO; ALMEIDA FILHO; RIBEIRO, 2010, p. 293)

Neste caso, as universidades públicas fortalecem seu papel pautado no respeito à ética e à diversidade étnica, cultural e biológica, no pluralismo de ideias e pensamentos, na defesa dos direitos humanos e preservação do meio ambiente, na excelência acadêmica e universalização do conhecimento que constam como princípios regimentais.

"Nós não podemos mais continuar atendendo a esse pedido do mercado de formar profissionais, de formar técnicos, de formar gente para operacionalizar um sistema" (KRENAK, 2020, p. 19). O nosso papel enquanto seres humanos e que hoje operam o sistema nas universidades públicas brasileiras deve ser buscar uma formação humanizadora, que aproxime a academia dos problemas enfrentados pela sociedade, em particular as pessoas que vivem na miséria extrema. Não há que se negar a formação técnica, visto termos a necessidade de tais profissionais, todavia, sua formação acadêmica deve ter um caráter humanizador, com as relações sustentáveis permeando suas decisões e atitudes. Devemos poder ajudar a criar e construir seres humanos (KRENAK, 2020, p. 20), pois estes darão conta de mudar as universidades que contribuíram para a mudança da sociedade, resgatando a responsabilidade social que está no cerne de sua criação.

2.3 A VIAGEM COM AS CARTAS PEDAGÓGICAS

Meus companheiros de jornada, para escrever uma carta é preciso um dos elementos mais antigos da história da humanidade, as letras, que juntas formam as palavras. Assim, a partir de agora vamos adentrar no mundo que nos trouxe a este momento. Vamos viajar pela evolução da escrita, da palavra e da comunicação e como estas se conectam através das cartas no mundo contemporâneo.

Há um ditado popular que diz *a necessidade é a mãe da invenção*. Embora não tenha cunho científico, essa afirmação se aproxima muito da realidade, pois é diante da necessidade de resolver um problema que ativamos nossa criatividade. E onde está essa necessidade? Ela surge a partir de nossas interações sociais, nossa vivência no dia a dia, da carência para suprir uma *precisão*, às vezes, nas tarefas mais simples ou em atividades mais complexas. A escrita, uma das atividades mais básicas e triviais da atualidade, surgiu, segundo estudiosos, há 40 mil anos da necessidade do ser humano se comunicar. A princípio, a comunicação ocorria por meio de símbolos e desenhos pintados nas paredes das cavernas, chamados de pintura rupestre. Essas pinturas foram encontradas em cavernas do mundo todo demonstrando que povos de diferentes origens buscaram nos desenhos do cotidiano uma forma de se comunicar. Para fazer a pintura usava-se o que estava disponível, como barro, cascas de árvore, rochas, couro de animais e ossos. Os primeiros escritos foram encontrados em Tabuletas de Argila³⁹, Óstraco⁴⁰, Papiro⁴¹ e Pergaminho⁴². Thompson afirma que

é muito provável que as primeiras formas de escrita - desenvolvidas pelos sumérios e pelos antigos egípcios em torno de 3.000 a.C - tenham sido usadas principalmente com a finalidade de registrar informações relevantes à posse de propriedades e administração do comércio. (THOMPSON, 2011, p. 45)

Porém, como sabemos, não parou por aí, uma vez que a evolução e as interações humanas levaram à necessidade de comunicação nos níveis que

³⁹ Os primeiros pictogramas foram gravados nessa espécie de tábua de madeira coberta de argila. Com um instrumento feito de algum tronco vegetal, a argila era empurrada e os símbolos eram gravados. As tabuletas eram levadas ao forno para que o registro se tornasse permanente. Quando eram revestidas de cera, podiam ter os escritos apagados. Assim, as tábuas eram reaproveitadas. (UFMG, 2020)

⁴⁰ Nesse fragmento de cerâmica, na maioria das vezes quebrado, eram registrados avisos, rascunhos e mensagens curtas. A escrita era feita com objetos pontiagudos. Bem mais acessível do que o papiro ou o pergaminho, o óstraco foi muito presente na vida das classes mais baixas. O termo "ostracismo", que se refere a uma punição existente na Grécia Antiga, foi cunhado porque os habitantes de Atenas usavam um óstraco para votar sobre o exílio do réu. *Ibid.*

⁴¹ O precursor do papel foi desenvolvido por volta de 2500 a.C., pelos egípcios, a partir da planta papiro, que tinha o miolo cortado em finas lâminas. Depois de secas, elas eram mergulhadas em água, na qual permaneciam por seis dias. Outra vez secas, as lâminas eram ajeitadas em fileiras horizontais e verticais, sobrepostas umas às outras. A folha obtida era martelada, alisada e colada ao lado de outras, para formar uma longa fita que era depois enrolada. *Ibid.*

⁴² O pergaminho surgiu na Ásia, na cidade de Pérgamo, por volta do século 2 a.C. Era produzido com pele de animal, geralmente carneiro, bezerro e cabra. As peles passavam por um banho de cal e eram colocadas para secar em uma moldura de madeira. O pergaminho era um material nobre, usado para documentos muito importantes. Nos mosteiros católicos, os monges reproduziam textos religiosos nesse suporte. *Ibid.*

conhecemos hoje, e a Figura 12 demonstra essa evolução⁴³.



Fonte: Organograma confeccionado pela autora a partir de informações do museu virtual Steve Jobs, 2023.

Assim, vemos que o ser humano trilhou o caminho da escrita na pedra às redes virtuais, demandado pela necessidade de interagir, de se comunicar com o outro, tendo a pedra ou a tela como instrumento. Se, na Idade da Pedra, mulheres e homens precisavam registrar o cotidiano ou contabilizar seu rebanho e a pintura nas paredes era suficiente, na sociedade contemporânea a velocidade ocorre em questão de segundos através da evolução da internet e dos meios de comunicação. A necessidade de se comunicar e trocar informações fez com que ocorressem as invenções e os avanços tecnológicos. É nesse momento que ativamos a criatividade em busca de melhorar nossa vida em sociedade.

Importante destacar que para este estudo, quando me refiro ao termo comunicação, parto da conceituação de Wolton (2006), para quem, além da palavra dita e da informação repassada, haverá, sempre, o diálogo entre as pessoas, ou seja, para a comunicação ocorrer requer uma relação, um compartilhamento, um comprometimento entre indivíduos, ou seja, “o ideal de comunicação está evidentemente ligado ao compartilhamento, aos sentimentos, ao amor. É, com

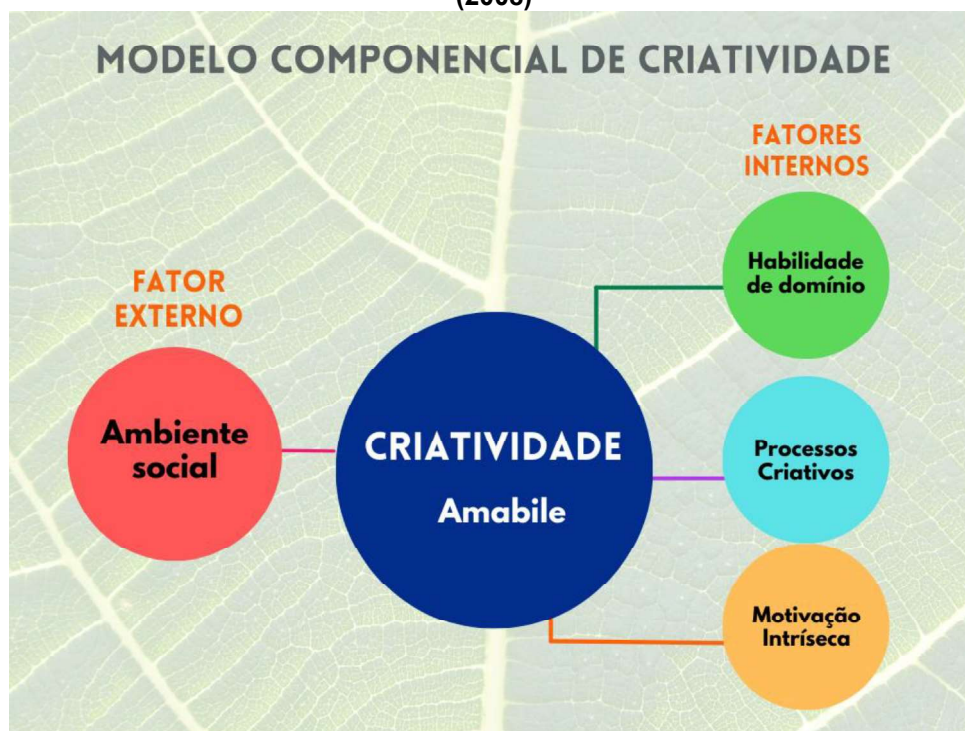
⁴³ Desde as formas mais rudimentares, quando os homens registravam o cotidiano com as pinturas rupestres, encontradas nas cavernas há 40 mil anos, passando pela escrita cuneiforme e hieróglifos em pedras, a adoção da escrita nos papiros e pergaminhos, com a invenção do papel na China e, posteriormente, o uso do alfabeto para facilitar o registro e a organização de informações. A evolução da prensa de madeira (305 d.C.) para o primeiro computador (1791) foi um passo importante para a mudança da tecnologia manual para a digital vivenciada atualmente com celulares, internet, redes sociais e inteligência artificial.

certeza, a situação na qual a comunicação percorre o presente, reencontra o passado e torna possível o futuro” (WOLTON, 2006, p. 17). Essa visão do papel da comunicação é, ainda, compartilhada por Freire quando, falando sobre o papel da comunicação na escola, afirma que “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1985, 46).

A comunicação é o instrumento metodológico empregado na produção de Cartas Pedagógicas e pretende estreitar os laços entre estudantes de IES da Amazônia sobre como contribuir para a promoção e valorização das identidades amazônicas nos processos de ensino e aprendizagem entre discentes do Ensino Superior da Região Norte.

Amabile afirma que a “criatividade é a produção de uma resposta, produto ou solução nova e apropriada para uma tarefa aberta” (AMABILE, 2012, p. 3), e essa produção é motivada pelo desenvolvimento das relações que cultivamos em nossa interação social. Ao ativar nossa criatividade, buscamos a autorrealização que é influenciada por fatores sociais, culturais e históricos. Essa autora desenvolveu o Modelo Componencial de Criatividade que organiza como o processo criativo ocorre. Segundo a autora, ao acionarmos nossa criatividade somos influenciados por fatores externos, o ambiente social que vivemos, e fatores internos, que seria a motivação intrínseca, habilidades de domínio e processos criativos, demonstrados na Figura 13:

Figura 13 - Modelo componencial de criatividade de Amabile, adaptado de Amabile e Mueller (2008)



Fonte: Figura confeccionada pela autora a partir do modelo componencial de criatividade de Amabile (2012).

Partindo da Teoria de Criatividade de Amabile e buscando as motivações para embarcar nessa jornada, posso afirmar que os fatores externos que levaram à inspiração do produto *Cartas para Amazônia* foram a vivência em campo fértil de relações sociais permeadas pela diversidade e miscigenação de povos na Amazônia. Dessa diversidade de povos, surge a pluralidade cultural observada no cotidiano amazônico e as *Cartas para Amazônia* pretendem ser um instrumento a interligar esses saberes locais com os conhecimentos científicos desenvolvidos na academia.

Fazer parte do cotidiano amazônico, tendo as experiências de vida permeada pelo fazer cultural com as mais distintas manifestações, seja na música, na culinária, na religião, nos maneirismos que ocorrem nas práticas das comunidades locais amazônicas, constitui-se como fatores internos para propor as *Cartas para Amazônia* como elemento de intersecção entre a academia e as comunidades locais.

Mas, por que cartas? Já consigo perceber as críticas chegando: “Cartas não têm nada de novo, nada de inovação, são tão antigas quanto a civilização”. E em minha pesquisa, quanto mais eu lia e leio, mais convicta fico de que a carta é um

instrumento transformador se trabalhada teórico-metodologicamente com o objetivo de desenvolver, aprofundar e fomentar um determinado tema. Neste caso, utilizei para discutir as confluências entre Ensino Superior e saberes locais na formação da identidade amazônica.

As cartas são um instrumento, embora antigo, eficaz de comunicação e cumprem o papel de diminuir distâncias, estreitar laços, conectar pessoas e mundos. Outro aspecto que se apresenta enquanto relevante na adoção da carta, é que ela incentiva a escrita à mão, prática cada vez mais rara em tempos de mensagens instantâneas carregadas de abreviações, *emoticons* e gírias. Aqui, não se trata apenas de carta, mas de Carta Pedagógica, que se diferencia pela intencionalidade ao escrever, onde há o “diálogo coerente e comprometido com a transformação social” (PAULO; DICKMANN, 2020, p. 20), e, para isso, é necessário pesquisar, olhar no seu entorno, buscar se ver, conhecer e reconhecer no contexto em que está inserido, e comunicar ao outro, o correspondente, esses sentimentos, atento à confluência com os saberes produzidos na academia. Em se tratando de carta, a criatividade está presente no desenvolvimento da escrita que é incentivada devido ao caráter leve e informal, não havendo o rigor da escrita culta como a exigida na produção de artigos científicos, embora esteja produzindo conhecimento. Ao escrever uma carta, o escrevente precisa revisitar espaços, físicos ou mentais, consultar fontes bibliográficas ou pessoas do seu convívio.

Foi assim comigo, ao escrever a primeira carta, a carta-convite aos participantes deste processo, pois precisei consultar minha mãe sobre os detalhes do meu nascimento, a cronologia de ruas, casas e que idade eu tinha em cada momento em que minha família precisava mudar de moradia. Esse diálogo, com minha mãe, foi como a montagem de um quebra-cabeça, com peças, que faltavam, sendo colocadas no lugar certo e preenchendo lacunas que antes nem eu mesma percebia que existiam, mas que foram importantes para montar uma parte da minha história. Não poderia deixar de dizer que ao compartilhar com minhas irmãs, Edilena e Edileusa, a carta por mim escrita, além de muitas lágrimas recebi delas a promessa de também escrever suas cartas e, quem sabe, fazermos esse processo em família. Neste aspecto, a carta foi transformadora, revelando sentimentos e fortalecendo relações.

Rubem Alves (2003), ao publicar suas conversas com as netas sobre sua infância no livro *Quando eu era menino*, faz um apanhado, em pequenas crônicas,

de como as coisas funcionavam, comparando com a realidade atual das crianças. Quanta diferença! Comparando casas, prédios, *shopping center*, eletrodomésticos, remédios, brinquedos, luz, fogo, enfim, tudo que sofreu mudança ao longo de sua vida e da vida de suas netas. Que viagem linda! E não se pode dizer que houve aprendizado aí? Sim, ouvir as histórias do avô com certeza mudou a perspectiva daquelas crianças. Neste caso, as crônicas facilmente poderiam se converter em cartas, talvez para as netas que não puderam estar sentadas ao seu lado para ouvi-lo.

Quando se fala em troca de cartas, como isso ocorre, logo suscita dúvidas de como seria esse processo. Convencionalmente uma carta é escrita, *envelopada*, selada e enviada através de correio. Esse processo também pode ser dinâmico, podendo acontecer através do envio tradicional, por *e-mail*, ou outro meio que os correspondentes acordarem. A versatilidade da carta é vista na música *Meu caro amigo*, de Chico Buarque e Francis Hime.

Meu caro amigo⁴⁴

Meu caro amigo, me perdoe, por favor
 Se eu não lhe faço uma visita
 Mas como agora apareceu um portador
 Mando notícias nessa fita
 Aqui na terra, tão jogando futebol
 Tem muito samba, muito choro e *rock'n'roll*
 Uns dias chove, noutros dias bate sol
 Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
 Muita mutreta pra levar a situação
 Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça
 Que a gente vai tomando e também sem a cachaça
 Ninguém segura esse rojão
 Meu caro amigo, eu não pretendo provocar
 Nem atizar suas saudades
 Mas acontece que não posso me furtar
 A lhe contar as novidades
 Aqui na terra, tão jogando futebol
 Tem muito samba, muito choro e *rock'n'roll*
 Uns dias chove, noutros dias bate sol
 Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
 É pirueta pra cavar o ganha-pão
 Que a gente vai cavando só de birra, só de sarro
 Que a gente vai fumando e também sem um cigarro
 Ninguém segura esse rojão
 Meu caro amigo, eu quis até telefonar
 Mas a tarifa não tem graça
 Eu ando aflito pra fazer você ficar
 A par de tudo que se passa
 Aqui na terra, tão jogando futebol
 Tem muito samba, muito choro e *rock'n'roll*

⁴⁴ Compositores: Chico Buarque e Francis Hime. Phonogram, 1976.

Uns dias chove, noutros dias bate sol
 Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
 Muita careta pra engolir a transação
 E a gente tá engolindo cada sapo no caminho
 E a gente vai se amando que também sem um carinho
 Ninguém segura esse rojão
 Meu caro amigo, eu bem queria lhe escrever
 Mas o correio andou arisco
 Se me permitem, vou tentar lhe remeter
 Notícias frescas nesse disco
 Aqui na terra, tão jogando futebol
 Tem muito samba, muito choro e *rock'n'roll*
 Uns dias chove, noutros dias bate sol
 Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
 A Marieta manda um beijo para os seus
 Um beijo na família, na Cecília e nas crianças
 O Francis aproveita pra também mandar lembranças
 A todo o pessoal, adeus.

O ano era 1975, o Brasil vivia o período da ditadura civil-militar. Precisando mandar notícias do Brasil ao amigo Augusto Boal, exilado em Portugal, Chico Buarque e Francis Hime (citado ao final da música), contam os acontecimentos através de uma carta em forma de música. Porém, visando driblar a censura que lia todas as cartas escritas, o instrumento de envio foi uma *fita cassete* dentro de um envelope. Conta a história que ao receber a carta, tendo sua irmã como emissária, Augusto Boal estava em um almoço com alguns amigos, dentre eles, Darcy Ribeiro⁴⁵ e Paulo Freire, e ela teria dito “Chico mandou uma carta pra você”. A carta, um retrato da situação vivenciada pelo Brasil na época, é recheada de elementos que, por meio de metáforas, vão descortinando, ao amigo longínquo, sua visão do que estava acontecendo por aqui. Como negar que esta carta é uma Carta Pedagógica? Nela há intencionalidade, há crítica aos acontecimentos, principalmente no verso “Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta”, suscita o questionamento *ao status quo*.

Outro aspecto reconhecido como criativo é a dinâmica da troca de cartas no processo desenvolvido. Neste caso, discentes de graduação de diferentes realidades e instituições de Ensino Superior da região amazônica em um único objetivo. Dessa forma, uma região de dimensões continentais com diversos olhares sendo explorada a partir da vivência de discentes e suas relações identitárias ativadas pela troca de Cartas Pedagógicas, onde a reunião de saberes, lugares e

⁴⁵ Darcy Ribeiro (1922-1997) antropólogo, educador, romancista, historiador, sociólogo, escritor e político brasileiro, filiado ao Partido Democrático Trabalhista, estudioso da cultura indígena e temas educacionais. Escreveu vários livros, dentre eles “O povo brasileiro”. Era membro da Academia Brasileira de Letras.

pessoas, buscou relacionar significações, conexões e aprendizados.

Para ensinar é preciso método, mas também criatividade. Ensinar é, inicialmente, atrair a atenção do aprendiz, despertar sua curiosidade, cultivar sua vontade de estar ali e seguir em frente. Cativar a imaginação e a inquietação pelo que virá em seguida. A Carta Pedagógica suscita a reflexão de seu papel social enquanto educador, refletindo sobre suas práticas, percursos e escolhas, ou mesmo a falta delas. Aprender (e ensinar) práticas que levem o legado de Paulo Freire para a sala de aula é, ainda, um ato de resistência em tempos em que falar em direitos (humanos), tolerância religiosa, combate ao racismo e à homofobia, é considerado, aos olhos conservadores, uma prática doutrinária. Neste sentido, é preciso reinventar a educação e o modo de ensinar, tal como Freire aponta para “a necessidade de ‘reinventar o mundo’ diante das possibilidades concretas de ‘fazer um mundo melhor’ priorizando a hominização como processo de ‘ser mais humano’”. (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010, p. 709). Retomando Martín-Barbero (2004) e Freire (1994), para ensinar, e aprender, é preciso afeto.

No mundo contemporâneo, onde tudo é veloz e efêmero, as Cartas Pedagógicas convidam à reflexão, ao pensamento, ao engajamento e ao aprofundamento do objeto de estudo. A carta sempre será autoral e carregada de intencionalidade, afetividade e boniteza. Assim, como fruto dessa viagem pela imensidão amazônica, levado nas asas das Cartas Pedagógicas, nasceu o *Diário de Viagem Cartas para Amazônia*, composto pela coletânea das cartas trocadas e as impressões que eu, como pesquisadora-cartógrafa, consegui vislumbrar através do método cartográfico. Esse Diário tem a intenção de contribuir com a discussão sobre as identidades amazônicas e suas convergências com o conhecimento científico nas IES. Porém, por ser um tema amplo e relevante que extrapola os muros da academia, também pretende colaborar com a discussão em ambientes de ensino não formais que tenham na Amazônia, no desenvolvimento sustentável e na identidade cultural, seu foco de interesse.

Capítulo 3

Oração da Terra

Coração sagrado da terra

Coração sagrado da terra

Du filho da terra

Du filho da terra

História é possibilidade

Em nome do amanhã

No hoje, vida sustentável na terra

Humanizar a humanidade

Naturalizando

A natureza

Reinventando o mundo à luz cidadã

Corpo que é templo do

Sagrado coração da terra

Coração sagrado da terra

Du filho da terra

Du filho da terra

Herdeiro de uma magia

Vontade, energia que emana

Do maracá do grande espírito da terra

Erradicando a fome, a morte, a guerra

Sol da sabedoria

Que nos liberta

Mente sã plenitude do amor

Dádiva, a pulsar o tambor do

Sagrado coração da terra

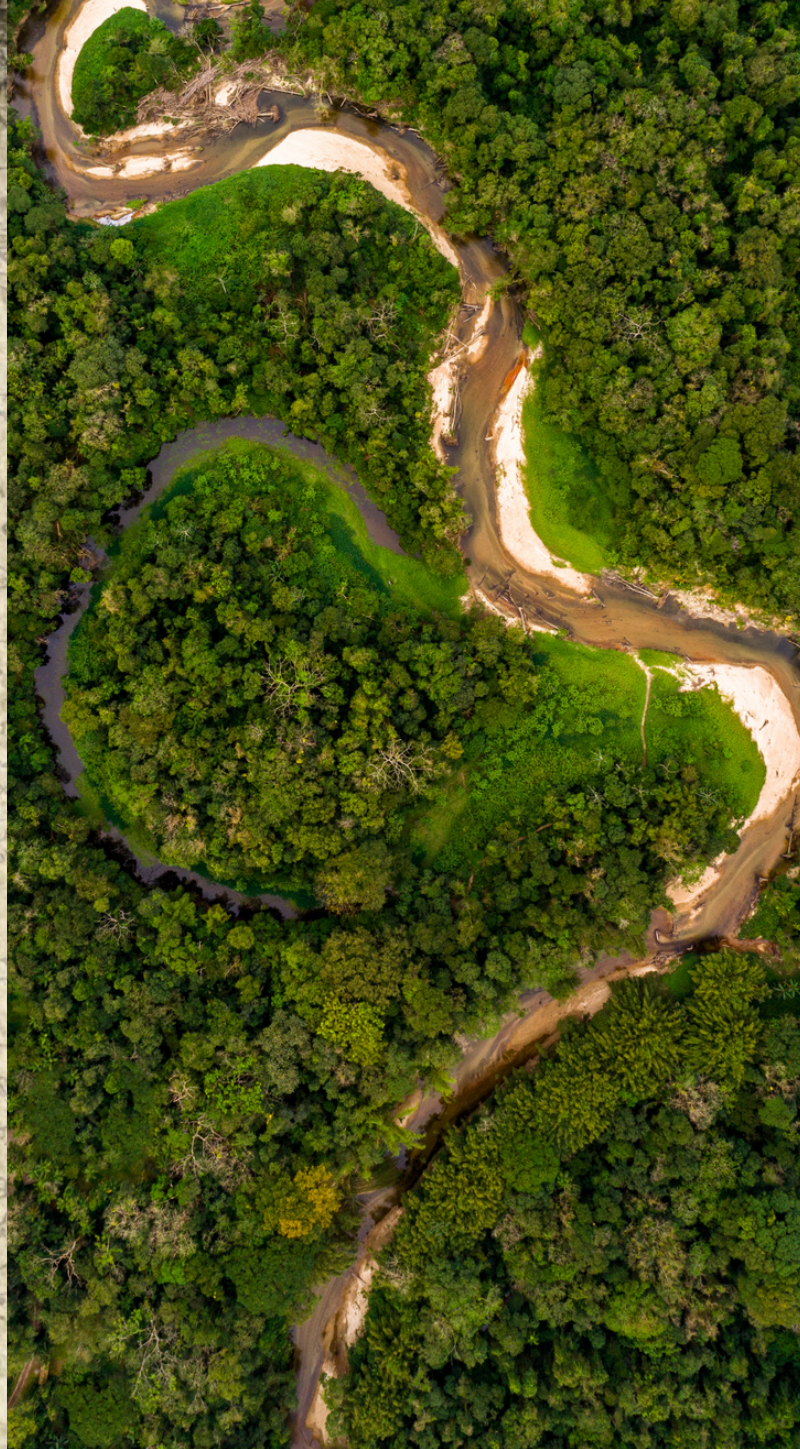
Coração sagrado da terra

Du filho da terra

Du filho da terra

Composição: Marcos Moura e

Paulinho DU Sagrado (2021)



Para viajar com a música, clique no QR Code



3. MOTIVOS PARA EMBARCAR

Prosseguindo nossa viagem, vou levá-los agora pelos caminhos que me instigaram a iniciar essa jornada e, tenho certeza de que, no decorrer do caminho, vocês também serão fisgados pela beleza do caminhar. Porém, antes de partir, é preciso retroceder um pouco nos tortuosos caminhos que trilhei e que me trouxeram até aqui.

3. 1 ANTES DE PARTIR

Amazônia e identidade. Esse era o ponto de partida. Minha grande inquietação. E entre o primeiro pensamento e a concretização, com as Cartas para Amazônia, um longo caminho foi percorrido. A mudança, com o aprendizado desse processo, não foi, de modo algum, tarefa fácil; porém, enriquecedor.

O caminho trilhado desde a graduação em Turismo (2007), em que a valorização do Centro Histórico de Belém era o foco do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), passando pela valorização do patrimônio histórico e cultural de Icoaraci (distrito de Belém/PA) ao apresentar o pré-projeto para a seleção do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Criatividade e Inovação em Metodologia do Ensino Superior, no PPGCIMES/UFGA, e culminando na discussão travada na disciplina Validação de Produtos Educacionais, do mesmo Programa de Pós-graduação, em que tive como Questão-foco “Como contribuir para promoção e consequente valorização da cultura paraense, por meio da Educação Patrimonial, estimulando o sentimento identitário em relação à Amazônia paraense em estudantes do Ensino Superior?”, demonstra a preocupação, sempre presente, em relação aos traços culturais e identitários da região amazônica.

Contudo, somente desejo e preocupação não concretizam estudos que devem ter a solidez do embasamento teórico e da pesquisa aplicada. Assim, com muitos questionamentos na mente, cheguei à Qualificação com a Questão-foco: “Como contribuir para a promoção e valorização das identidades amazônicas nos processos de ensino e aprendizagem entre discentes do ensino superior da Região Norte?”.

Entendendo que o nosso papel, meu enquanto discente e pesquisadora, e da UFGA, enquanto instituição de Ensino Superior, é favorecer e fomentar a discussão sobre a Amazônia, uma vez que não temos o poder de conscientizar ninguém, mas proporcionar as condições para que os indivíduos possam refletir, entender e,

consequentemente, quem sabe, vir a valorizar os elementos identitários relativos a ser amazônida. Assim, nas trilhas dessa jornada, e ainda sem saber ao certo como colocar em prática tal discussão, tive duas iniciativas precursoras como propostas. A primeira, em conjunto com a colega de Pós-Graduação, Rafaelle Brabo, com a criação da plataforma virtual Patuá - Guia da Música Paraense, que visava hospedar e catalogar dados sobre a música paraense e seus produtores propondo-se a subsidiar a aprendizagem em ambientes formais, como os cursos de licenciatura em música das Instituições de Ensino Superior do Pará e ambientes não formais, no que tange ao conhecimento da música paraense, estimulando e valorizando o conhecimento acerca da produção cultural do Pará e da região amazônica.

Além desse objetivo, pretendia contribuir com o processo ensino-aprendizagem da música paraense, incentivar o conhecimento da música paraense, organizar acervo sobre a produção cultural paraense para consulta, divulgar a produção musical local e disponibilizar aos produtores culturais paraenses uma plataforma de divulgação, armazenamento e fomento. Porém, esse produto tornou-se inviabilizado devido à logística financeira e de pessoal necessária para manter a plataforma, permanentemente, em atividade.

Figura 14 - Logotipo criado pelas autoras para a plataforma virtual

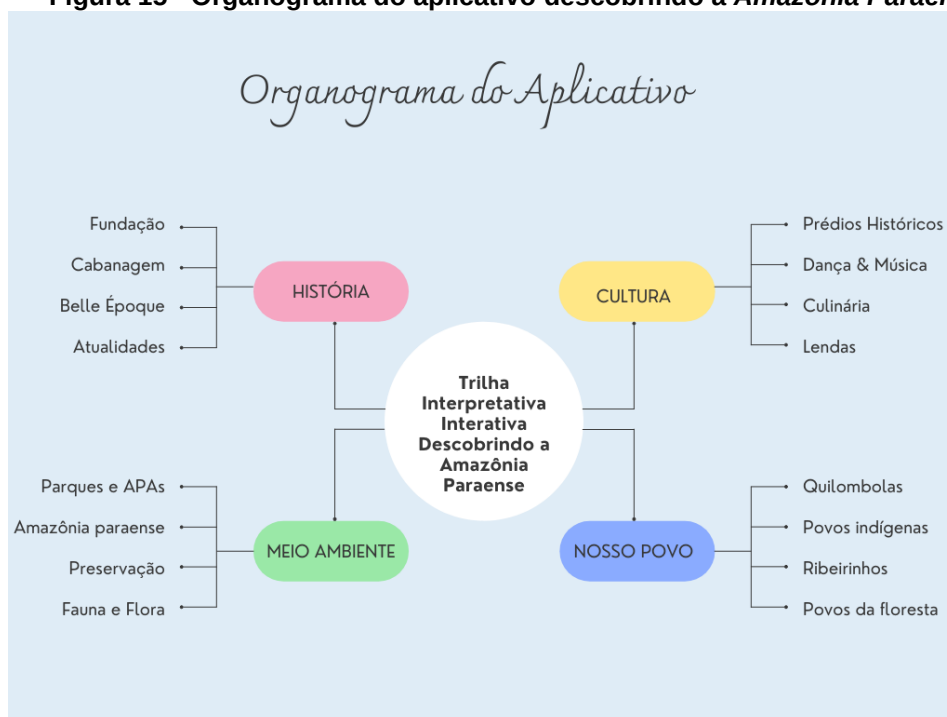


Fonte: arquivo da autora, 2022.

A segunda tentativa ocorreu durante a realização da disciplina Validação de Produtos Educacionais, na qual nós, discentes do curso, deveríamos entregar, como atividade final, o projeto do produto educacional a ser apresentado ao Programa de

Pós-graduação. Desse modo, a proposta de produto a ser desenvolvido foi a criação, através de um aplicativo, de uma Trilha Interpretativa Interativa denominada *Descobrimdo a Amazônia Paraense*, que tinha o objetivo de desvendar e apresentar o patrimônio histórico material e imaterial, fauna, flora, lendas e particularidades da Amazônia paraense baseado na metodologia da Educação Patrimonial visando estimular o reconhecimento e consequente valorização, como identidade cultural da Amazônia paraense, em estudantes de graduação da Universidade Federal do Pará. Novamente, esta tentativa foi refutada devido à sua amplitude de ações e, talvez, falta de objetividade na execução da proposta.

Figura 15 - Organograma do aplicativo descobrindo a *Amazônia Paraense*



Fonte: arquivo da autora, 2022.

Prosseguindo na caminhada, não preciso dizer que, com muita angústia, por não conseguir chegar a um produto exequível, voltei-me para as leituras e escritas da base teórica, crendo nas palavras de meu orientador, professor Sandro Colferai, que sempre dizia que, ao percorrer o caminho, eu encontraria o produto. Nessas escritas, voltei aos livros do mestre Paulo Freire, que reencontrei como fomentador das Aprendizagens Significativas nas leituras da disciplina Métodos e Técnicas Inovadoras de Ensino e Aprendizagem.

Aqui, preciso fazer um parêntese para explicar o porquê de afirmar que o reencontrei. Tendo minha primeira formação acadêmica em Licenciatura em Pedagogia, Paulo Freire foi uma das leituras mais importantes que embasaram minha vida na Universidade. Com ele, aprendi que a educação pode ser transformadora, se for crítica e houver intencionalidade; aprendi que não se aprende a “ler o mundo” lendo somente “Ivo viu a uva”; aprendi sobre a relação de afeto e respeito que deve haver entre educador-educando; aprendi que eu, como educando(a), posso ser sujeito de minha própria história; aprendi que a educação liberta.

Porém, com o passar do tempo e a dureza da vida, das condições de trabalho na área da educação, tudo que aprendi foi sendo esquecido, ficando adormecido, tratado como romantismo e inocência de quem não vive a cruel realidade do desmonte da educação brasileira.

Durante muitos anos, Freire ficou quietinho na minha memória, ressurgindo somente nas jornadas, palestras e reuniões, em que era preciso começar com uma frase bonita e impactante sobre educação. Meu reencontro com Freire, ao cursar a disciplina Métodos e Técnicas Inovadoras de Ensino e Aprendizagem, começou com um capítulo do livro *Pedagogia do Oprimido* (1994) e não parou mais. Preciso dizer que, para quem começa a ler seus livros, não quer mais parar; e cada livro leva a querer fazer a leitura do próximo. Fato conflitante para mim, neste momento, em que preciso me concentrar nas leituras relacionadas ao processo que estou desenvolvendo. Enfim, livros separados para leitura pós-defesa.

Confesso que, durante a graduação, não li muitos livros de Paulo Freire, e talvez, a leitura por obrigatoriedade tenha roubado a beleza, a grandeza e a reflexão que agora enchem meus olhos e incentivam a seguir. Somando-se a isso, em outubro de 2021, escrevi minha primeira Carta Pedagógica (coletiva) quando participei do minicurso Cartas Pedagógicas (on-line), durante o Seminário Interdisciplinar em Ciências Humanas UFFS e VI Transfronteiras PPGICH/UEA promovido pela Universidade Federal da Fronteira Sul (Erechim/SC) e, nesse contexto, conheci mais uma faceta das escritas de Paulo Freire, a qual viria a me encantar. A partir daí, realizei muitas pesquisas sobre o tema e encontrei no artigo *Fazer a aula com Cartas Pedagógicas: legado de Paulo Freire e experiência de reinvenção no ensino superior* (FREITAS, 2001), da professora Ana Lúcia de Souza

Freitas¹ o embasamento e o incentivo para que as Cartas Pedagógicas se tornassem o instrumento metodológico de meu produto educacional. Falaríamos sobre a Amazônia através das Cartas Pedagógicas. Com a apresentação e aprovação da proposta ao meu orientador, colocar as mãos à obra eram os passos a seguir.

3.1. 1 - Preparando a Viagem: caracterização do Produto Educacional

Ao partir em uma jornada, é preciso se ter uma causa, aqui o objetivo do Produto Educacional *Cartas para Amazônia* é conectar docentes e discentes de Instituições de Ensino Superior da Região Norte fazendo a intersecção entre saberes locais e conhecimento científico através das Cartas Pedagógicas buscando contribuir com a promoção e valorização das identidades amazônicas.

Para o educador Paulo Freire, não existe ensino sem aprendizagem. E a tarefa de aprender será um tanto mais frutífera se houver materiais que mediem e facilitem o aprendizado. Esses materiais, no Ensino Superior, também chamados de Produto ou Processo Educacional (PE), devem “servir de produto interlocutivo a professores e professoras que se encontram nos mais diferentes contextos do nosso país.” (RIZZATTI *et al*, 2020, p. 05). Assim, para facilitar a catalogação, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) os classifica, tendo como base o Documento de Área do Grupo de Trabalho de Produção Técnica (BRASIL, 2019), como segue:

- a) Produtos e Processos: serviços realizados junto à sociedade/instituições, órgãos governamentais, agências de fomento, vinculados à assistência, extensão e produção do conhecimento;
- b) Formação: caracteriza-se por atividades de educação relacionadas a diferentes níveis de formação profissional, com público-alvo interno ou externo à instituição de origem;
- c) Divulgação da produção: atividades relacionadas à divulgação da produção;
- d) Serviços técnicos: serviços realizados junto à sociedade/instituições, órgãos governamentais, agências de fomento, vinculados à assistência, extensão e produção do conhecimento. (BRASIL, 2019, p. 11, 12, 13)

O Produto Educacional é um instrumento que deseja motivar a experiência de aprendizado; não devendo, no entanto, ser tomado como uma receita pronta e

¹ Ana Lúcia Souza de Freitas, Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Jaguarão, Jaguarão, RS, Brasil. Pesquisadora convidada da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA, Campus Jaguarão) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas, Avaliação e Gestão da Educação/GEPPAGE. Cofundadora do Coletivo Leitoras de Paulo Freire na França. Doutora em Educação (PUCRS, 2005), com estudos de pós-doutorado em Pedagogia Crítica (Liverpool Hope University, 2015).

acabada, caindo, assim, em uma pedagogia tecnicista². Neste caso, no desenvolvimento do produto, partindo do contexto em que se encontra, tomei por base a realidade do discente, buscando nele próprio e em sua história, sua motivação para o aprendizado. Como Rizzatti, Mendonça, Mattos, Rôças, Silva e Cavalcanti (2020) afirmam,

Descrição das etapas empreendidas no processo de ensino e aprendizagem, com intencionalidade clara e com o objetivo de criar oportunidades sistematizadas e significativas entre o sujeito e um conhecimento específico. Oportuniza um mapeamento e uma superação do senso comum, levando o sujeito a compreender que o conhecimento é advindo da produção humana, sendo resultado de investigações que envolvem os domínios e aspectos científicos, tecnológicos, históricos e/ou sociais, não sendo, portanto, neutro. (RIZZATTI et al, 2020, p. 4-5)

Desse modo, na constituição do produto, parti em busca dos aspectos históricos e culturais inerentes à história de vida dos discentes para que, a partir daí, conseguisse realizar as confluências com o conhecimento científico, fomentando a valorização das identidades amazônidas no processo ensino-aprendizagem. Pois, o Produto Educacional deve ter a capacidade de mutação e adaptabilidade, podendo se adequar a diferentes realidades e ser utilizado de forma crítica, fazendo leitura de mundo e desempenhando o papel que a educação crítica realmente tem por objetivo, que é a transformação da realidade. O Produto Educacional, aqui desenvolvido, caracteriza-se como um material didático, definido pelo Grupo de Trabalho de Produção Técnica da CAPES como

propostas de ensino envolvendo: sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas; material textual, como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares, dicionários; mídias educacionais, como vídeos, simulações, animações, videoaulas, experimentos virtuais e áudios; objetos de aprendizagem; ambientes de aprendizagem; páginas de internet e blogs; jogos educacionais de mesa ou virtuais, e afins; entre outros. (BRASIL, 2019, p. 43)

O produto em questão tem perfil para ser aplicado em ambientes formais, no caso, nas IES da região amazônica, e em ambientes não formais, uma vez que ao tratar de elementos relacionados à cultura e aos saberes locais, tem um forte apelo para ser adotado por entidades ligadas aos movimentos sociais, quilombolas,

² Na pedagogia tecnicista, o elemento principal passa a ser a organização, racional dos meios, ocupando o professor e o aluno posição secundária, relegados que são à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais (SAVIANI, 2003, p. 13).

indígenas, de trabalhadores rurais, juventude, dentre outros que tenham interesse em discorrer sobre o tema da identidade amazônica. Um produto educacional, por ser fruto de um estudo aprofundado e possuir a licença *Creative Commons*³, atende, de acordo com Rizzatti, Mendonça, Mattos, Rôças, Silva e Cavalcanti (2020), as cinco liberdades: reusar (liberdade de usar; revisar (adaptar, modificar, traduzir); remixar (combinar dois ou mais materiais); redistribuir (compartilhar) e reter (ter a própria cópia); e, devido a essas características, têm a flexibilidade de adaptação a espaços de aprendizagem diversos, neste caso, formais e não formais.

Dentre as liberdades relacionadas, as Cartas Pedagógicas, utilizadas neste trabalho de pesquisa visando fomento da identidade amazônica, pode, em outro contexto, por outro professor ou pesquisador, ser utilizada para discutir a importância da poesia de Clarice Lispector para a literatura brasileira, por exemplo, ou ainda, tratando de universo amazônico, como a música regional incentiva e nos empodera enquanto seres da floresta, o que demonstra a sua amplitude e versatilidade enquanto instrumento de ensino.

Assim, surgiram as *Cartas para Amazônia*, incentivada pela necessidade de discutir e fomentar a identidade amazônica com seus saberes locais, conectada ao conhecimento científico, tomando os escritos de Paulo Freire, desenvolvidos e disseminados por estudiosos como Camini⁴, Paulo e Dickmann⁵, Souza⁶ e tantos outros que se afetaram em suas pedagogias para construir um mundo melhor. A inspiração nas correspondências de Freire me levou a desenvolver o produto a seguir descrito.

3.1. 2 Cartas para Amazônia - Produto Educacional

Toda viagem ou atividade que se desenvolve tem, necessariamente, uma orientação de como se deve proceder. Este Produto Educacional é um convite a

³*Creative Commons* é a licença que permite o compartilhamento e a reutilização de criatividade e conhecimento por meio do fornecimento de ferramentas jurídicas gratuitas. Essas ferramentas jurídicas ajudam aqueles que desejam incentivar a reutilização de suas obras, oferecendo-as para uso em termos generosos e padronizados; aqueles que querem fazer usos criativos das obras; e aqueles que querem beneficiar desta simbiose. <<https://creativecommons.org/faq/>>. Acesso em 30 abr. 2022.

⁴ Cartas Pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

⁵ Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. 1a. ed. – Chapecó: Livrológia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2).

⁶ Fazer a aula com Cartas Pedagógicas: legado de Paulo Freire e experiência de reinvenção no Ensino Superior. Revista Docência do Ensino Superior, Belo Horizonte, v. 11, e035283, p. 1-20, 2021. DOI: v. 11, e035283, p. 1-20, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.35283>

viajar, através da escrita de cartas, pela Amazônia. O viajante deve estar atento ao que se mostra, mas também ao que nos escapa ao olhar, buscando conhecer e se *re-conhecer* nos relatos, compartilhando sentimentos e fortalecendo suas relações identitárias. As pistas encontradas durante o percurso contribuirão para que cada viajante-escrevente possa traçar seu próprio caminhar e suas descobertas. Assim, para poder demonstrar o poder pedagógico do PE, foi necessário experienciá-lo, colocando *Cartas para Amazônia* em prática. Desse modo, apresento o (1) Produto Educacional denominado *Cartas para Amazônia*, contendo apresentação, objetivos e como utilizá-lo; o (2) Processo denominado de *Diário de Viagem - Coletânea de Cartas*, que apresenta o relato da experiência vivenciada com a prática do PE.

3.1.3 - Cartas para Amazônia

Quando decidimos fazer uma viagem, o planejamento é fundamental. Pensamos logo no que levar, como arrumar a bagagem e em quantas coisas podemos trazer ao retornar. Nessa viagem, muita coisa foi preciso levar, tivemos muito trabalho, não para arrumar as malas, mas para olhar ao nosso redor, preencher esse olhar, organizar as ideias e transpô-las para o papel. A cabeça, esta sim, estava cheia, e a expectativa com o resultado era muito grande. Desse modo, além da imaginação, os nossos viajantes tiveram um auxílio na organização da bagagem, que, neste caso, coube nas mãos. Assim, nossos escritores-viajantes receberam um *Kit de Viagem* (ver figura 16) com itens que os auxiliaram nesse percurso.

Figura 16 - Componentes do Kit de Viagem



Fonte: Figura confeccionada pela autora no Canva.com. 2022.

3.1.4 - Componentes do *Kit de Viagem*:

a) *Pistas e percursos para a viagem*

Para iniciar a viagem, são necessárias algumas pistas; mas são só pistas, afinal, os caminhos já trilhados muito nos dirão do itinerário a seguir. E, neste caso, o olhar deve estar atento a todo tipo de informação, seja visual, sensorial ou sentimental. Informações que encham os olhos e os sentidos, mas também, e principalmente, do que está nas imediações. As *Pistas e Percursos para a viagem* têm o objetivo de apresentar sugestões de trajetórias e rotas a trilhar. Neste caso, são apenas indicações para que os escritores-viajantes não se sintam inseguros na partida. Porém, com o desenvolver da jornada, eles tendem a traçar seu próprio caminho; pois, seguindo a premissa de Martín-Barbero,

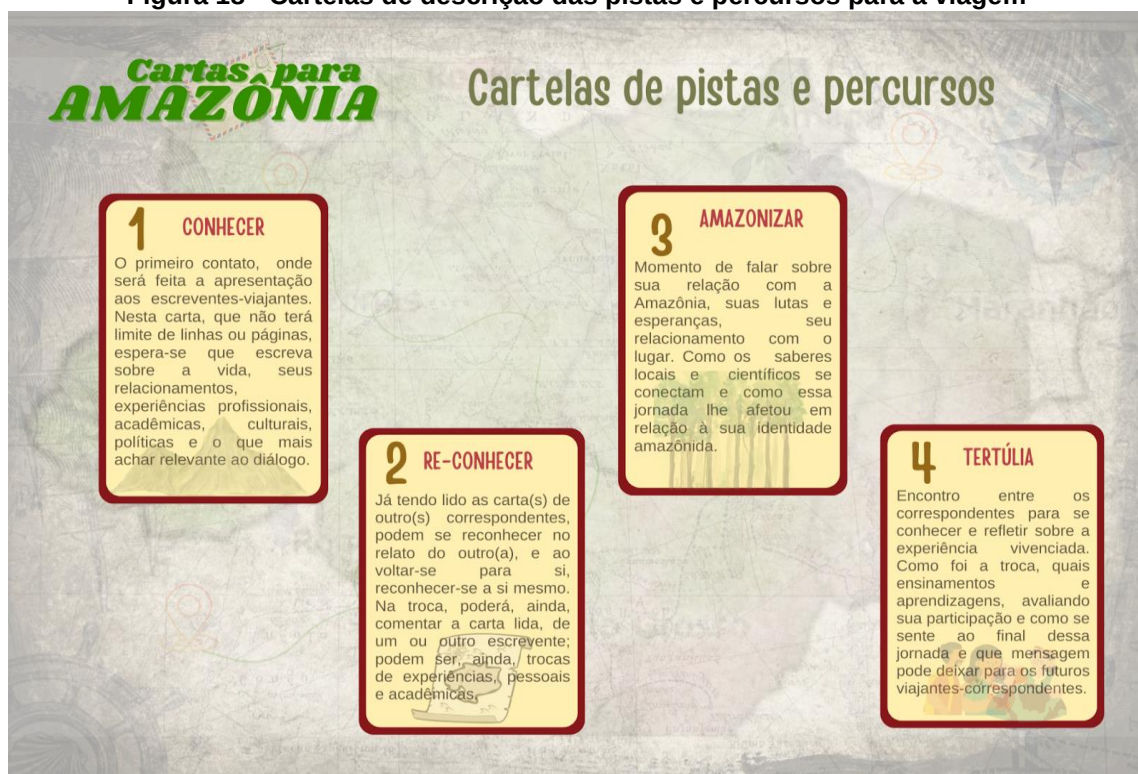
[...] quando a estabilidade do terreno dos referentes e das medidas é esburacada pelo fluxo da vida urbana, pela fluidez da experiência cosmopolita, os mapas nos impediriam de fazer nosso próprio caminho ao andar, de aventurar-nos a explorar e traçar novos itinerários, evitando o risco de perder-nos, sem o qual não há possibilidade de descobrir(-nos). (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 11-12)

Figura 17 - Pistas e percursos para a viagem



Fonte: Figura confeccionada pela autora em Canva.com. 2022.

Figura 18 - Cartelas de descrição das pistas e percursos para a viagem



Fonte: Figura confeccionada pela autora em Canva.com. 2022.

Na descrição da sugestão de pista e percursos, listadas na Figura 18, destaco o sentido e o significado das rotas demonstrado pelas setas. As setas tortuosas indicam a relação entre os percursos **Conhecer**, **Re-conhecer** e **Amazonizar**, onde devem acontecer os primeiros contatos e se tem as primeiras impressões do(s) correspondente(s). Tortuosas, pois expressam como podem ser os caminhos percorridos. No primeiro contato, o escritor-viajante tem a responsabilidade em cativar o destinatário, o que garantirá a continuidade da jornada. Aqui, cabe a expressão “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”, da obra de Antoine de Saint-Exupéry (2018, p. 56), pois ao partilhar sua vida, suas aspirações e vivências têm o papel de instigar o *com-partilharmento*, por sua vez, de suas experiências e práticas de vida. E o percurso não é estanque. A seta pontilhada, na última etapa da jornada, indica que, havendo querer, pode haver outra(s) rodada(s) de trocas de correspondências, sendo os participantes quem decide quando finalizar a troca das cartas.

As setas que conectam os percursos **Conhecer**, **Re-conhecer**, **Amazonizar** à **Tertúlia** demonstram como os percursos podem ser, na prática, idas e vindas contendo reflexões, descobertas, trocas e confluências.

Os discentes, aqui escritores-viajantes, têm a liberdade de trilhar os caminhos que sua experiência de vida indicar. Nas cartas, podem expressar sua relação (afetiva) com os saberes locais e sua intersecção com o conhecimento acadêmico/científico a partir do reconhecimento cultural e de sua visão de mundo. A intenção é que, ao escrever, sintam-se abertos a colocar no papel o que os move, desprendidos de amarras e somente comprometidos com o sentimento que os une neste caminho: o conhecer e o *re-conhecimento* da Amazônia. Nesta fase do trabalho, apoio-me nas ideias de Brandão (2020) ao se referir às cartas trocadas com Paulo Freire e outros amigos durante os anos que trabalharam incessantemente pela educação popular:

Quando digo cartas estou falando de “cartas de verdade”. Uma carta de menos de uma página escrita com — máquina de escrever, para pedir uma simples informação, ou fazer um breve comunicado, que não tivesse pelo menos uma página inteira em espaço um, seria considerada um desrespeito a quem fosse dirigida. (BRANDÃO, 2020, p. 12)

Nesse sentido, os limites do escrevente estão em si mesmo e na sua vontade de partilhar suas vivências com o destinatário. Outro ponto importante a destacar é o

caráter democrático das cartas, pois todos têm acesso às demais correspondências, havendo um entrelaçamento de cartas, informações e *re-conhecimento* simultâneo.

Para facilitar o entendimento do viajante, a Figura 18 traz o detalhamento dos percursos sugeridos no envio das CP e descritos a seguir.

- ✓ **Conhecer:** tem como propósito a apresentação do escrevente ao futuro leitor. Nesta carta, que não tem limite de laudas, espera-se que descreva sua vida pessoal, se assim desejar, seus relacionamentos, experiências profissionais, acadêmicas, culturais, políticas e o que mais achar relevante ao diálogo.
- ✓ **Re-Conhecer:** onde o remetente se reconhece no relato do outro e, ao voltar-se para si, reconhecer-se-á a si mesmo. Na troca, pode ainda, comentar a carta lida, de um ou outro escrevente; podem ser, ainda, trocas de experiências pessoais e acadêmicas, momento de falar sobre seus temores, sonhos, lutas e esperanças, seu relacionamento com a Amazônia.
- ✓ **Amazonizar:** Momento de falar sobre sua relação com a Amazônia, suas lutas e esperanças, seu relacionamento com o lugar. Como os saberes locais e científicos se conectam e como essa jornada lhe afetou em relação à sua identidade amazônida.
- ✓ **Tertúlia⁷:** Encontro entre os correspondentes para se conhecer e refletir sobre a experiência vivenciada. Como foi a troca, quais ensinamentos e aprendizagens, avaliando sua participação e como se sente ao final dessa jornada e que mensagem pode deixar para os futuros leitores-correspondentes. Como conhecimentos científicos e tradicionais se conectam e, como afirmam Paulo e Dickmann (2020), sobre a dinâmica do livro-educador sobre Cartas Pedagógicas

No momento em que você lê os textos, ao mesmo tempo, é convidado a fazer sínteses e refletir sobre o que aprendeu e como esse aprendizado contribui na transformação da prática pedagógica – reforçando o que já está bom e mudando o que não tem funcionado muito bem. (PAULO; DICKMANN, 2020, p. 11)

O exercício da troca de cartas pretende fazer com que o escritor-viajante se sinta motivado a buscar informações, além das já conhecidas, sobre o seu lugar como sujeito na Amazônia. Um cheiro característico, uma expressão peculiar, uma prosa, um verso, um conto, uma crença de seus antepassados praticada até hoje,

⁷ Tertúlia é um substantivo feminino e significa uma reunião de família ou amigos. Pode ser também classificada como um coletivo de pessoas íntimas reunidas em prol de um mesmo objetivo. <<https://www.significados.com.br/tertulia/>>. Acesso em 29 abr. 2022.

um lugar mágico que, em sua opinião, todos devem conhecer, uma comida que não pode faltar, uma música ou toada que conta a/uma história, uma manifestação cultural, um amuleto, um animal, uma erva, enfim, mergulhar em suas raízes instigado pelo desejo de compartilhar com o(s) outro(s) o que, em sua visão, o identifica com o seu lugar de mundo e de que modo pode desenvolver o conhecimento científico nesse processo.

A troca de cartas pretende trazer, a cada um dos escritores-viajantes, a intersecção entre os saberes locais e acadêmico-científicos, possibilitando um novo olhar sobre a sua própria realidade. Compartilhar com o outro o que, em sua concepção, o associa ao seu lugar no mundo, aprofundando sua relação identitária e, em perspectiva, fomentando práticas engajadas na preservação e valorização da Amazônia.

Esse momento, denominado de *Tertúlia*, como o próprio termo diz, acontece em torno de um objetivo, com intuito didático e fins filosóficos, aproximando a Academia, através dos estudantes de graduação, e povos originários com seus saberes tradicionais, no sentido da defesa da Amazônia. Assim, a troca de correspondências pretende oportunizar a esses discentes-correspondentes uma convergência significativa baseada na dialogicidade e no ato cognoscente para que permaneçam entrelaçados em elos de amizade e irmandade assentados nos vínculos de pertencimento, identidade, reconhecimento, vivências e troca de saberes sobre a região amazônica. A *Tertúlia* representa, ainda, a reunião de uma família e/ou amigos. A troca de cartas é um encontro entre os participantes, o que pode surgir como necessidade e/ou possibilidade ao longo do processo de *pesquisa-ação*, pretende fortalecer vínculos de amizade e de pertencimento, estreitando laços entre discentes e construindo pontes entre os diversos *campi* universitários e saberes acadêmicos dessa imensa família chamada Amazônia.

Como a seta pontilhada que liga a *Tertúlia* ao *Conhecer* indica, há a possibilidade de continuidade dos percursos, demonstrando que estes não são estanques e podem, segundo a avaliação dos participantes, realizar tantas rodadas quanto for necessário, construindo seus próprios percursos. Recordando que no método cartográfico o pesquisador deve “fazer nosso próprio caminho ao andar” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 12). Em se tratando da utilização do Produto Educacional no desenvolvimento de atividade em sala de aula, o docente

juntamente com os participantes, pode determinar a duração de acordo com o tempo disponível para a disciplina, podendo ocorrer em um mês, um semestre ou um ano.

b) Carta-convite

O seu papel é de apresentar a proposta aos participantes e tem o caráter de abrir as portas para os primeiros contatos, *quebrar o gelo* entre os correspondentes, além de expor as motivações que levaram a adotar tal metodologia. A intencionalidade dessa primeira carta é fazer com que os participantes se sintam provocados, motivados, e mais do que isso, convidados a mergulhar nessa viagem pelas diversas faces que a Amazônia assumirá através do olhar de todos e de cada um.

Figura 19 - Carta aos escritores-viajantes participantes do Cartas para Amazônia**Carta aos irmãs/irmãos de morada na casa chamada Amazônia.**

Mana, mano,

Começo essa conversa, pois é isso que espero que façamos, conversar, dando a satisfação sobre o modo como pretendo fazer essa caminhada. Como poderás ver, no desenrolar da conversa, tudo por aqui gira em torno de cartas: cartas pedagógicas, cartas de viagens, diário de viagem... Assim, já escreverei a primeira missiva para te apresentar o que me formigou a mente para chegar aqui. Ah, e acho que não preciso explicar que mana/mano, termo utilizado carinhosamente entre irmãs/irmãos, vale para nós, amazônidas, filhos da mesma terra, da mesma mata, de rios e ancestrais em comum.

Então, sem mais delongas, vamos começar?

O tema da nossa conversa, como dei a pista acima, é a Amazônia, essa nossa grande casa, com suas diferenças e convergências. Como fazer com que nossas/nossos irmãs/irmãos conheçam, se re-conheçam e se engajem nessa luta?

Assim, te convido a entrar nessa viagem em busca de contribuir para a promoção das identidades amazônidas, fazendo a intersecção entre saberes locais e conhecimento científico, através da troca de correspondências, e que chamaremos de Cartas para Amazônia.

Mas espera, já te explico tudo. Te convido a trilhar, junto comigo, por caminhos que despertem sentimentos identitários através de uma aprendizagem significativa, engajada e libertadora baseada nos preceitos de educação de Paulo Freire. E esse convite começa com um olhar diferente. É preciso olhar teu entorno e se ver nele. Mas saber que para além de se saber/sentir/ser amazônida e cultivar raízes, é necessário acreditar nelas, te re-conhecer nelas. E quando falo re-conhecer, me refiro a, além de “perceber e incorporar à memória”, de acordo o dicionário, aprender, de novo, a conhecer com todos os plurais que conseguirmos encaixar, e assim reaprender a se identificar, a se re-conhecer nela. Re-conhecer as diversas Amazônias que habitam esse imenso território; seus povos, sua ancestralidade, sua diversidade e, junto com tudo isso, assumir a responsabilidade em (des)envolver com sustentabilidade e respeito. Re-conhecer tendo a consciência que indígenas, quilombolas, ribeirinhos, povos da floresta lutam há séculos pelo simples direito de habitar o chão que sempre foi seu. Re-conhecer os povos, seus anseios e costumes, sabendo que sua história não começa com a chegada dos europeus. Enfim, conhecer-te, te reconhecer para te descobrir no caminho e ter a real dimensão da importância de preservar, através do teu papel como amazônida, mas também, e principalmente, como parte da parcela que contribui para o desenvolvimento do conhecimento científico na região.

Bom, agora vamos ver como faremos essa viagem? Junto com essa carta, estás recebendo um Kit de Viagem que contém: uma Carta-inspiração (para auxiliar a organizar as ideias na hora de colocá-las no papel ou na tela); Papéis de carta (para ajudar na boniteza dos sentimentos que compartilhará com a gente; e um Mapa com pistas e sugestões de como pode ser nossa viagem. Ao final, uma boa conversa para refletir sobre o aprendido e como contribuir para o fortalecimento dessa corrente.

Então, tudo pronto? Ansiosa(a)? Eu estou. Pra te conhecer, e quem sabe, me re-conhecer em ti, em teus olhares, amores, afetos e sensações e nas confluências amazônicas que faremos por aqui.

Um abraço fraterno,

Aldenora Pena
Cartógrafa-Pesquisadora do PPGCIMES/UFPA
Belém-Pará-Amazônia-Brasil

c) Carta-Inspiração

Para inspirar os correspondentes, cada participante recebeu uma Carta Pedagógica famosa por seu conteúdo ou autor. Neste caso, a escolhida foi a Carta intitulada *Entre a pena e a agulha*, de autoria da professora Isabela Camini⁸, uma profunda conhecedora de Paulo Freire, escrevente apaixonada de cartas pedagógicas e autora de diversos livros sobre o tema.

⁸Doutora em Educação, é professora por vocação, trabalha com Educação do Campo, Educação Popular e o processo de educação de filhos de sem-terra que acompanham o MST. É uma estudiosa dos livros de Paulo Freire, tendo livros publicados e cursos sobre Cartas Pedagógicas.

Figura 20 - Carta Pedagógica escrita pela Professora Isabela Camini (Parte 1)



Fonte: CAMINI, 2022. Encartada no papel de carta no Canva.com pela autora. 2022.

Figura 21 - Carta Pedagógica escrita pela Professora Isabela Camini (Parte 2)

A cada dia temos o desafio de organizar nosso tempo e ocupações, por ordem de prioridade, sem esquecer que somos gente, de carne e osso, e com um coração que sangra todos os dias, nos diz Saramago. Somos seres humanos, embora muitas vezes, nossas atitudes provam o contrário: esquecemos de nossa humanidade. Enlouquecer ninguém quer e não é bom que aceitemos a loucura por algo que vai passar, e passará. Há quem diga: "de perto ninguém é normal". Eis a oportunidade extraordinária de ficarmos bem perto de nós mesmos, muitas vezes, somente de nós mesmos. Quem sabe, podemos confirmar e reconhecer nossa própria anormalidade. E assim nos perguntar: como me vejo? Como me trato? Como me escuto? E como ouço a voz de quem não está presente? Se enlouquecermos, teremos duplo trabalho: lutar para voltarmos ao normal da vida, dos pensamentos, dos sentimentos. Quantos desafios o tempo de Pandemia está nos impondo! Tenho pensado que a depender do comportamento de cada um de nós, tudo vai passar, e resultará em um grande aprendizado.

Mas, com o que mesmo ocupamos o nosso tempo, limitados de encontros e abraços? Que experiências, aprendizados recolhemos e partilhamos?

Pois é, eu encontrei um jeito, por ora, bem saudável para conviver e enfrentar o tempo de recolhimento, que demora a passar. Retomei o bordado à mão, iniciado há 4 décadas, deixado um tanto de lado pela labuta do cotidiano. Sem muito pensar, comecei a bordar, a princípio, desinteressadamente. Preparei o tecido, as linhas coloridas, as agulhas, os desenhos e o antigo carbono para passar os desenhos, do papel para o pano. Bordei um ramallete, e depois outro. A cada obra, me via admirando o que fazia. Sentia forte alegria e amava o resultado. Olhava, admirava, estranhando o que eu mesma havia feito. Ponto por ponto, bordando o pano, como se plantam flores na terra, combinando umas com as outras. Bordar o tecido e plantar flores guardam relação íntima. As flores bordam o chão, e cada estação da natureza, requer qualidades próprias. Ambos precisam de planejamento, combinação, ponto por ponto.

A escrita, aqui batizada de pena, porque em outros tempos, a caneta utilizada para escrever as missivas, única forma de se comunicar à época, era uma pena, banhada na tinta, também tem me ocupado, saudavelmente. Este ano escrevi acima da média dos últimos anos. E por isso posso afirmar, a escrita é uma verdadeira e bem sucedida terapia pedagógica, mais ainda quando se reconcilia com o bordado. As duas atividades combinam - pedagogia e terapia.

Entre a agulha e a pena não há distância. Elas se complementam, sem desconfiança alguma. Há sim, acordos. Quando a pena trabalha, a agulha olha, pensa, se recompõe, descansa. Planeja os próximos pontos, a combinação das cores. Enquanto a agulha trabalha, é a vez da pena descansar, remoer, matutar, estranhar sua própria escritura. Naturalmente, nenhuma se queixa de estar trabalhando ou estar descansando. Não há sentimento de inveja entre uma e outra. A cada uma, seu tempo. Voluntariamente, sem conflitos, uma dá lugar à outra, sem medo de perder o espaço próprio, seu. O que uma faz, a outra não faz. O que as duas fazem, é encantar-se com os feitos da outra. Contudo, ambas lapidam, falquejando suas próprias, singelas, bonitezas e encantamentos. Ainda cedo elas compreenderam a lição nos deixada por Gorki em 1917: "tão logo comecei a sentir prazer no trabalho - compreendi a decisiva significação cultural do trabalho e entendi que se podia encontrar tanta satisfação em serrar madeira, arar a terra ou amassar pão como em entoar uma canção".

Sim, a vida, neste momento requer ocupação produtiva. Não aquela ocupação do lucro, do capital explorador, que envenena as plantas para produzir mais e ganhar mais. A vida requer ocupação e alimentação, saudável, que inclui o acolhimento de si, do outro, do próprio silêncio. E da valorização do medo da morte e da dor.

O Papa nos orienta à "artesanalidade" da paz, a ser construída, ponto por ponto, um nó depois do outro. Pontos que podem combater as guerras, as discórdias entre povos e nações, a pena de morte, inaceitável e desaprovada em qualquer sociedade e tempo histórico. Com sua sabedoria nos exorta à fraternidade, ao amor fraternal, de abertura a todos. É uma Carta endereçada diretamente a você, a mim, a Tutti Fratelli. Vejam sua caixa de correio, a Carta deve estar lá, à espera de sua leitura. Vale a pena, sentir e experimentar o desejo profundo de Francisco de Assis, unido com rigor pelo Papa Francisco. A paz é necessária, porque todos somos irmãos.

Como disse acima, a pena e a agulha caminham de mãos dadas, sem discórdias. E, nós?

Grande abraço, Isabela Camini

Fonte: CAMINI, 2022. Encartada no papel de carta no Canva.com pela autora. 2022.

d) Papel de Carta

Para escrever, às vezes basta uma caneta e um pedaço de papel. Na canção *Papel de pão* (1990), do compositor Jorge Aragão, a carta de adeus foi escrita no papel de pão demonstrando a urgência do momento e a disposição em utilizar o que estava ao alcance. Aqui não é esse o caso. Quero inspirar o escrevente, fazê-lo sentir os dedos formigando para começar a alinhar as primeiras palavras. Assim, quando olhar para o papel, seja uma folha A4, seja uma tela de computador, vai encontrar uma coleção de papéis de carta prontos para seduzi-lo a *pôr a mão na massa*. Os papéis de carta foram adquiridos, confeccionados à mão com papel *kraft* e *vergê* e carimbos florais e, ainda, em programas de computador.

Figura 22 - Exemplos de papel de carta disponíveis aos escritores-viajantes



Fonte: Papéis de carta extraídos do Canva.com. 2022.

e) Diário de Bordo

A riqueza desse processo são as conversas e convergências estabelecidas pelas cartas escritas e trocadas pelos escritores-viajantes. Desse modo, um dos correspondentes terá à sua disposição o Diário de Bordo para anotar suas impressões e aprendizados durante a jornada para, ao final, compartilhar com os demais participantes.

Figura 23 - Processo de desenvolvimento do Produto Educacional *Cartas para Amazônia*



Fonte: Figura confeccionada pela autora em Canva.com. 2022.

O *Diário de Bordo* é o registro que ajudará a analisar e refletir sobre as cartas trocadas e dará pistas aos correspondentes sobre os caminhos a seguir, pois como afirma Saramago (1998, p. 237) “somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez não mereçamos existir”.

Toda viagem deve ter um registro, um livro de ocorrências. Este é livro de memórias, em que as impressões coletadas no desenvolvimento e acompanhamento da jornada estão guardadas e pode-se recorrer a elas a cada momento que quiser rever a beleza e a riqueza do processo que foi essa conexão de saberes amazônicos.

Nessa viagem, através das Cartas Pedagógicas, carregadas de afeto como nos inspira Paulo Freire, devemos buscar demonstrar para o outro a Amazônia que há em cada um de nós. Seguindo as pistas do *Kit de Viagem*, devemos buscar

conhecer, de fato, a região que habitamos, realizando explorações e consultas que possam contribuir para que haja conexão com o outro, lembrando que nossos ancestrais têm uma origem comum e que fazem parte deste lugar e da nossa história. Ao trocar as cartas, criamos conexões com nossa cultura, nossa ancestralidade, com aqueles que contribuíram para ser o que somos. Compartilhar tais sentimentos com o outro é semear um tempo de esperança e bem viver, como o desafio de imaginar novas cartografias, novas camadas de mundos, onde não precisaremos entrar em conflito, mas partilhar memórias que nos fortalecem, como lembra Krenak (2022).

3.1.5 - Coletânea de Cartas - compartilhando experiências da primeira viagem

As Cartas Pedagógicas serviram como objetos de conexão entre as diversas faces que a Amazônia possui. Com elas podemos interligar discentes de diversas regiões, dissertando, trocando, descortinando, conectando mundos, povos e paisagens. Desse modo, as Cartas Pedagógicas, como fio condutor, pretendem reunir discentes de Instituições de Ensino Superior a se conectarem estando em localidades diferentes da região amazônica, cada uma com realidades diferentes; e desenvolver a troca de correspondência discorrendo sobre suas impressões e práticas acerca dos saberes locais e como o sentimento identitário de ser amazônida permeia essas práticas fazendo a intersecção com os conhecimentos acadêmico/científicos acionados nas IES. A correspondência por meio de cartas pretende fazer a confluência de várias realidades, demonstrada pela vivência da região, reunindo cenários diversos com intuito de trazer para o centro do debate a multifacetada Região Amazônica.

Assim, visando desenvolver a prática do Produto Educacional *Cartas para Amazônia* buscamos, eu e meu orientador, contactar discentes de IES, da região amazônica, de locais e realidades distintas para que cada correspondente pudesse trazer uma vivência enriquecedora e cujas peculiaridades do lugar, mesmo sendo amazônico, remetam a experiências de vida diversas e, a partir daí, fomentar o debate com o outro. Essa realidade tem, por vezes, aspectos que nos aproximam ou diferenciam, identificando-nos enquanto amazônidas. Desse modo, os escritores-viajantes que participaram desta jornada foram discentes, estudantes de graduação de Instituições de Ensino Superior públicas da região amazônica.

Esse movimento somente foi rico e aconteceu devido à participação de discentes de universidades públicas que se dispuseram a tomar parte no processo.

A seguir, uma pequena apresentação de cada um deles. Pequena, pois para conhecê-los, realmente, será preciso ler suas cartas.

Discente 1: Gabriela Andrade da Silva, 24 anos, estudante de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), na cidade de Manaus. É apaixonada por Literatura e seu campo de interesse é a Literatura Contemporânea.

Discente 2: Márcio da Silva Ramos, 40 anos, formado em 2022 em Agronomia (ainda na graduação quando da troca de cartas) pela Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), Campus Capanema/PA, como foco de estudo desenvolve pesquisa sobre a agrobiodiversidade. É camponês, residente na zona rural de Santa Luzia do Pará. Participa do Movimento Camponês Popular (MCP).

Discente 3: Aldenora Pena da Silva, 50 anos, discente do Programa de Pós-graduação em Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior (PPGCimes), da Universidade Federal do Pará (UFPA), campus Belém. É pedagoga e trabalha como Coordenadora Pedagógica em uma escola pública do Estado do Pará. É a discente responsável pelo desenvolvimento desta pesquisa.

Sendo os escritores-viajantes uma discente da Universidade do Estado do Amazonas, um discente da Universidade Federal Rural da Amazônia, campus de município de Santa Luzia do Pará e eu, da Universidade Federal do Pará, do Programa de Pós- Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior, do *campus* Belém.

Abaixo, a figura 24 demonstra o mapa com a localização dos escritores-viajantes participantes da pesquisa.

Figura 24 - Mapa de localização dos escritores-viajantes



Fonte: Mapa produzido pela autora em Canva.com. 2022.

3.2 COMEÇANDO A VIAGEM

Com a decisão do instrumento metodológico em mãos, era preciso organizar o processo de desenvolvimento do Produto Educacional. Se o objetivo é fomentar a discussão sobre a Amazônia, respeitando sua diversidade, relacionando com as comunidades locais e seus saberes, é hora de testar o produto. Seleccionados os discentes-correspondentes, que posteriormente passei a denominá-los de escreventes-viajantes, foi organizada uma primeira reunião com cada um deles, em separado, via *Google Meet*, para apresentar e explicar o objetivo, o papel de cada discente e o cronograma de desenvolvimento do Produto Educacional. Após esse primeiro momento, e com o aceite de todos, iniciamos a troca das cartas. Importante salientar que a entrega das cartas não ocorreu pela forma tradicional, ou seja, via correios, mas, em tempos digitais, optamos pela entrega via *e-mail*, fazendo os ajustes que se fizessem necessários pelo aplicativo *WhatsApp*. A seguir, enfim, a viagem começa, com as cartas dispostas, de acordo com a data de envio, as anotações do *Diário de Bordo* feitas por mim e as impressões sobre os momentos vivenciados pelos participantes. Boa Viagem aos leitores dessa jornada!

3.2.1 As cartas trocadas

Figura 25 - Carta 1 - Aldenora Pena

Belém, 14 de novembro de 2022.

Olá meu/minha mano/mana,

Escrever uma carta para alguém que não se conhece não é uma tarefa fácil. Mas como temos um "mapinha" que nos dá as pistas a seguir, vamos lá. O melhor modo de começar é pelo começo, ou seja, fazendo minha apresentação. Me chamo Aldenora Pena da Silva, mas me apresento sempre como Aldenora Pena, estou com 50 anos, sou filha da d. Rai, mãe do Arthur, que tem 18 anos, divido minha vida com meu companheiro Alickson Lopes, há 27 anos. Para começar a falar a meu respeito, tive que recorrer a minha mãe, pedindo a ela para dar algumas informações sobre o meu nascimento. Assim, soube que nasci por volta de treze horas da tarde, de parto natural na Santa Casa de Misericórdia do Pará. Ainda segundo relato de minha mãe, quase morri de sarampo quando bebê, sendo salva pelos remédios caseiros da região. Sou a caçula de cinco filhos de uma mãe solteira que veio para a capital, Belém, ainda jovem e enfrentou toda a sorte de dificuldades para sobreviver e criar seus filhos. Todos nós, três mulheres e dois homens, começamos a trabalhar muito cedo, as mulheres como empregada doméstica, os homens em vendas na rua. De minha infância, embora muito pobre na periferia de Belém, tenho muito boas lembranças de brincar de "pira" na rua até tarde sem a preocupação com a segurança; de lavar cuias de tacacá da tia Deja, para ao final, poder tomar o restante que sobrasse da venda diária. De disputar com os meus irmãos o "bico" do pão e a maior quantidade de açaí que pudéssemos tomar. Tenho consciência que em minha infância tivemos momentos de não ter o que comer, onde o xibé (farinha com água) era o que nos restava para aplacar o vazio no estômago. Porém as brincadeiras, a correria na rua nas poças d'água ou montes de areia, as férias na casa dos tios no interior comendo fruta tirada da árvore, e depois na adolescência, a descoberta dos livros de aventura da coleção Vagalume são as lembranças que mais se impõe em minha mente, fazendo com que eu afirme que, apesar de tudo, tive uma infância feliz. Assim, tendo uma origem na classe trabalhadora, como filha de operária da indústria têxtil e empregada doméstica, estudei a vida toda na escola pública. Dos 13 aos 22 anos trabalhei como empregada doméstica, morando na casa dos patrões e sem os direitos trabalhistas, claro. Aos 21 anos, trabalhando de dia e estudando à noite, passei no vestibular em Pedagogia na Universidade Estadual do Pará. A academia me abriu novos horizontes e mostrou novos caminhos, lá participei do Centro Acadêmico de Pedagogia (CAPe), do Diretório Central dos Estudantes (DCE), fui bolsista de Projeto de Pesquisa e monitorea da disciplina Sociologia da Educação II, quando pude, enfim, deixar de ser empregada doméstica. A UEPA, o curso de Pedagogia, a participação nas entidades estudantis e a militância política me abriram os olhos para a luta de classes, me fazendo entender meu papel enquanto classe trabalhadora explorada. O caminho natural, nesse caso, foi ingressar na vida partidária, através do movimento estudantil, primeiro no PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado), depois no PT (Partido dos Trabalhadores) e, atualmente, no PSOL (Partido Socialismo e Liberdade). Há 14 anos sou servidora concursada da Secretaria de Estado de Educação do Pará e trabalho como coordenadora pedagógica em uma escola pública no distrito de Icoaraci, periferia de Belém, onde desenvolvo minha militância política. Atualmente estou cursando Mestrado no Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior (PPGCIMES) da Universidade Federal do Pará (UFPA), e tendo as Cartas Pedagógicas como instrumento de trabalho, busco fazer a interligação entre pessoas, mundos e saberes, identificando como eu e vocês, que estão se correspondendo comigo, desenvolvem sua relação com a região amazônica. Mas essa conversa fica para a próxima carta, depois que eu conhecer um pouco de cada um de vocês.

Um abraço fraterno,

Aldenora Pena

Fonte: a autora.

Figura 26 – Carta 1 – Márcio Ramos

Santa Luzia do Pará, 21 de novembro de 2022

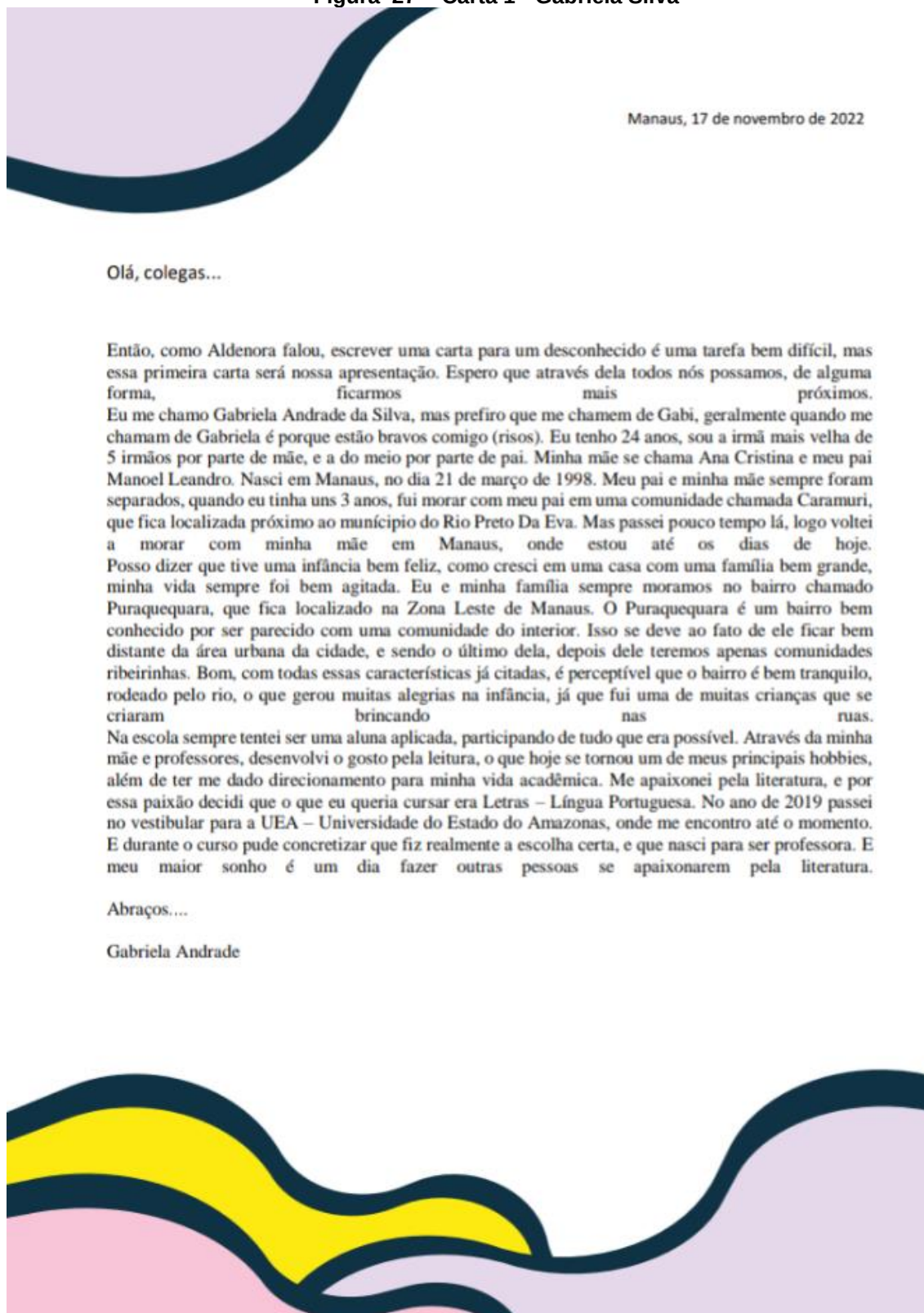
Saudações

Vou contar de forma resumida de como é minha vida social, política, cultural. Ops, primeiro vou me apresentar. Meu nome é Márcio, nascido em 14 de novembro de 1982, ou seja, tenho 40 anos. Sou uma síntese de povos. Uma mistura de nordestino brasileiro com sangue indígena, negro, caboclo. Moro na roça, minhas famílias: materna e paterna tem raízes camponesas, uma história de cultivo de alimento e de saberes. Meu endereço de residência e naturalidade é o km 26, BR 316, PAMA, município de Santa Luzia do Pará. Onde Moro, são terras da família de longa data, desde 1934, quando meus bisavôs chegaram do Ceará. Nessa época, a locomoção era feita em lombo de animais ou pela água (canoa, barco). Tinha o trem Belém-Bragança. Não existia a BR 316, que só foi aberta e iniciada a construção em 1959, pelo menos no trecho Capanema/Gurupi. Isso é coisa que o meu pai conta, o Sr. Benedito Moreira Ramos. O sangue indígena vem da parte da mãe, Maria Verônica da Silva Ramos. Voltando para contar mais do meu tempo para cá, 1982, o Brasil está no processo de transição da ditadura para redemocratização, ano de copa do mundo e muitas outras coisas importantes acontecendo. Com 7 anos comecei a estudar em uma escola na própria comunidade, mas era preciso caminhar uma distância de 1,5 km, que indo e voltando dava 3 km, isso todos dias de aula. Essa rotina foi da alfabetização a 4ª série, por que da 5ª série ao ensino médio, era necessário pegar o ônibus e seguir até a cidade do "47", sede do município. A demais, lá rotina era trabalhar na roça e participar das atividades da igreja. Aos finais de semana participava de lazer entre outras atividades. Fui descobrindo a necessidade de participar de processos organizativos, isso são cenas dos próximos capítulos. Hoje tenho uma companheira (esposa) e uma filha de 9 anos.

Abrços

Márcio Ramos

Figura 27 - Carta 1 - Gabriela Silva



Fonte: a autora.

Nessa troca de cartas, sendo a minha a primeira, tive o objetivo de, além de

me apresentar formalmente aos escritores-viajantes, *quebrar o gelo* e trazer para o mundo da correspondência um pouco de informalidade e intimidade em minha escrita. Na apresentação, expresso um pouco da minha história de vida, as pessoas que me são importantes, as dificuldades, mas também as belezuras, como brincar na rua, subir nos montes de areia e, ainda, mais não menos importante, a descoberta pelo mundo da leitura com a Coleção Vagalume⁹, o que me abriu o mundo da fantasia, acolheu nos momentos duros da realidade e começou a mostrar a importância da educação na vida das pessoas carentes. Disserto ainda, sobre a militância política, na graduação em Pedagogia, na Universidade do Estado do Pará, UEPA, que contribuiu, tenho certeza, para as convicções que tenho hoje sobre o campo político-ideológico a seguir e acerca da importância da Amazônia para todos nós.

O escritor-viajante Márcio Ramos se apresentou falando de sua origem e da miscigenação de povos de que é fruto, descendente de cearenses, por parte de pai, e indígenas, por parte da mãe, não diferente da população amazônida. Se localizou enquanto trabalhador rural, desde suas raízes, e sua crença na aprendizagem, das letras e da luta, pelo cultivo da terra. Sua infância, na zona rural, foi permeada pelo trabalho na roça e pela dificuldade de acesso, principalmente à escola, para onde se dirigia caminhando. Márcio ainda menciona que frequenta a igreja e deixa a dica de suas participações em processos organizativos.

A Gabriela Silva, ou Gabi, como gosta de ser chamada, é a mais jovem dentre os escritores-viajantes, tendo 24 anos. Mora no bairro de Puraquequara, em Manaus (AM) com sua mãe e irmãos. Em seu relato demonstra ter tido uma infância feliz e isso muito se deve a morar em uma zona periférica, tranquila, sem muito trânsito e próxima a rios. Ser discente de licenciatura em Letras, na Universidade do Estado do Amazonas, querer ser professora e fazer outras pessoas se interessarem pela literatura é consequência de ter na leitura sua maior paixão.

Nas primeiras cartas pude observar que nós temos em comum ser discentes oriundos da classe trabalhadora com um histórico de luta para chegar ao ensino superior. Outro aspecto observado, é que embora eu e Gabriela moramos atualmente em área urbana, todos somos oriundos da zona rural, assim como o Márcio, o que nos remete às origens de grande parte da população que vive na

⁹ Coleção de livros de aventura para o público infanto juvenil, lançada em 1973, pela Editora Ática com mais de 100 títulos.

região amazônica. A diferença de idades e gerações - eu nasci em 1972, Márcio em 1982 e Gabriela em 1998 - nos coloca em décadas diferentes, com vivências de mundo distintas, porém, interligados pela origem social, consciência de classe e pelo entendimento em ser amazônidas.

Figura 28 - Carta 2 - Aldenora Pena (Parte 1)

Belém/Pa, 22 de novembro de 2022.

Minha mana Gabi, meu mano Márcio,

Muito bom conhecê-los melhor, através das cartas. Amazônidas, igual a mim, porém tão diferentes. Percebo em nossa origem, a predominância da origem humilde, filhos de trabalhadores. Hoje posso dizer que pertencemos a uma família de educadores, minhas irmãs, meu companheiro, cunhado e sobrinhos seguindo na missão de construir uma educação pública e de qualidade. A minha relação com a luta pela educação começa muito cedo, na adolescência, quando, ainda no antigo 1º grau, lutávamos pelo direito à meia-passagem nos transportes públicos de Belém. Até aquele momento os estudantes só tinham direito a um determinado número de tickets que garantisse tão somente seu deslocamento de ida e volta da escola e tinha que comprá-los todos de uma só vez, o que, para a maioria dos filhos de trabalhadores, era inviável. Fazíamos longas passeatas pelas ruas de Belém, saindo das periferias para encontrar com estudantes de outras escolas, fazendo protestos, chamando a atenção para nossas lutas, negociando com o poder público. Foi nessa luta que percebi que a luta por direitos estudantis se cruzava com a discussão sobre a região amazônica, um não tinha sentido sem o outro. Depois de muitos de nossos atos, seguíamos para a concha acústica do CAN, na praça da Igreja Basílica de Nazaré, no centro de Belém, foi lá que ouvi pela primeira vez o cantor Nilson Chaves, que tem a Amazônia como tema da grande maioria de suas canções, junto com compositores como Vital Lima e Eudes Fraga, Nilson Chaves nos mostrou seu amor por nossa terra em canções como "Olho de boto", "Sabor açai", "Não vou sair" e tantas outras músicas. Para se ter uma ideia, seus shows lembravam os grandes Festivais de Música Brasileira, onde o público cantava as músicas em um coro só. Junto com meu companheiro, Alickson, tenho os seus 4 primeiros vinis, sabendo cantar, quase de cor, todas as músicas. Se não conhece, te convindo a ouvir suas canções que falam tanto do nosso povo, nossas frutas, nossos costumes e nossas lutas, como na música "Tango Amazônico", que termina assim: "Amazônia é minha e ninguém tasca/ Não enche o saco vai cuidar do teu Alasca/ Isso não se faz onde já se viu/ O Tio Sam tirando casca do Brasil. / Isso não se faz onde já se viu/ O Tio Sam que vá pra pqp/ Olé!". Além de Nilson Chaves, tinha a música, que cantávamos como um hino, "Belém-Pará-Brasil", da banda paraense Mosaico de Ravena, que começa "Região Norte / Ferida aberta pelo progresso / Sugada pelos sulistas/ É amputada pela consciência nacional..." Nela se fala em valorização da Amazônia e exploração dos recursos, lembrando de nosso papel de fornecedores de matéria-prima ao Brasil e ao mundo desenvolvido.

Fonte: a autora.

Figura 29 - Carta 2 - Aldenora Pena (Parte 2)

Tudo isso, foi nos fazendo ter um olhar para o espaço diferenciado que habitávamos e formando nossa identidade, a partir da realidade que vivenciamos. Aprendi na escola que a Amazônia era o “pulmão do mundo”, hoje sabemos que não é nada disso, mas que nossa casa, como gosto de chamar a região amazônica, é de fundamental importância para a sobrevivência do mundo. Mas como moradora, não acho que temos que “preservar para sobreviver”, temos, sim, que cuidar, como cuidamos de nossa casa, arrumando, limpando, preservando, dando teto, comida e dignidade a seus habitantes, deixando cada povo em suas terras, herdadas de seus ancestrais. Tem a ver com o que os parentes, indígenas, chamam de “bem viver” que na visão desses povos, a terra é mais do que simplesmente o lugar onde se vive. Ela é sagrada, é capaz de fazer germinar e de acolher plantas, animais e uma infinidade de seres vivos, além dos humanos, compondo assim ambientes onde a vida frutifica em todo o seu esplendor.

Relendo as cartas, vejo as semelhanças entre nós, minha mãe, filha de negro com indígena, e por parte de pai, avós brancos, descendentes de portugueses, me fizeram vir com pele clara, nariz chato e cabelos cacheados, sou a miscigenação que caracteriza o povo de nossa região. Mas diferente do Marcio, sempre morei na cidade, em Belém/Pa. Como a Gabi, na minha infância, em uma das muitas mudanças, fomos morar à beira do rio Tucunduba, no bairro do Guamá, onde aprendi a nadar e minha irmã Lena quase me afogou (já superamos, ambas, o trauma, rsrs). O rio, infelizmente, se transformou em canal como tantos outros que cortam a capital paraense. E eu atravesssei a cidade e fui parar à beira do rio Maguari, em Icoaraci, onde moro atualmente. Aqui faço parte de um grupo de amigos chamado “Por amor à cultura” que pretende construir ações que fortaleçam nossa identidade através das manifestações culturais com empatia, alegria, posicionamento político, fraternidade e muito amor.

Abraços fraternos,

Aldenora Pena

PS: Ouçam as músicas do Nilson Chaves e Belém-Pará-Brasil, do Mosaico de Ravena, tenho certeza que vocês vão se apaixonar.

Fonte: a autora.

Figura 30 - Carta 2 - Márcio Ramos

Santa Luzia do Pará, 13 de dezembro de 2022.

Amiga Aldenora!

Lendo sua segunda carta, com mais informações de sua atuação na vida social e política, me enche de alegria em saber que há mais e mais pessoas na Amazônia, que se preocupam em construir uma sociedade melhor, com respeito ao território e quem nele habita. Também muito cedo comecei a me envolver nos processos organizativos para defender uma sociedade mais justa e igualitária. Lembro da pastoral da juventude ao final dos 90 com forte influência das CEBs (comunidade de Eclesiais de Base), onde discutia o evangelho segundo a teologia da libertação, com ênfase na vida cotidiana do povo sofrido. Foi naquele contexto que percebi a necessidade de lutar por um mundo melhor era necessário e urgente. No início do século XXI, conheço o marxismo: materialismo-histórico-dialético. Da necessidade da práxis. É nesse contexto que se percebe, que as transformações ocorrem pelos processos de lutas contra o sistema capitalista, um sistema que explora tudo e qualquer coisa em detrimento do lucro, uma exploração que leva ao esgotamento das fontes de riqueza: natureza, minérios, petróleo, mão-de-obra. Olhando a história numa perspectiva dialética, fui compreendendo que a Amazônia é também uma fonte de riqueza sobre vários aspectos social, político, cultural, místico e econômico, logo gera interesses para preservar e cuidar, como a casa comum de quem nela vive e dela depende, mas também dos que querem explorar para acumular capital, lucro. Foi com essa compreensão que fomos construindo processos organizativos com momento de formação, de luta e mobilização, por entender o tamanho do desafio que tínhamos e temos a enfrentar, a construção de uma sociedade com soberania sobre o território onde vive. É sendo a Amazônia um território de riquezas, cabe aos que nela vive e dela vive e com ela vive, cuidar e decidir o que fazer como fazer e quando fazer. Além da compreensão da necessidade de construir processos sustentáveis. Foi com esse entendimento de uma Amazônia soberana, que em 2016, juntos com outros companheiros e companheiras usamos organizar uma parcela do campesinato do nordeste paraense através da ferramenta organizativa MCP (movimento camponês popular). Uma organização que presa pelo respeito ao valor e a importância dos camponeses e as camponesas na tarefa de produzir alimentos saudáveis na quantidade suficiente para os trabalhadores e as trabalhadoras do campo e da cidade, fazendo core com a palavra de ordem: "se o campo não planta a cidade não janta". É assim vamos construindo mais do que carta, mas também histórias e processos que julgo da ganância e da soberbia.

Abrços!

Márcio

Fonte: a autora.

Figura 31 - Carta 2 - Gabriela



Fonte: a autora.

Na segunda carta escrita (Figuras 28 e 29), reafirmo minha identificação em ser amazônica e a confirmação de que a educação pública se tornou parte da minha vida e bandeira de luta da família. Nesta carta, disserto sobre a militância no

movimento estudantil que se cruza com a aprendizagem sobre a Amazônia, tendo a música regional como referência nesse momento passo entender o significado do termo *bem viver*. Percebo nossas semelhanças enquanto herdeiros de um povo miscigenado tendo nas características físicas traços dos colonizadores, porém, em maior evidência, semelhanças aos povos originários e de origem africana. Finalizando, não me esqueço da influência da música em mim, sempre uma inspiração para continuar.

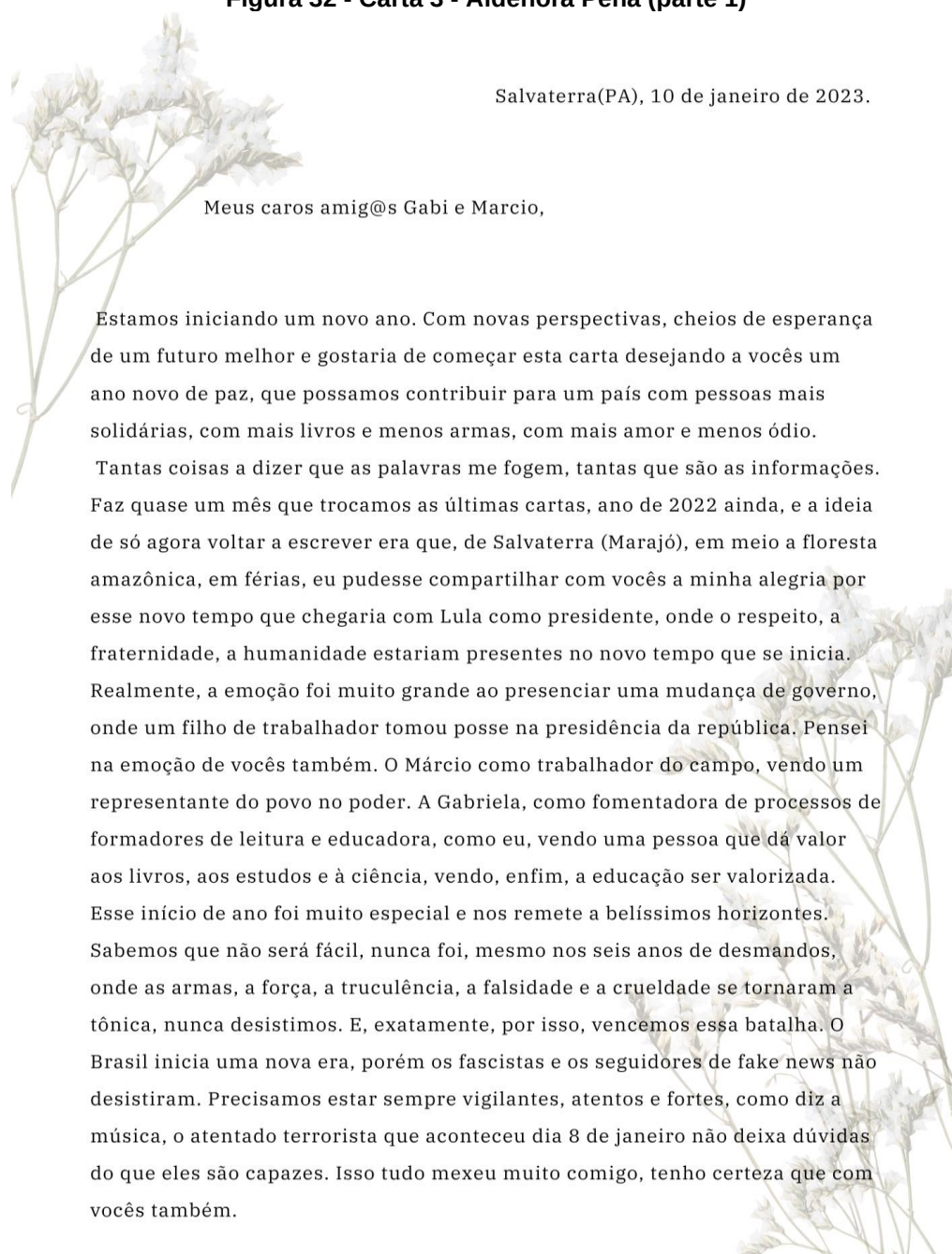
A segunda carta de Márcio (Figura 30) demonstra que sua militância começou muito jovem, datando dos anos finais da década de 1990, nas Comunidades Eclesiais de Base, CEBs, que tiveram papel preponderante em sua vida com a discussão sobre a Teologia da Libertação e o Marxismo. Márcio nos conta sobre sua relação com a Amazônia e a descoberta de que há diferentes olhares sobre ela: para nós, amazônidas, casa; para outros, fornecedora de matéria-prima, de lucro. Essa distinção o leva abraçar o movimento popular e ingressar na luta por terra, dignidade, direitos, e por uma Amazônia soberana.

Gabriela busca se identificar com os escritores-viajantes, observando nossas semelhanças. Para ela, não diferente de nós - eu e Márcio -, a educação pública mudou sua formação. E que bom ler em seu relato admiração e inspiração em seus professores para seguir também na profissão docente. A leitura foi sua grande incentivadora e a participação em bibliotecas comunitárias mudou os rumos de sua trajetória. Gabriela reconhece os autores amazonenses e se mostra apaixonada pela leitura do escritor Victor Leandro. O seu olhar sobre a Amazônia, se localizando enquanto moradora de Manaus (capital do Amazonas) nos mostra a riqueza do lugar. Observadora que é, como todo leitor deve ser, nos deixa com vontade de conhecer essa parte do imenso território chamado Amazonas.

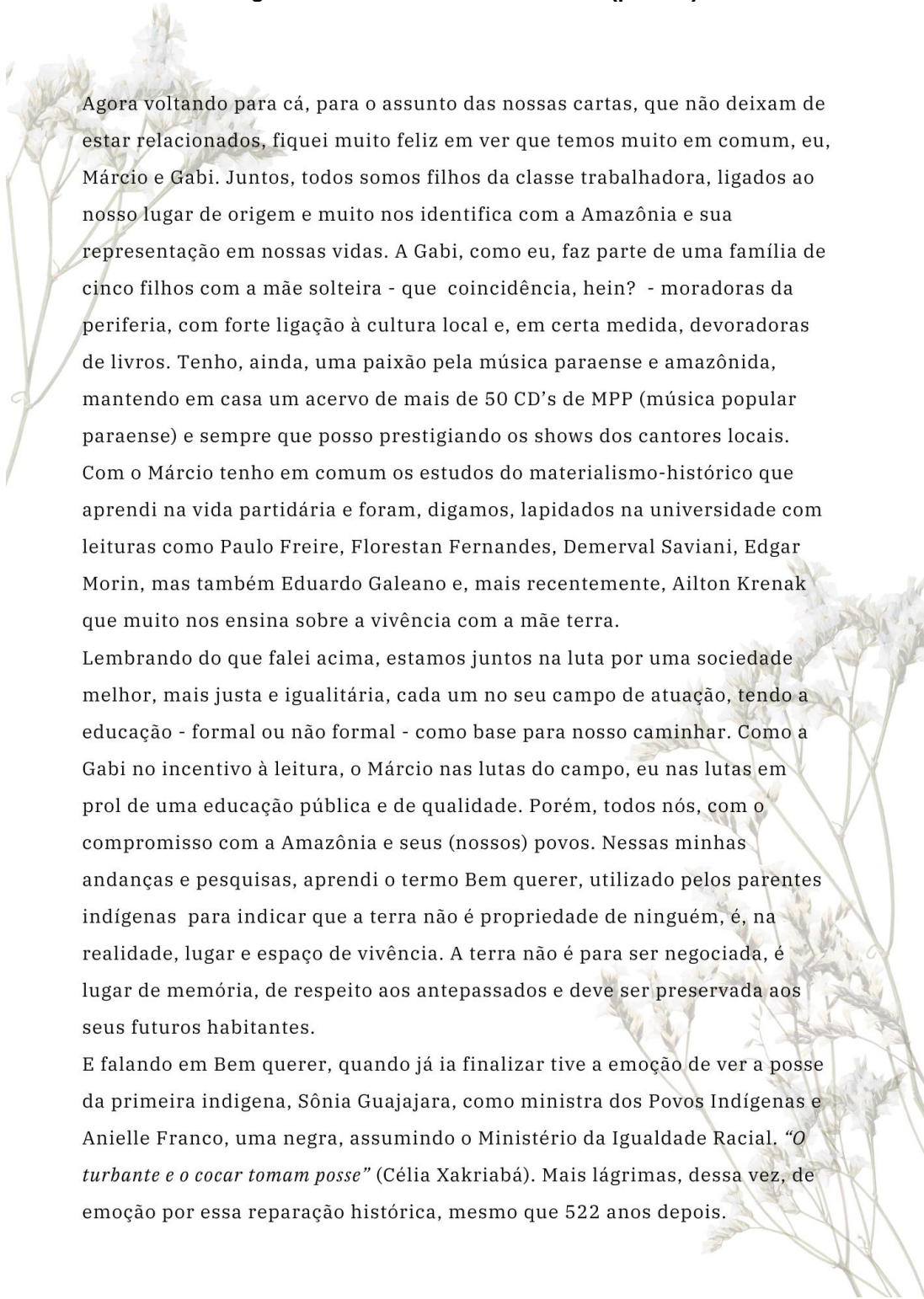
Nesta segunda rodada de cartas, consigo observar que os escritores-viajantes já se sentem mais à vontade para falar sobre si. Observo em seus relatos a relação de suas práticas sociais à região amazônica, cada um, a seu modo, e sem se perceber, fala sobre sua identidade e seu lugar. O olhar de Márcio, aguçado para os interesses sobre a região demonstram seu compromisso com o “interesse para preservar e cuidar, como a casa comum de quem vive nela e dela depende”. Ao ver Gabriela se questionar “Será que conheço o lugar em que vivo? nossas tradições? pontos turísticos?”, percebo que há inquietude e, nesse momento, uma semente está sendo plantada, rumo aos objetivos desta pesquisa. Pois, lembrando uma das

Pistas e Percursos, no item Re-conhecer há a sugestão de olhar no seu entorno, ver e tentar se reconhecer. Essa inquietação levou Gabriela a buscar suas raízes, a se questionar quanto, realmente, conhece o seu lugar. Neste momento, observa o que de importante há ao seu redor, identificando lugares, sentidos, livros e autores que lhe despertam o sentimento de orgulho e, conseqüentemente, de pertencimento, fortalecendo sua relação identitária com o lugar.

Figura 32 - Carta 3 - Aldenora Pena (parte 1)



Fonte: a autora.

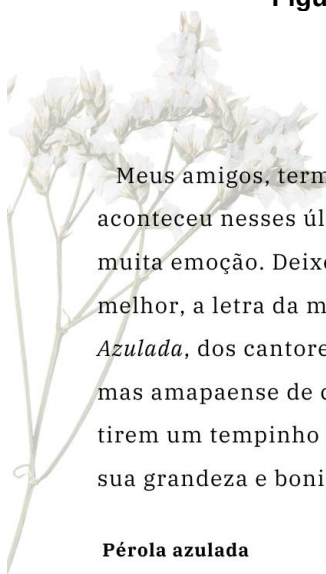
Figura 33 - Carta 3 - Aldenora Pena (parte 2)

Agora voltando para cá, para o assunto das nossas cartas, que não deixam de estar relacionados, fiquei muito feliz em ver que temos muito em comum, eu, Márcio e Gabi. Juntos, todos somos filhos da classe trabalhadora, ligados ao nosso lugar de origem e muito nos identifica com a Amazônia e sua representação em nossas vidas. A Gabi, como eu, faz parte de uma família de cinco filhos com a mãe solteira - que coincidência, hein? - moradoras da periferia, com forte ligação à cultura local e, em certa medida, devoradoras de livros. Tenho, ainda, uma paixão pela música paraense e amazônica, mantendo em casa um acervo de mais de 50 CD's de MPP (música popular paraense) e sempre que posso prestigiando os shows dos cantores locais. Com o Márcio tenho em comum os estudos do materialismo-histórico que aprendi na vida partidária e foram, digamos, lapidados na universidade com leituras como Paulo Freire, Florestan Fernandes, Demerval Saviani, Edgar Morin, mas também Eduardo Galeano e, mais recentemente, Ailton Krenak que muito nos ensina sobre a vivência com a mãe terra.

Lembrando do que falei acima, estamos juntos na luta por uma sociedade melhor, mais justa e igualitária, cada um no seu campo de atuação, tendo a educação - formal ou não formal - como base para nosso caminhar. Como a Gabi no incentivo à leitura, o Márcio nas lutas do campo, eu nas lutas em prol de uma educação pública e de qualidade. Porém, todos nós, com o compromisso com a Amazônia e seus (nossos) povos. Nessas minhas andanças e pesquisas, aprendi o termo Bem querer, utilizado pelos parentes indígenas para indicar que a terra não é propriedade de ninguém, é, na realidade, lugar e espaço de vivência. A terra não é para ser negociada, é lugar de memória, de respeito aos antepassados e deve ser preservada aos seus futuros habitantes.

E falando em Bem querer, quando já ia finalizar tive a emoção de ver a posse da primeira indígena, Sônia Guajajara, como ministra dos Povos Indígenas e Anielle Franco, uma negra, assumindo o Ministério da Igualdade Racial. *“O turbante e o cocar tomam posse”* (Célia Xakriabá). Mais lágrimas, dessa vez, de emoção por essa reparação histórica, mesmo que 522 anos depois.

Fonte: a autora.

Figura 34 - Carta 3 - Aldenora Pena (parte 3)

Meus amigos, termino essa carta, dizendo a vocês que, por tudo que aconteceu nesses últimos tempos, não poderia ser curta e vem permeada de muita emoção. Deixo aqui, para que possamos sonhar com um mundo melhor, a letra da música que tanto amo, que fala da mãe-terra, *Pérola Azulada*, dos cantores Zé Miguel(amapaense) e Joãozinho Gomes (paraense, mas amapaense de coração), mas acima de tudo, amazônidas. Se puderem tirem um tempinho para ouvi-la, tenho certeza que vão se emocionar com sua grandeza e boniteza.

Pérola azulada

Já aprendi voar dentro de você
Ancorar no espaço ao sentir cansaço
Osso da jornada

Já aprendi viver como vive nu
Um cacique arara cultivando aurora
Luz de sua tiara

Eu amo você terra minha amada
Minha oca meu iglu, minha casa
Eu amo você pérola azulada conta
No colar de deus, pendurada
A benção minha mãe

Já aprendi nadar em seu mar azul
Adorar água, homem peixe, água
Fonte iluminada

Já aprendi a ser parte de você
Respeitar a vida em sua barriga
Quanto mais vão aprender

Eu amo você...

Terra, terra por mais distante o errante
Navegante quem jamais te esqueceria

Um fraterno abraço,

Aldenora Pena



Fonte: a autora.

Figura 35 - Carta 3 - Márcio Ramos (parte 1)

Santa luzia do Pará, 12 de fevereiro de 2023

Saudações Aldenora!

Minha cara amiga,

Já se vai mais de 30 dias de um novo ano, 2023. Também de uma nova esperança, do verbo esperar, com a vitória e posse do presidente da república, Lula. Foi uma vitória grandiosa e firme no combate a tirania. Com essa esperança que também, desejo a você um ano cheio de conquistas, de paz e amor.

É bem verdade que já faz tempo que nos comunicamos e que de fato muitas coisas aconteceram nesse intervalo, mas nada que não possa ser recuperado. A começar pelo trabalho intenso que tivemos para garantir a vitória da classe trabalhadora, elegendo um presidente com cara de povo, com a real possibilidade de melhora a educação, a preservação do meio ambiente e redução da fome no Brasil.

Acreditamos que é necessário está vigilante para que de fato os problemas do povo trabalhador seja prioridade, pois estamos em meio a uma luta de classe e que nesse caso, os patrões não hesitaram em se apropriar das riquezas que tem no nosso país como petróleo, água, floresta, minérios, mão-de-obra, cultura entre tantas outras coisas. Estes são vorazes.

Eu continuo pela roça, com o início das chuvas, começando o plantio dos roçados: mandioca, milho, abobora...

Retoma o verde mais intenso das plantas, os pássaros cantam mais alegres e assim continua o ciclo da vida.

Pela organização social (MCP) da qual participo, retomamos, depois de 2 anos de pandemia, os trabalhos de base, na perspectiva de construir uma sociedade mais justa, com melhor distribuição das riquezas de nosso país. Há sinais do novo governo para fortalecer a produção de alimentos no Brasil, nesse sentido precisamos de organizações sociais e populares do campo fortes e assim contribuir nessa empreitada. Produzir alimentos saudáveis e acabar com a fome no Brasil.

Fonte: a autora.

Figura 36 - Carta 3 - Márcio Ramos (parte 2)

Nossa afirmação está no seguinte lema: comida saudável, dever do estado, direito do povo e compromisso camponês.

Vejo que mesmo estando em trincheiras diferentes, mas temos ideais em comum, lutar por uma Brasil melhor. Que bom saber disso. Nos da esperança, alegria e desejo de permanecer firme.

Vale expressar nossos sentimentos através da sabedoria de Thiago de Mello, com o poema "**madrugada camponesa**"

Madrugada camponesa,
faz escuro ainda no chão,
mas é preciso plantar.
A noite já foi mais noite,
a manhã já vai chegar.
Não vale mais a canção
feita de medo e arremedo
para enganar solidão.
Agora vale a verdade
cantada simples e sempre,
agora vale a alegria
que se constrói dia-a-dia
feita de canto e de pão.
Breve há de ser (sinto no ar)
tempo de trigo maduro.
Vai ser tempo de ceifar.

Figura 37 - Carta 3 - Márcio Ramos (parte 3)

Já se levantam prodígios,
chuva azul no milharal,
estala em flor o feijão,
um leite novo minando
no meu longe seringal.

Já é quase tempo de amor.
Colho um sol que arde no chão,
lavro a luz dentro da cana,
minha alma no seu pendão.

Madrugada camponesa.
Faz escuro (já nem tanto),
vale a pena trabalhar.

Faz escuro mas eu canto
porque a manhã vai chegar.
(Faz escuro, mas eu canto)

Thiago de Mello

Que possamos alcançar, fruto da nossa resistência, um mundo melhor

Abraços

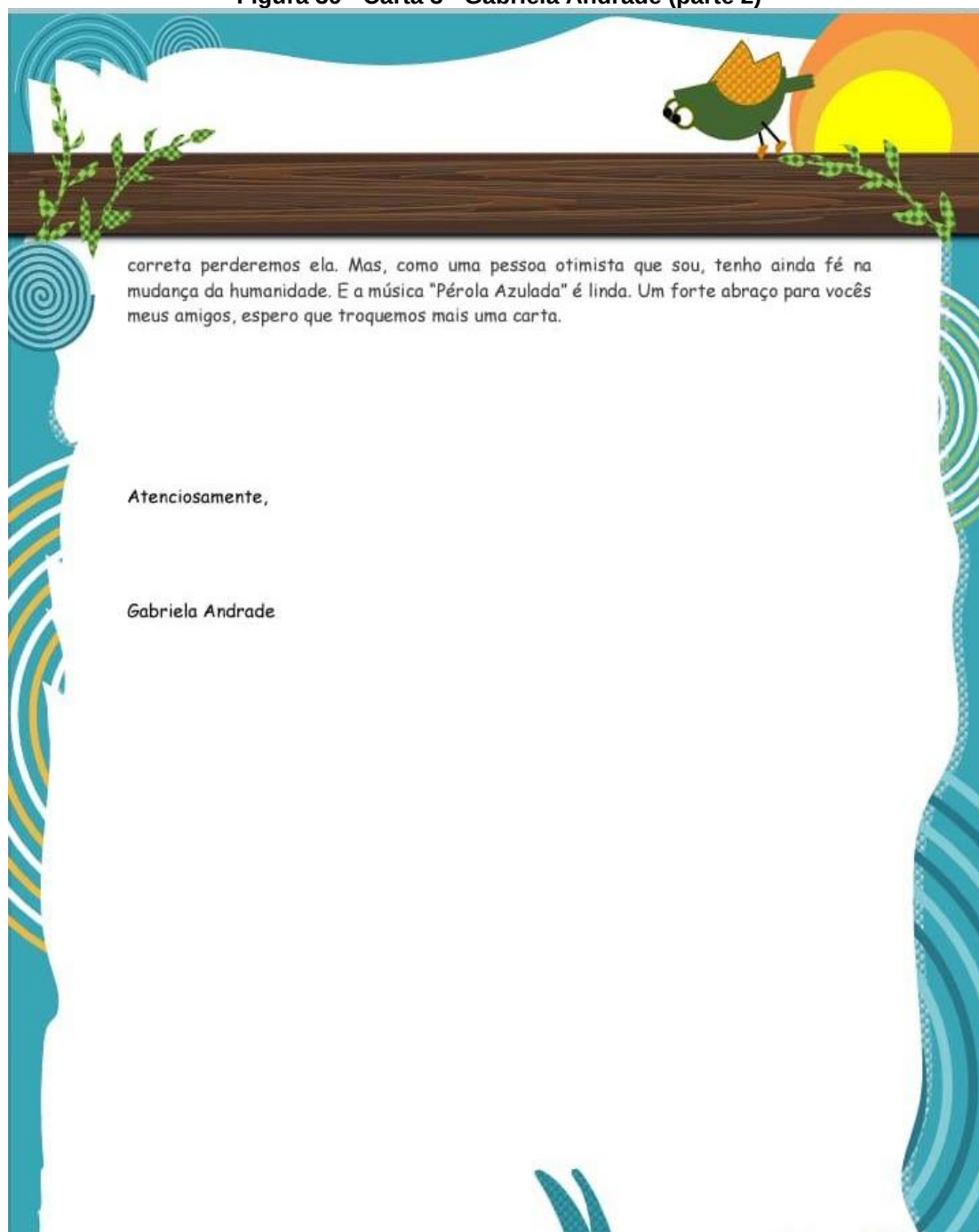
Marcio Ramos

Figura 38 - Carta 3 - Gabriela Andrade (parte 1)



Fonte: a autora.

Figura 39 - Carta 3 - Gabriela Andrade (parte 2)



Fonte: a autora.

A música ao final da terceira carta (Figura 34) demonstra o espírito com que a escrevi. *Pérola azulada* traduz o sentimento de esperança semeado com a mudança dos rumos políticos do Brasil a partir de janeiro de 2023, com a posse de um presidente que respeita nossa terra, a soberania dos povos originários e que fala *mais em livros e menos em armas*. A esperança na mudança de governo foi a tônica da minha terceira carta. Mas, seguindo adiante, a constatação de aspectos comuns

entre nós escreventes como com a Gabriela, sermos filhas de mães solteiras com cinco filhos e os livros, que de certa forma, mudaram nossas vidas. Com o Márcio, os estudos do Marxismo nos unem e como escrevi na carta “estamos juntos na luta por uma sociedade melhor, mais justa e igualitária”.

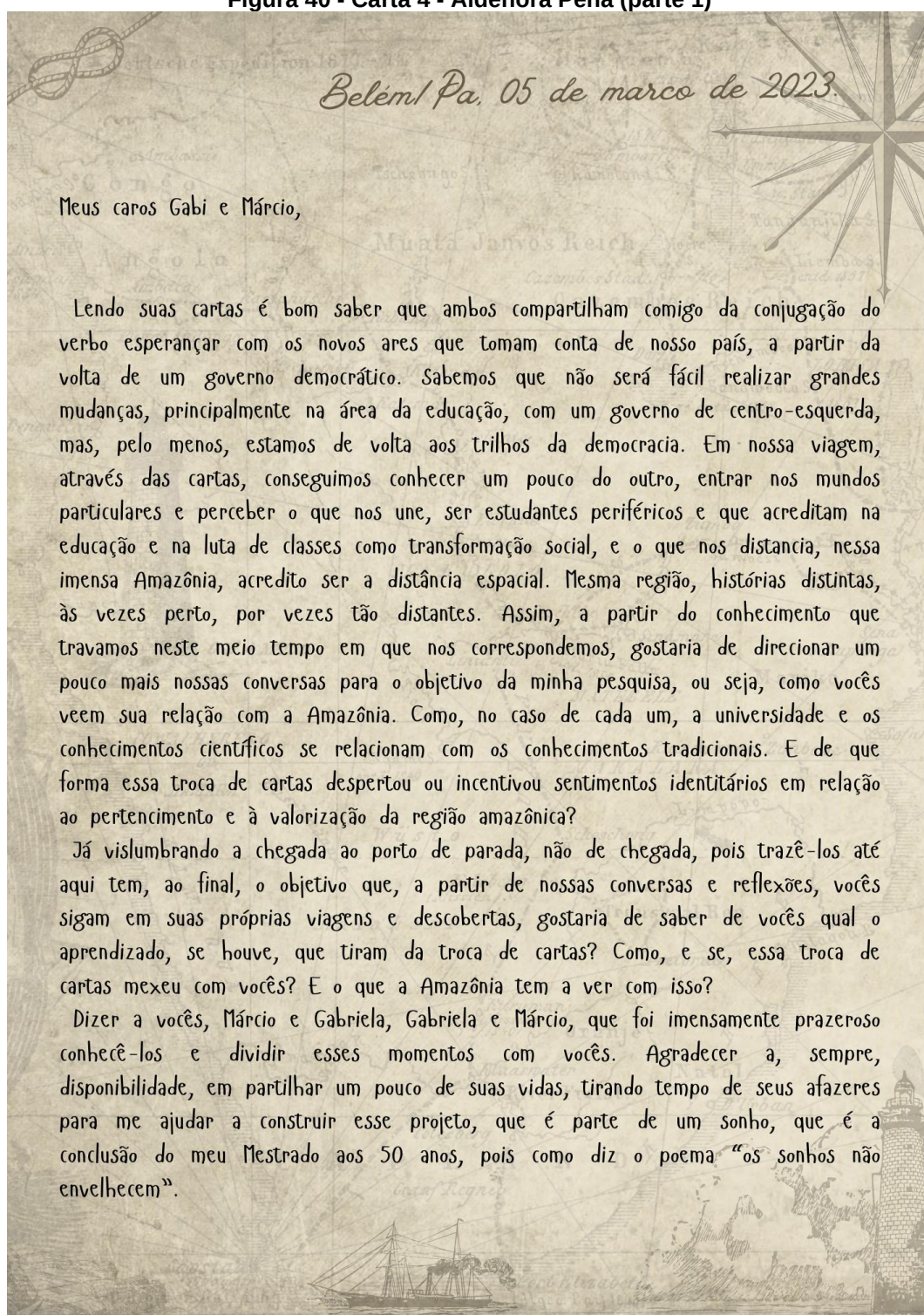
O Márcio fez o compartilhamento de sua esperança em um Brasil melhor com Lula presidente. Em sua fala a chuva abre um novo ciclo de vida para o trabalhador do campo, de que precisa, nesse momento, concentrar-se no plantio. Márcio mantém o encantamento quando relata "retorna ao verde mais intenso das plantas, os pássaros cantam mais alegres e assim continua o ciclo da vida". Sua luta e militância no Movimento Camponês Popular - MCP, retomada após o período pandêmico que fez com que todos nós tivéssemos que nos resguardar, demonstram a esperança em políticas adotadas pelo novo Governo Federal para fortalecer a produção de alimentos no Brasil e a importância das organizações sociais camponesas para contribuir com esse processo. "Comida saudável, dever do Estado, direito do povo e compromisso camponês". O poema esperançoso *Madrugada camponesa*, de Tiago de Melo, fecha a sua carta.

Em sua carta Gabriela, expressa sua alegria em ver o povo representado na posse de Lula. Lembrou-se da presença marcante de Resistência¹⁰, cadela de estimação da primeira-dama Janja. Observou nossas semelhanças e o amor pela Amazônia, se identificando com a origem do campo de Márcio. Comigo, a educação é o que nos une. Sua ligação com a literatura vai além das letras somente. Ler para quem ama, se transforma em uma espécie de militância, como Gabriela está fazendo ao ingressar no clube de leitura *Leia Mulheres* que fala de sua luta em prol do direito das mulheres.

Na terceira troca de cartas a predominância foi a esperança presente em todos nós com a mudança do governo federal, demonstrando a visão progressista que partilhamos em oposição ao negacionismo. A dinâmica da troca das correspondências, nesse estágio, começa a ter um espaço de tempo maior, o que demonstra, a meu ver, que é o momento de organizar as discussões e encaminhar para os desfechos da atividade.

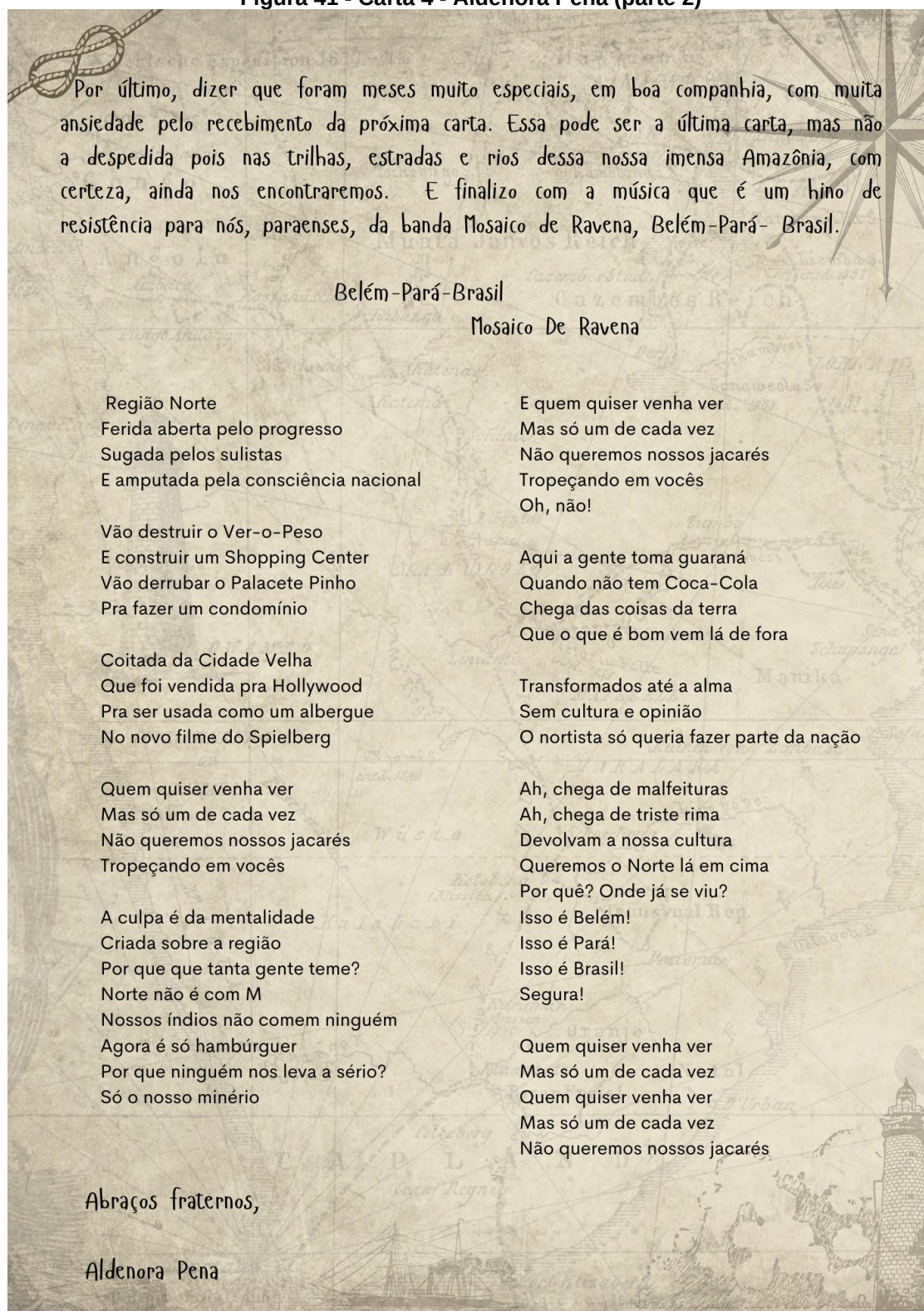
¹⁰ Resistência é a cadela pertencente ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A cadela ficou famosa ao subir a rampa do Palácio do Planalto junto com a primeira-dama, Janja. (N.a)

Figura 40 - Carta 4 - Aldenora Pena (parte 1)



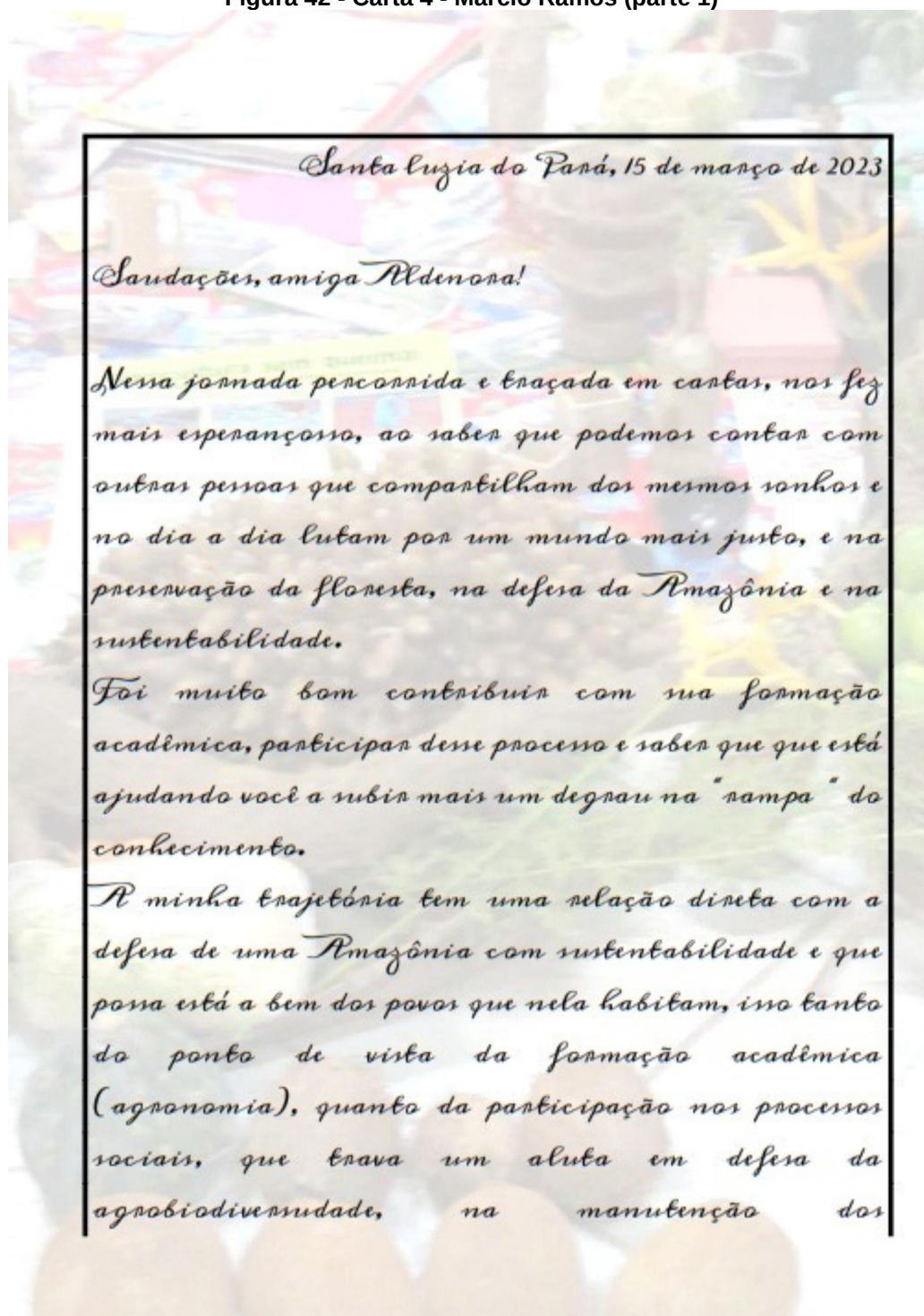
Fonte: a autora.

Figura 41 - Carta 4 - Aldenora Pena (parte 2)



Fonte: a autora.

Figura 42 - Carta 4 - Márcio Ramos (parte 1)



Fonte: a autora.

Figura 43 - Carta 4 - Márcio Ramos (parte 2)

conhecimentos populares e na preservação das sementes nativas.

São processos que requerem somar ou multiplicar informações, conhecimentos, experiências de vida. Mas também lutas, sonhos e esperanças. É o rio da vida que segue e que na soma das águas formam os oceanos, um encontro dos diferentes.

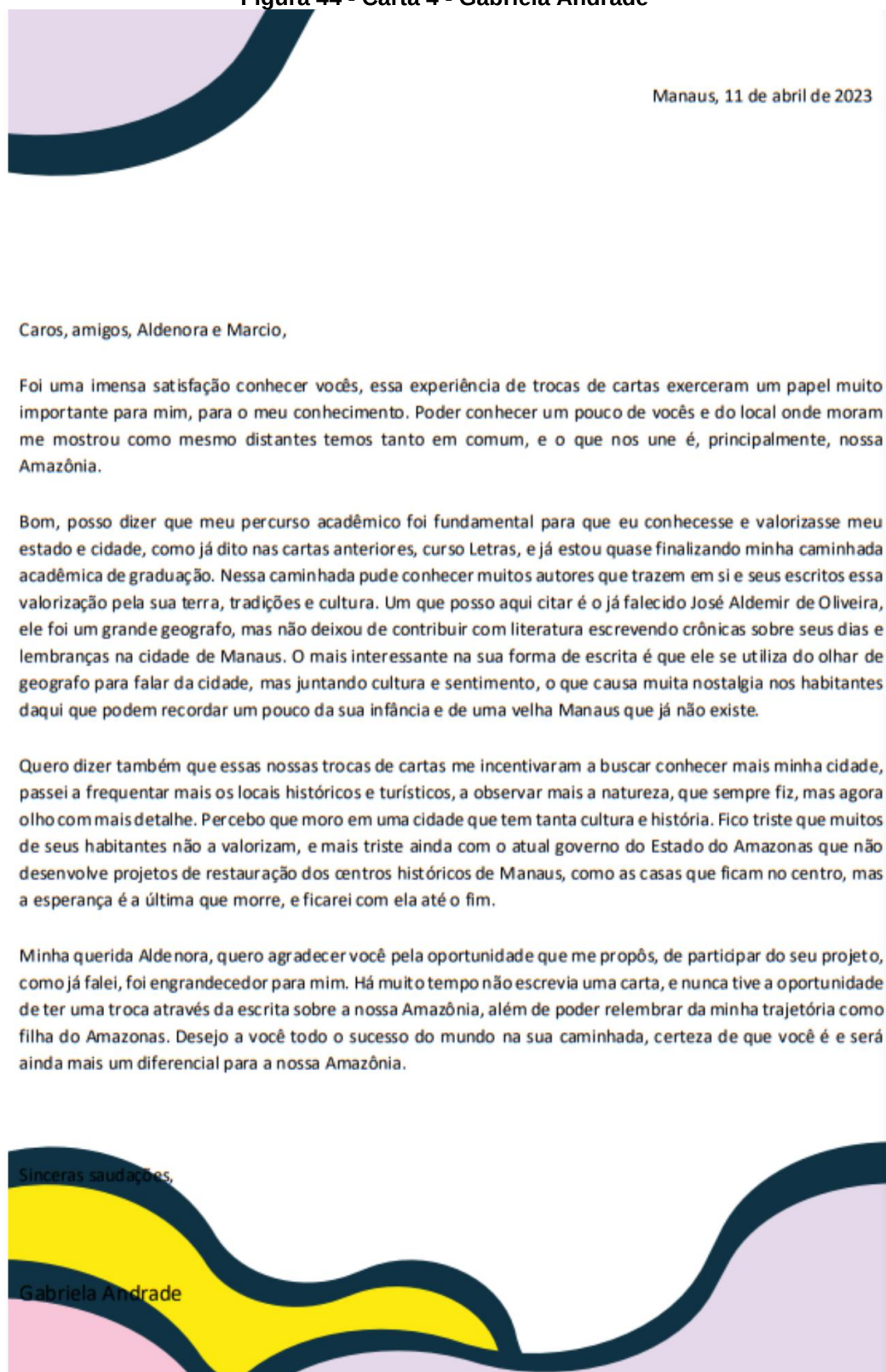
No longo do rio, há os desafios que precisam ser superados, assim somos nós, assim são os processos. É desse modo que acredito ter sido a construção e conquista do seu mestrado. Uma experiência muito boa pode ter contribuído, ao mesmo tempo me ajudou a desenvolver/fazer coisas que antes não tinha feito, como escrever cartas, foi muito bom.

Do mais fica a sensação de um dever cumprido, mas sem dizer terminou. Apenas um "até logo" ou "até a próxima"

Abraços

Márcio Ramos

Figura 44 - Carta 4 - Gabriela Andrade



Fonte: a autora.

Tendo o sentimento de que as conversas desenvolvidas, através das cartas, avançaram em seu intuito, percebendo o que nos une, na quarta carta procurei

orientar a discussão para mais próximo aos objetivos propostos ao Produto Educacional, sugerindo, mais abertamente, que os escreventes-viajantes possam dissertar sobre o que acharam de sua participação, se houve, em sua opinião, aprendizado, e se houve, o que aprenderam. Esta carta, em ritmo de despedida, com agradecimentos pela disposição em participar do processo, em que pese todas suas atividades e compromissos, e me despeço com a música-hino dos paraenses “Belém-Pará-Brasil”, que simboliza nossa resistência em prol de nossa Amazônia.

Na quarta carta de Márcio, este reconhece nos correspondentes, companheiros de luta e de sonhos, tendo a Amazônia como pano de fundo. Reconhece a importância da formação acadêmica e se coloca na mesma posição, entendendo que sua formação em Agronomia, pela Universidade Federal Rural da Amazônia, UFRA, pode contribuir “na defesa de uma Amazônia com sustentabilidade”, lembrando da importância dos conhecimentos das comunidades locais e seu papel para a preservação das sementes nativas.

Gabriela, como eu e Márcio, concluiu como estamos interligados, embora distantes territorialmente, os sentimentos pela Amazônia nos unem. O gosto pela leitura levou Gabriela a se aproximar de autores que valorizam sua cultura, como José Aldemir de Oliveira. “Quero dizer também que essas nossas trocas de cartas me incentivaram a buscar conhecer mais minha cidade, passei a frequentar mais os locais históricos e turísticos, a observar mais a natureza, que sempre fiz, mas agora olho com mais detalhes”. Demonstra que despertamos a valorização de sua identidade.

Na dinâmica de troca de cartas os correspondentes, Gabriela e Márcio, observaram quanto foi diferenciada a atividade com cartas, admitindo que há muito não escreviam uma carta. Assim, pude observar que para despertar o interesse sobre temas, quaisquer que sejam eles, é necessário fomentar o debate, fazer com que haja uma busca em ir além do que está no discurso corrente, aguçar o olhar e a relevância e descobrir-se afetado pelo objeto estudado. Neste caso, estamos tratando da relação identitária com a região amazônica e sua relação com os conhecimentos locais e científicos e fazer com que seus habitantes tenham esse outro olhar é importante para a Amazônia que queremos construir. A última troca de cartas teve um ar de despedida, onde os participantes escreveram sobre quão importante foi participar desta iniciativa. As cartas falam em lutas, sonhos e esperanças e o quanto suas crenças estão ligadas à busca de uma Amazônia

sustentável, construída para e com seu povo. Reconhecendo que a jornada, nesse sentido, é longa e que “São processos que requerem somar ou multiplicar informações, conhecimentos, experiências de vida.” (Carta 4, Márcio Ramos, 2023). O mesmo sentimento demonstrou Gabriela ao escrever “Poder conhecer um pouco de vocês e do local onde moram me mostrou como mesmo distantes temos tanto em comum, e o que nos une é, principalmente, nossa Amazônia.” (Carta 4, Gabriela Andrade, 2023).

3.3 DESPEDIDA, (AUTO)AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM

Antes de falar em despedida, é importante analisar o período de desenvolvimento da troca das correspondências para entender a forma como os escritores-viajantes encararam essa jornada. Como registrado nas cartas anteriores, a troca de cartas ocorreu no período de novembro de 2022 a abril de 2023. Os discentes escreveram, cada um, quatro cartas, sendo estas lidas por todos os escritores-viajantes. Antes do início da atividade, foi realizado, com cada discente separadamente, uma videochamada, devido à distância que nos separa, para detalhar o processo e os objetivos. Além desse esclarecimento, foi enviado aos participantes os materiais que compõem as *Cartas para Amazônia*, onde há o *Kit de Viagem*, com as *Pistas e Percursos*. Abaixo, a Figura 45 com a linha do tempo da periodicidade do envio das cartas.

Figura 45 - Linha do tempo de troca das cartas



Fonte: a autora.

A Figura 45, com os barquinhos de papel, demonstra a jornada que as *Cartas para Amazônia* fizeram, uma longa viagem que durou quase seis meses. Tempo bastante para nos conhecermos e aprendermos muito, um com/sobre o outro, e principalmente, sobre nossa relação com a Amazônia. É importante salientar a receptividade com que os discentes ingressaram nesta jornada, mostrando-se dispostos a contribuir com a pesquisa, mesmo que, no início, com muitas dúvidas sobre a jornada a percorrer, pois embora tenham recebido o *Kit de Viagem* com pistas, não havia um caminho traçado e a cartografia das cartas foi mostrando os rios, riachos e, às vezes, igarapés, de tão estreitos que eram os trajetos a serem navegados.

A viagem, como podemos observar, a princípio, teve um intervalo pequeno (sete dias) entre o envio e o recebimento da primeira rodada de cartas, o que demonstra a ansiedade do viajante em partir e avançar na jornada, querendo saber o que há lá adiante, descobrir na troca com o outro novos horizontes ou, como descobrimos, novas Amazônias. Bem característico dos viajantes, ter pressa, pois quando a jornada promete revelações e aprendizado, e não há um roteiro mostrando o caminho, a partida é urgente.

A segunda rodada de troca de cartas se completou em 14 dias, demonstrando que, após a expectativa da partida, os viajantes já poderiam relaxar, refletir sobre os caminhos percorridos e apreciar a viagem. Se considerarmos as rodadas de troca de cartas como escalas em uma viagem, diria que essa escala durou um pouco mais que a primeira e fez com que os participantes pudessem, após assimilar as informações trocadas, refletir e acomodar, refletindo a teoria de aprendizagem, como afirma Marçal, a partir de Piaget

(...) os atos biológicos são atos de adaptação ao meio e organização do meio ambiente, sempre procurando manter um equilíbrio, ou seja, a organização é inseparável da adaptação, essa que por sua vez é a essência do funcionamento intelectual. A organização é a habilidade do indivíduo de integrar as suas estruturas prévias em sistemas coerentes. [...] a assimilação é o processo pelo qual uma pessoa integra um novo dado perceptual, motor ou conceitual às estruturas cognitivas prévias, e [...] acomodação é toda modificação dos esquemas de assimilação sob a influência de situações exteriores ao quais se aplicam. E [...] equilíbrio trata de um ponto de equilíbrio entre a assimilação e a acomodação. (MARÇAL, 2009, p.01).

Após o primeiro olhar, ou a primeira carta, foi preciso um tempo maior para poder acomodar as informações recebidas assim como a metodologia adotada. A terceira e a quarta rodadas levaram, respectivamente, 35 e 36 dias para se completarem, um período bem maior que o das primeiras cartas. Esse grande espaço de tempo faz com que possamos refletir e considerar que é necessário ter um parâmetro de tempo entre as rodadas de cartas e um prazo limite para a finalização das atividades. Outro aspecto observado, proveniente das anotações do *Diário de Bordo*, é que deve ser encorajado o debate, a reflexão e a busca por novos olhares, sendo esse papel de responsabilidade do discente organizador ou docente responsável pela tutoria da atividade e isso deve ocorrer nas 'escalas' entre as rodadas e trocas de cartas. Após a análise de todo o contexto do desenvolvimento da pesquisa, a sugestão para apresentar, desenvolver e concluir todo o processo deve ser de 60 dias, alcançando, em média, o intervalo de duas semanas entre cada rodada de cartas trocadas.

A despedida e a finalização dessa jornada aconteceram de várias formas. Primeiro, por cartas, onde escrevemos os agradecimentos e um pouco do que aprendemos e nos modificou no caminho. Mas ainda restava completar o processo da Tertúlia, ou seja, realizar o encontro entre os correspondentes para se conhecer e refletir sobre a experiência vivenciada. Como foi a troca, quais ensinamentos e

aprendizagens, avaliando sua participação, como se sentem ao final dessa jornada e que mensagem podem deixar para os futuros escritores-viajantes. Para esse encontro dos escritores-viajantes, distantes territorialmente como estávamos, o possível foi fazer uma reunião virtual.

Assim, a última etapa do desenvolvimento do processo foi a reunião que realizamos dia 10 de maio, via *Google Meet*, às 20h. O objetivo foi agradecer, imensamente, a participação da Gabriela e do Márcio, fazer com que ambos se conhecessem, se não pessoalmente, mas pela tela, e ouvir-nos sobre a experiência vivenciada. O que essa jornada moveu dentro de cada um e como nos afetou. Será que vamos terminar do mesmo modo que começamos? Embora muito tenhamos compartilhado nas cartas, ainda há muito que se dizer. Assim, para não haver suspense, enviei anteriormente à reunião, ao Márcio e a Gabriela, um formulário *Google Forms* (ver Apêndice 2) com dez perguntas sobre o processo, suas impressões e sugestões para que pudessem se orientar e refletir sobre o que trataríamos na reunião.

A primeira pergunta pediu para o participante se identificar. Seguindo em frente, foi perguntado se já havia participado de uma pesquisa acadêmica. O Márcio sim, e a Gabriela não havia participado. O que pode ser interpretado devido à diferença de idade entre ambos, o Márcio, com 40 anos, e a Gabriela, com 25 anos, o que ocasiona uma maior experiência de vida e acadêmica ao Márcio.

A terceira pergunta foi relacionada aos objetivos da pesquisa, se estavam claros no folder do *Mapa de pistas e percursos*, enviado a eles. Ambos responderam que os objetivos foram esclarecidos a partir das explicações dadas pela pesquisadora. Neste caso, entendi que precisava melhorar esse meio de comunicação, que, embora não seja um guia, os escreventes precisariam de um instrumento que melhor comunique as pistas e percursos a seguir. Assim, o primeiro modelo de folder de *Pistas e percursos*¹¹ foi totalmente reelaborado passando a ser um livreto de 16 páginas chamado *Cartas para Amazônia*¹², com apresentação, objetivos, carta-convite, carta-inspiração, Pistas e percursos, cartelas explicativas das pistas e papéis de carta. Essa modificação buscou fazer com que os objetivos

¹¹ Folder de pistas e recursos. Acesse:
<https://drive.google.com/file/d/15FkFemyaU0YmuuJeev64pGAGvOuX2jgy/view?usp=sharing>.

¹² Cartas para Amazônia - Produto Final. Acesse:
<https://drive.google.com/file/d/1qnpPtgKjbT2GloiD8X8SbWEm1vtQk7P3/view?usp=sharing>.

de uso do Produto Educacional fossem mais bem compreendidos pelos futuros usuários, sem a necessidade de explicação da autora.

A quarta pergunta fez referência aos objetivos da pesquisa, se os discentes entendiam que havia sido alcançado. Ambos responderam que sim, que os objetivos foram alcançados. Corroborando com meu entendimento de que ao suscitar a discussão sobre a Amazônia, fazendo que os discentes entendessem o espírito da proposta do Produto Educacional e dissertassem, durante quase seis meses, sobre o tema, aprofundando-se, buscando fazer o exercício de se reconhecer e ver a importância da discussão sobre a Amazônia relacionando-a diretamente ao seu cotidiano e ao seu fazer acadêmico, assim, o objetivo foi alcançado.

Como foi ser convidado a escrever cartas? foi a quinta pergunta. Márcio disse de sua alegria e satisfação em poder participar de uma pesquisa com um tema tão relevante e, inusitado, através de cartas. A Gabriela disse “foi surpreendente, principalmente por ser algo que não é tão comum hoje em dia. Há muito tempo que eu não escrevia cartas”. Esse é um dos objetivos do uso das cartas, fazer com que as pessoas tenham uma primeira estranheza, pois, atualmente, não é usual a utilização de cartas em projetos educacionais. E se refletirmos bem, com exceção do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), onde todos os anos milhões de jovens são convidados a pensar sobre um tema relevante para a sociedade e dissertar em forma redação, qual o outro momento que os jovens são convidados a refletir sobre um tema, a se embrenhar e ser afetado por ele? As *Cartas para Amazônia* fazem isso.

A sexta pergunta trouxe o questionamento sobre como foi ser convidado a escrever sobre suas experiências em relação à Amazônia. Márcio expressou dizendo que “foi um espaço que possibilitou expressar a minha opinião sobre a importância da Amazônia. Um espaço de troca de ideias que se somam.” Já a Gabriela afirmou que “ter a experiência de falar sobre a minha identidade amazônica foi muito importante pra mim, pois foi aí que pude ter um olhar mais detalhista para isso, e me perceber como pertencente a essa cultura maravilhosa”. Observamos na afirmação de Márcio, e suas cartas confirmam tal fato, que este já possui uma forte relação com a região amazônica, fazendo com que a atividade exercida por ele fortaleça suas convicções e demonstre que não está sozinho na luta que trava na localidade em que vive. No caso da Gabriela, participar da pesquisa contribuiu para despertar seu olhar para as riquezas que a região onde mora possuem. Não que ela

não tivesse esse discernimento. No entanto, levantar a discussão sobre sua relação com a Amazônia faz com que se reflita sobre o que está diante dos olhos, mas não se consegue perceber. É preciso estimular a percepção para acender o pertencimento, como afirma Escosteguy (2010)

a identidade é uma busca permanente, está em constante construção, trava relações com o presente e com o passado, tem história e, por isso mesmo, não pode ser fixa, determinada num ponto para sempre, implica movimento. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 148)

A sétima pergunta tratou sobre a dinâmica da troca de cartas, se a quantidade de cartas foi suficiente para desenvolver o debate. Ambos concordaram que a troca de quatro cartas foi suficiente para que o debate surgisse, se desenvolvesse e, com as reflexões, houvesse uma aprendizagem sobre o tema proposto. Quatro cartas refletem os quatro passos ou escalas, relacionando com viagens, que o mapa de pistas e percursos sugerem para a jornada, demonstrando que cada carta conseguiu dar conta de um dos temas relacionados nas *Cartelas de Pistas e Percursos*¹³.

A utilização de Cartas Pedagógicas como metodologia de ensino apresentou-se satisfatória e constituiu a oitava pergunta, ao que um e outro concordaram plenamente com seu uso. Reforçando que Dickmann afirma que “as Cartas pedagógicas têm duas potencialidades, ou seja, devem expressar a capacidade de atingir os aspectos lógicos/rationais e devem tocar o coração das pessoas” (DICKMANN, 2020, p. 45). Neste caso, pelo depoimento nas cartas de Márcio e Gabriela, ambos os objetivos de se escrever cartas pedagógicas foram, grandemente, alcançados.

A nona pergunta buscou sugestões dos participantes sobre possíveis mudanças para melhorar o Produto Educacional. Gabriela respondeu que não mudaria nada, que do modo como foi desenvolvido estava ótimo. Já Márcio propôs direcionar propostas de como organizar as pessoas para solucionar possíveis problemas com relação à Amazônia, identificados nas trocas de cartas. Uma sugestão muito interessante que pode ser incorporada nas orientações durante a troca de cartas e entrará como sugestão nas *Cartelas de Pistas e Percursos*.

¹³ Pista e Percursos. Acesse: <https://drive.google.com/file/d/1I76AyIP6weXd7jbSGu1HglgEOapBxTPF/view?usp=sharing>.

Finalizando, a décima pergunta foi sobre os sentimentos após a experiência de troca de cartas e dos objetivos propostos. Márcio afirmou “considero que consegui atender aos objetivos, que durante o processo foi ficando mais compreensivo”; enquanto Gabriela sintetizou sua resposta na seguinte frase: “hoje me sinto mais próxima da minha cultura e minha história”. As respostas se complementam e demonstram que, ao refletirem sobre seu lugar, sua história de vida, suas vivências e lutas em confluência com o que aprenderam na universidade sinalizam que o objetivo dessa jornada está cada vez mais perto de ser alcançado; pois creio que despertar a reflexão sobre suas relações é o caminho a ser trilhado para implementar mudanças no modo de ver e pensar no futuro da região amazônica. Neste caso, a estrada tem maior significado que o destino.

3.4 AFINAL, AS CARTAS PARA AMAZÔNIA

A jornada está quase chegando ao final. Porém, o fato de termos trilhado todo esse caminho, enfrentando percalços e desbravando paisagens nos empoderou de um conhecimento que podemos colocar em prática para auxiliar os futuros viajantes.

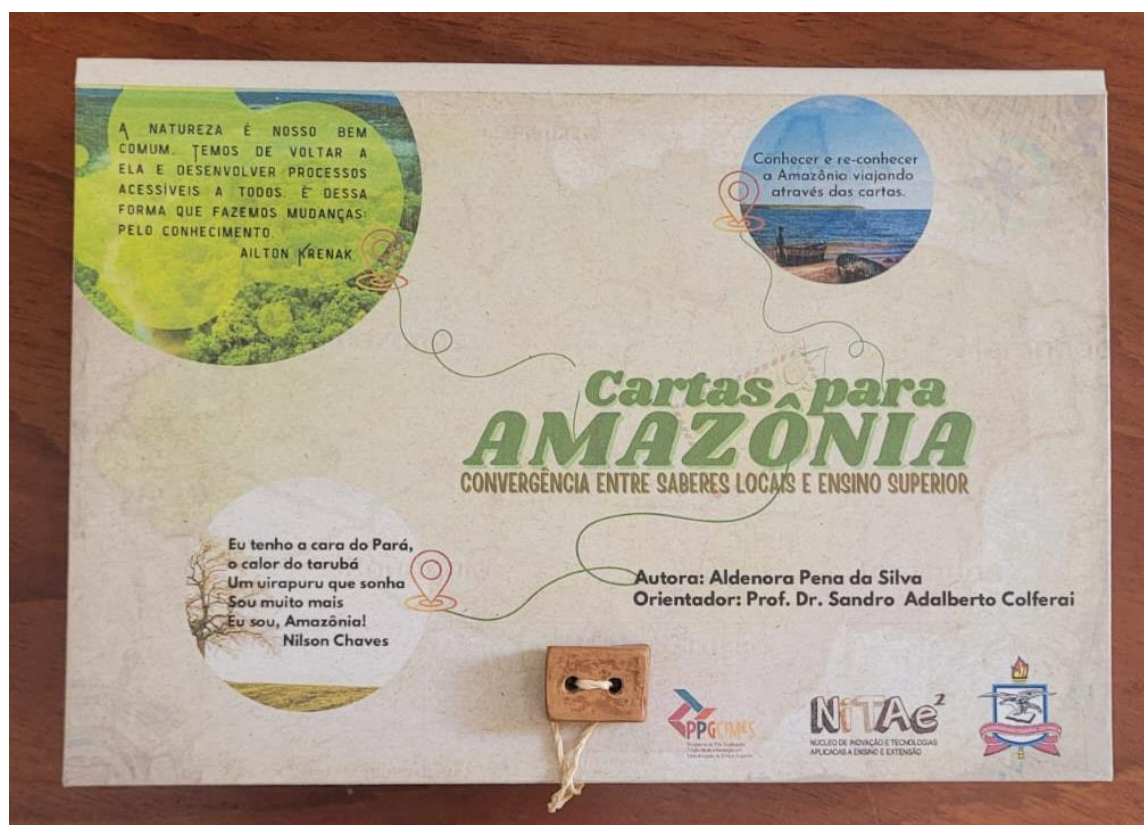
Não dando as respostas ou o mapa completo, esse não é o caso, mas trazendo novas pistas para tornar a jornada dos viajantes mais instigante. Assim, a partir das experiências vivenciadas e das contribuições dos escritores-viajantes, voltei-me para as modificações sugeridas ao Produto Educacional.

Primeiramente, sua apresentação. Uma caixa faria a representação de mala para guardar os valiosos pertences levados na jornada, mas não uma caixa qualquer. Passamos a viagem falando, buscando, fomentando e fortalecendo ações sobre uma Amazônia sustentável; então, a caixa deveria representar essa preocupação trazendo conceitos de sustentabilidade e lembrando que em uma viagem utilizamos bússolas e mapas. Seguindo esses conceitos, após uma extensa pesquisa, consegui encontrar em Belém a empresa denominada Papel da Amazônia¹⁴ que tem sua produção voltada para práticas sustentáveis e fabricação de papel artesanal em fibras naturais, onde a caixa foi confeccionada (Figura 46) em papel reciclado com revestimento da tampa em papel artesanal com 23,5 cm

¹⁴O Papel da Amazônia é uma empresa voltada para práticas sustentáveis, principalmente na fabricação de papel artesanal em fibras naturais. Atuam no ramo institucional e corporativo com a produção de vários itens de papelaria e brindes personalizados, como: camisas, ecobags, agendas, cadernos, blocos, canetas, pastas, caixinhas etc. Oferecem uma variedade de produtos para eventos, como crachás, certificados etc. Também tem a fábrica física onde oferecem uma grande variedade de itens com gravuras assinadas e numeradas, sempre voltados para a cultura regional paraense através de artes assinadas por grandes artistas da terra. (Papel da Amazônia (@papeldaamazonia))

comprimento, 16,5 cm de largura e 4 cm de altura. O *design* da capa foi produzido no programa *Canva Education*, e sugere um mapa estilizado da região amazônica, sobreposto com chamadas que remetem à importância da Amazônia, como a frase de Ailton Krenak (2019), ressaltando a convergência entre natureza e conhecimento, um trecho da música *Amazônia*, do compositor paraense Nilson Chaves e um convite a viajar pela Amazônia através das cartas.

Figura 46 - Caixa do Produto Educacional *Cartas para Amazônia*



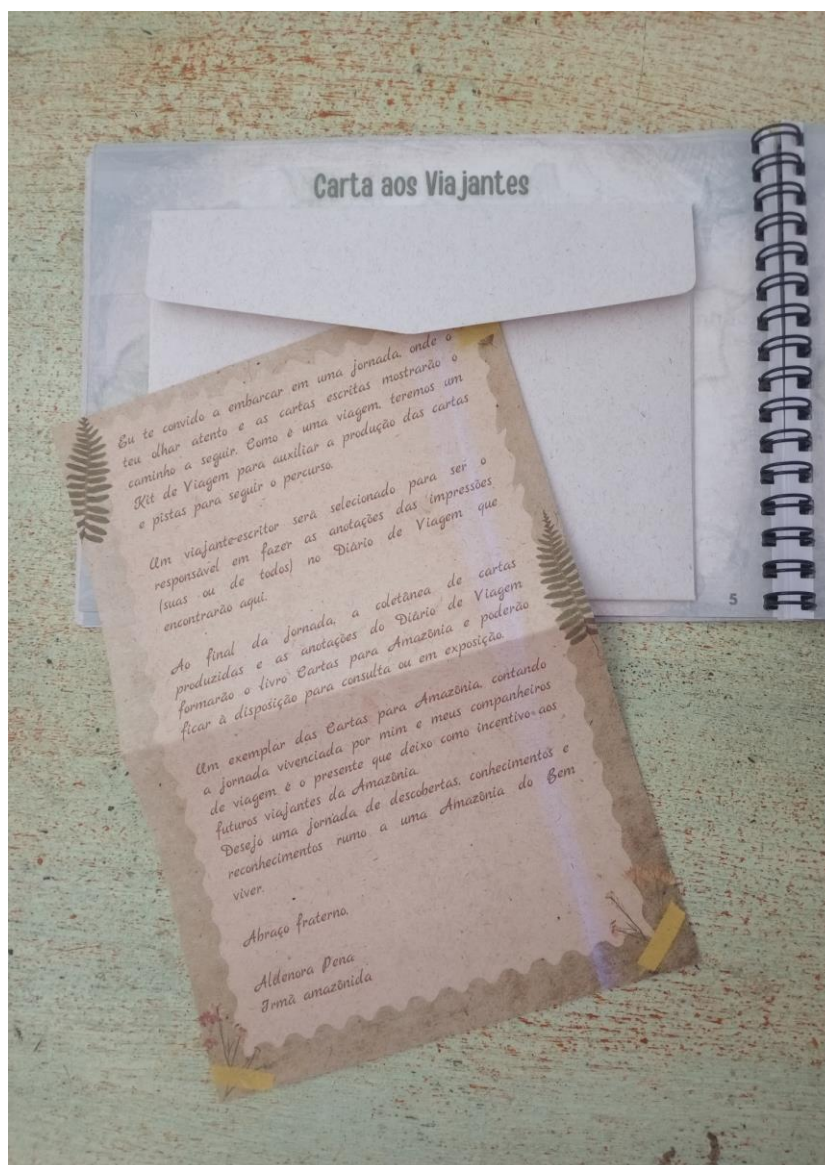
Fonte: Acervo da autora, 2023.

Como componentes de viagem, dentro da caixa, o viajante vai encontrar um livreto de 16 páginas com a capa e contracapa em papel reciclado e seu miolo em papel couchê fosco, contendo apresentação, objetivos, envelopes às cartas aos viajantes (Figura 47), carta-convite (Figura 48), carta-inspiração (Figura 49), pistas e percursos e suas cartelas explicativas, além da sugestão de atividade de conclusão da jornada. A caixa abriga ainda os papéis de carta, industrializados e produzidos artesanalmente pela autora (Figura 50), o *Diário de Viagem: Coletânea de cartas* (Figura 51), que traz o relato, através das cartas trocadas, da experiência vivenciada

por mim, juntamente com o Márcio Ramos e a Gabriela Andrade, o Diário de Bordo (Figura 52) para as anotações da jornada e como bônus.

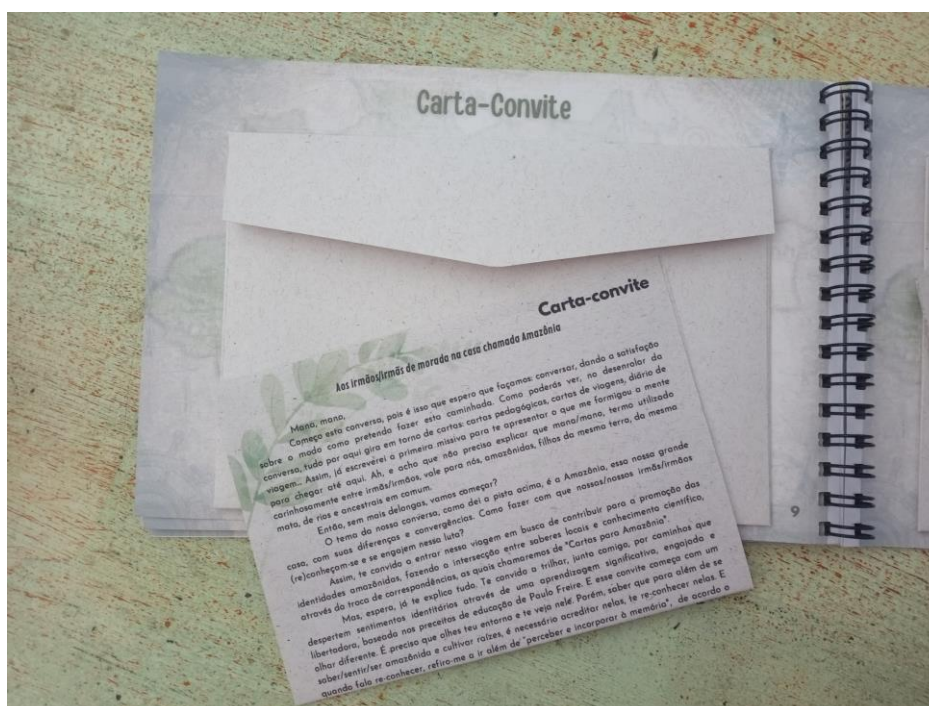
Tudo pronto. É só embarcar.

Figura 47 - Carta aos viajantes



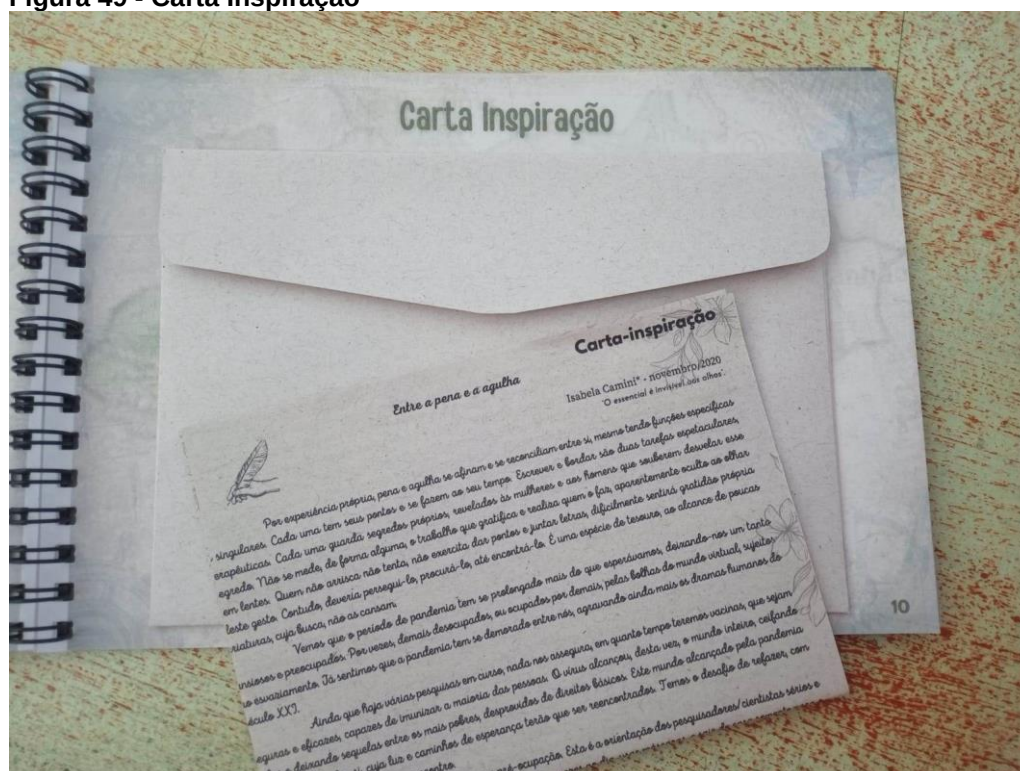
Fonte: Acervo da autora.

Figura 48 - Carta Convite



Fonte: Acervo da autora.

Figura 49 - Carta Inspiração



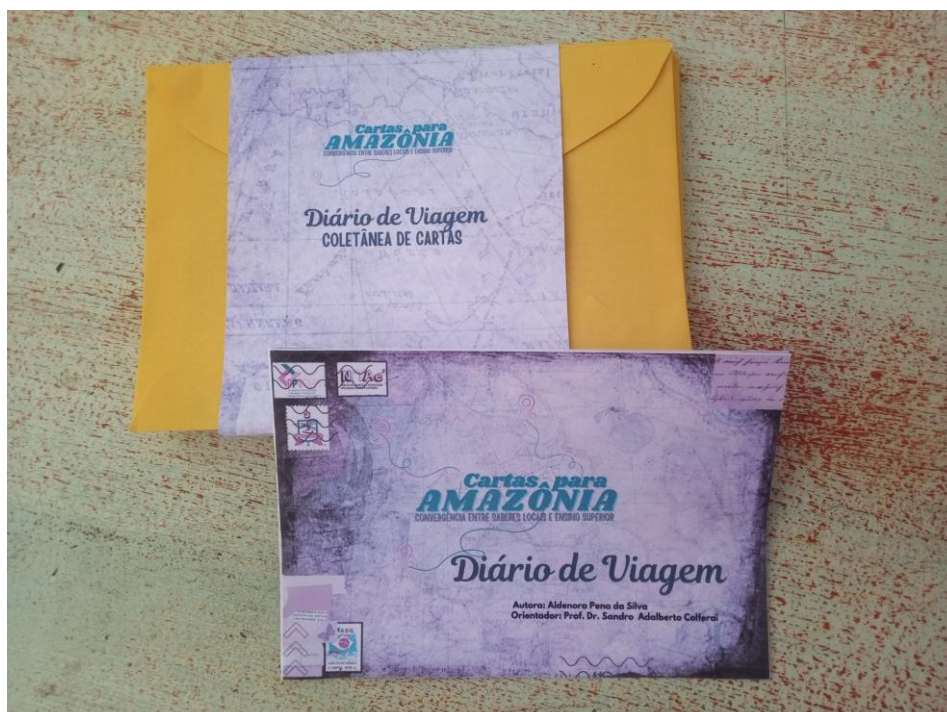
Fonte: Acervo da autora.

Figura 50 - Papéis de carta artesanais produzidos pela autora



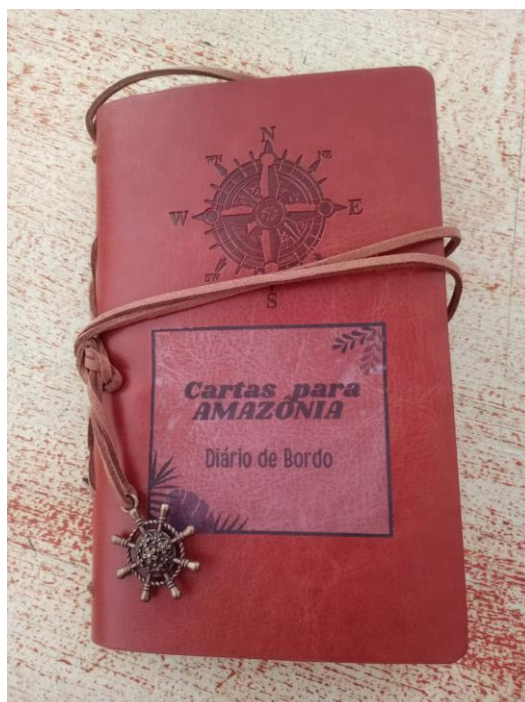
Fonte: Acervo da autora.

Figura 51 - Diário de Viagem - Coletânea de Cartas



Fonte: Acervo da autora.

Figura 52 - Diário de Bordo



Fonte: Fotos da autora.

3.5 NAVEGANDO EM OUTROS RIOS: CARTAS, INTERDISCIPLINARIDADE E AMBIENTES NÃO FORMAIS

As *Cartas para Amazônia*, como o próprio nome diz, falam de Amazônia, buscam trazer para a superfície do debate as várias realidades que habitam essa região e como a Academia se conecta a esse debate. Nesta pesquisa, o objetivo é estimular a reflexão entre irmãs e irmãos amazônidas, buscando despertar sentimentos de valorização identitária. Desse modo, o público-alvo são discentes de cursos de graduação da região amazônica e que vivem a diversidade do mundo amazônico. Refiro-me ao mundo amazônico pois, de fato, a Amazônia deve ser considerada um mundo pela sua pluralidade, pelo seu território, pelos povos que aqui vivem, enfim, por tudo que a região representa.

A intencionalidade desta pesquisa é dialogar com os discentes das graduações das diversas Instituições de Ensino Superior da Região Norte, que como futuros profissionais poderão atuar como fomentadores do debate e do pertencimento em relação à Amazônia. Na Agronomia, ponderar sobre a importância da superação de práticas tradicionais que desmatam e devastam e o desenvolvimento de ações ambientalmente sustentáveis. Na área da Educação, por exemplo, os futuros educadores terão um papel fundamental na formação das novas

gerações e, independente da disciplina que venham a ministrar, poderão inserir em seu planejamento de ensino ações que fomentem a discussão, o pensar, o valorizar, o pertencimento à região e tudo que ela representa (e deve representar) para seu povo. O professor de Matemática poderá trabalhar conceitos de Geometria, exemplificando com as formas vegetais, assim como o artesanato indígena. Em Língua Portuguesa, ao ensinar frases coordenadas, o exemplo pode ser relacionado à região, aos costumes, à cultura, aos povos originários, e não exemplo estéril, sem significado real aos alunos. Na Química, como se formam os elementos que compõem a cerâmica marajoara ou o efeito da tinta retirada do fruto do jenipapo na pintura dos povos indígenas ou, ainda, porque a maniva, folha da mandioca (*Manihot esculenta*), ingrediente base da maniçoba¹⁵ tem que cozinhar durante sete dias para retirar totalmente o ácido cianídrico da folha, por ser altamente tóxico e letal, para poder ser ingerida. Enfim, os exemplos são infinitos quando se trata de relacionar o ensino à valorização da região amazônica.

Como observado acima, o tema amazônico perpassa por uma gama de cenários e pode ser desenvolvido de forma interdisciplinar como preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96.

A Interdisciplinaridade é um termo utilizado para caracterizar a colaboração existente entre as disciplinas diversas ou entre os setores heterogêneos de uma mesma ciência. Caracteriza-se por uma intensa reciprocidade nas trocas, visando um enriquecimento. (FAZENDA, 1993, p. 41)

Assim, a primeira viagem experienciada, através das *Cartas para Amazônia*, não se prendeu em um único curso de graduação, mas trilhou pela diversidade, sendo os discentes que participaram do processo pertencentes às Instituições de Ensino Superior de diversas áreas, como observado na apresentação deles, pertencentes aos cursos de Licenciatura em Letras, Agronomia e Mestrado em Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior. Neste caso, a diversidade dos viajantes contribuiu para a riqueza do processo e o que nos uniu foi o interesse em desenvolver atividades voltadas à região amazônica. Todavia, é relevante que reflexões dessa natureza sejam incentivadas para além das fronteiras da região buscando dialogar a respeito dos direitos dos povos originários da

¹⁵ A maniçoba, popular no Brasil, é uma receita de origem indígena. Popularizada na região Norte do país, a receita tem como principal característica o fato de precisar ter seu principal ingrediente (maniva, a folha de mandioca) cozida por sete dias para que perca seu efeito venenoso. (<https://agro20.com.br/manicoba/>). Acesso em 26 abr. 2022.

Amazônia e da adoção de ações e políticas que visem garantir a proteção de seus direitos, culturas e territórios.

Outro aspecto observado é a abrangência de ambientes a ser empregado. Aqui, a experiência de aplicação das cartas foi para fomentar a reflexão sobre a Amazônia junto a discentes de graduação, ou seja, em um ambiente formal de ensino. Porém, considerando os elementos que constituem o Produto Educacional, e com as devidas adequações, há a possibilidade de aplicabilidade em ambientes não formais, considerando a definição de Gohn (2006, p. 28 e 29) que afirma que a educação formal é desenvolvida nas instituições de ensino, isto é, em escolas, universidades e outros, com um currículo organizado previamente. Já a educação não formal se desenvolve “no mundo da vida”, onde o compartilhamento de experiências atua no aprendizado, principalmente em espaços e atividades coletivas cotidianas, fortalecendo as relações de pertencimento e identidade cultural.

Desse modo, observamos a potencialidade da aplicação da carta podendo ser utilizada em instituições de ensino formal ou não; fomentando a discussão e análise de temas relevantes para um público específico; ou buscando incentivar a prática da leitura e escrita entre crianças e jovens. Com seu caráter adaptável, a carta é um importante instrumento de debate, fortalecimento e transformação social. A nossa viagem, através das cartas, descortinou vários cenários amazônicos aos viajantes ajudando a construir novas paisagens. Qual será a próxima jornada?

Considerações para seguir

O Sal da Terra

Anda!

Quero te dizer nenhum segredo
Falo nesse chão, da nossa casa
Vem que tá na hora de arrumar
Tempo!

Quero viver mais duzentos anos
Quero não ferir meu semelhante
Nem por isso quero me ferir
Vamos precisar de todo mundo
Pra banir do mundo a opressão
Para construir a vida nova
Vamos precisar de muito amor
A felicidade mora ao lado
E quem não é tolo pode ver
A paz na Terra, amor
O pé na terra
A paz na Terra, amor
O sal da—
Terra!

És o mais bonito dos planetas
Tão te maltratando por dinheiro
Tu que és a nave, nossa irmã
Canta!

Leva tua vida em harmonia
E nos alimenta com seus frutos
Tu que és do homem, a maçã
Vamos precisar de todo mundo
Um mais um é sempre mais que dois
Pra melhor juntar as nossas forças
É só repartir melhor o pão
Recriar o paraíso agora
Para merecer quem vem depois
Deixa nascer, o amor
Deixa fluir, o amor
Deixa crescer, o amor
Deixa viver, o amor
O sal da terra

Composição: Beto Guedes (1981)



CRÉDITOS: <https://futurosindigenas.org/2021/06/em-tempos-de-crise-climatica-o-futuro-e-um-territorio-a-defender/>Acesso em 31 de maio de 2023, às 20h15.

Para viajar com a música, clique no QR Code



CONSIDERAÇÕES PARA SEGUIR NA JORNADA

Meus caros companheiros de jornada, depois de tantas aventuras, descobertas e mudanças, é chegado o momento de parar um pouco e refletir sobre os caminhos percorridos, as lições e os aprendizados. Sim, aprendizados, no plural, tantos e tão distintos, que se torna difícil mensurá-los.

Primeiramente, dizer que as Cartas Pedagógicas abrem um novo cenário para mim e para meu caminhar e fazer pedagógico. Quem se sentir no desejo de embarcar, também, nessa jornada, verá o quanto será modificado por elas. Novamente, é preciso lembrar as palavras de Gramsci, em Martín-Barbero (2004), afirmando que “só investigamos de verdade o que nos afeta”, e escrever sobre a Amazônia em cartas é uma ação que nos inquieta e afeta de tal maneira que não há como finalizar essa jornada sem sofrer, no bom sentido, as mudanças do processo.

Não há como vivenciar tal experiência sem ser/ter o afeto mediando as práticas. E os aprendizados foram muitos. Com os escritores-viajantes, percebi a conexão de cada um com seu lugar, sem perder a visão do todo. O entusiasmo, a força de vontade e a juventude de Gabriela ao falar sobre suas relações com os autores, referências do lugar, suas lembranças de infância e como as cartas alargaram seus horizontes ao ampliar seu olhar. Márcio, embora jovem, trouxe-nos experiência no olhar sobre as mazelas e lutas pela Amazônia e como esta o modificou, transformando o enfrentamento da injustiça e desigualdade em seu objetivo de vida, mas não deixando de ver a beleza da vida, e da luta, ao compartilhar conosco o poema de Thiago de Mello, *Madrugada camponesa*.

Em segundo lugar, não ter o trajeto pré-estabelecido, com passos certos a serem dados, torna a viagem uma trilha de descobertas, onde não há caminho certo a seguir, mas ao caminhar podemos “traçar mapas sobre o que é encontrado no território” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 20), além de fazer nosso próprio caminho, levando-nos a um novo patamar de conhecimento e autoconhecimento.

A cartografia nos mostrou como, ao caminhar, podemos traçar nossos próprios mapas, a partir das conexões e relações estabelecidas na jornada. Nesse aspecto, o método cartográfico me levou a entender o processo multifacetado e complexo que ocorre na região amazônica, considerando os aspectos sociais, políticos e culturais, entendendo suas práticas, discursos, representações e instituições, a fim de compreender, ainda, como eles influenciam e são influenciados pelas relações de poder e pelo processo de construção de nossas identidades.

E a descoberta que se fez no caminho não foi seguramente traçado *a priori*, predeterminado. Somente dessa maneira podemos desvelar os olhos e ver as cidades invisíveis que se escondem do olhar desavisado. Em se falando de Amazônia e suas relações, conosco e com o meio, há que se perceber por sua complexidade e dimensão - territorial, cultural e social - que não haveria outro caminho a trilhar, que não os da cartografia.

Afeto, amazonizar, amorosidade e Bem Viver. Termos que, a partir de Martín-Barbero, dos escritos do Sínodo da Amazônia, das escrituras de Paulo Freire e de Ailton Krenak se tornaram basilares nesta viagem, demonstrando que o caminho e o caminhar nos afetam e que para iniciar tal jornada, já havia em mim essa benquerença. É preciso amazonizar nossas ações, fazendo um chamado sobre a importância da preservação da Amazônia, em que não se faça, discuta ou decida “nada sobre nós, sem nós”. Porém, todo esse esforço deve estar permeado de amorosidade, pois assim como “não se pode falar de educação sem amor” (FREIRE, 2004, p. 29), não se pode amar o que não se conhece; e, esse conhecimento deve suscitar a busca de uma convivência em harmonia consigo mesmo, com a natureza, com os seres humanos e com o ser supremo, em uma cosmovisão do Bem Viver.

O desenvolvimento da pesquisa junto a discentes de diferentes realidades geográficas, físicas, culturais, sociais e econômicas demonstrou que há um campo fértil a seguir na discussão de temas relacionados à Amazônia. A relação identitária, trabalhada e discutida, nesta dissertação, busca nos conectar com os saberes locais, fazendo a ligação com o Ensino Superior. O produto educacional *Cartas para Amazônia* trilhou um longo caminho para chegar até aqui.

As cartas, antes “errantes pela Amazônia”, amadureceram e viajaram por longos caminhos da capital do Pará, Belém, aos campos de Santa Luzia do Pará, no nordeste paraense, atravessando florestas e o rio Amazonas até chegar em Manaus (AM), costurando conhecimentos e saberes, traçando relações e fomentando debates sobre o que nos afeta, tornando-se, assim, *Cartas para Amazônia*.

O produto educacional, em sua nova acepção, traz o sentido de que, ao escrevermos sobre nosso relacionamento com a região, estamos falando da Amazônia para a Amazônia, seus habitantes para seus habitantes, de irmão para irmão, em uma conversa que busca uma reverberação que não cessa com a troca das cartas. Assim, a intencionalidade é de que as *Cartas para Amazônia* sejam o fomento da discussão em “contribuir para a promoção e valorização das identidades

amazônidas nos processos de ensino e aprendizagem entre discentes do ensino superior da Região Norte”, inquietação que se transformou na questão-foco deste trabalho e fez com que eu iniciasse essa jornada.

Antes do final da jornada, como que para confirmar a relevância das discussões aqui desenvolvidas, pude participar dos Diálogos Amazônicos, evento que ocorreu em Belém(PA), com representantes da sociedade civil, no período de 04 a 06 de agosto de 2023, cuja culminância se deu através da Carta dos Povos da *Terra*. Nela, propuseram aos governantes uma abordagem conjunta e sustentável para a gestão da Amazônia, tendo em conta a proteção ambiental, o desenvolvimento social e econômico da região sob a visão de seus povos. Dentre as principais propostas, estão: (1) a implementação de políticas públicas e de ações de conservação e preservação ambiental na Amazônia, com ênfase na proteção das áreas protegidas, no combate ao desmatamento ilegal e incentivo à recuperação de áreas degradadas; (2) o desenvolvimento de projetos sustentáveis que promovam a geração de emprego e renda para as comunidades locais, por meio do fortalecimento das cadeias produtivas da região, como o extrativismo sustentável e o turismo de base comunitária; (3) a promoção da inclusão social e o respeito aos direitos dos povos indígenas e comunidades tradicionais da Amazônia, garantindo o reconhecimento e a proteção de seus territórios e modos de vida; (5) o estabelecimento de parcerias entre os governos federal, estaduais e municipais, sociedade civil, setor empresarial e organizações internacionais para promover a cooperação e o compartilhamento de conhecimento e recursos para a gestão da Amazônia; (6) a incorporação da ciência e da tecnologia na tomada de decisões e no planejamento estratégico para a Amazônia, com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável da região; (7) o fortalecimento da governança ambiental na Amazônia, por meio da participação da sociedade civil, dos povos indígenas e das comunidades tradicionais, na definição e implementação de políticas e projetos relacionados à região. Essas propostas visam garantir a proteção da biodiversidade amazônica, a melhoria da qualidade de vida das populações locais e a promoção do desenvolvimento sustentável na região.

E as universidades públicas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento sustentável na Amazônia, por meio das pesquisas científicas para subsidiar políticas públicas e contribuir para a identificação e o monitoramento de problemas ambientais, à análise de impactos socioeconômicos e à busca de

soluções sustentáveis. A formação de profissionais qualificados é outro fator que pode ser considerado na Amazônia, com fins à busca de soluções para os desafios socioambientais. Esses profissionais deverão estar capacitados para desenvolver e implementar projetos, além de contribuir para a gestão dos recursos naturais da região. Como retorno à sociedade, as universidades públicas têm a responsabilidade de promover a extensão universitária e, através desse processo, desenvolver a promoção de ações de educação ambiental, capacitação de comunidades locais e o desenvolvimento de projetos de sustentabilidade, em conjunto com a população da Amazônia, realizando parcerias e cooperação com outras instituições e organizações governamentais e não governamentais, nacionais e internacionais. Essas parcerias permitem a realização de pesquisas e a implementação de projetos conjuntos, que contribuem para o desenvolvimento sustentável. Em suma, as universidades públicas têm um papel essencial na busca dessa transformação. Em seu discurso, durante a Aula Magna de 2021, o professor Cristovam Diniz sintetizou a relação da Universidade Federal do Pará (UFPA) com a região amazônica, ao incentivar os calouros, afirmando:

[...] vão e ensaiem quantas vezes necessárias forem. Revisitem os conselhos, confiem e desconfiem. Acolham os textos dos que vieram antes de nós, mas preservem a ousadia de destruí-los, se os dados apontarem na direção das ideias que investigam. Delineiem as hipóteses, sem se tornarem escravos de suas ideias. Deixem que os fatos falem por si mesmos, ainda que contrariem a beleza de suas hipóteses. Deixem os vossos instrutores de voo lhe verem nos céus a superar os seus limites e a trabalhar por uma sociedade mais justa. (DINIZ, 2021)

Em seus 64 anos de existência, a UFPA vem contribuindo com a produção do conhecimento científico, respeitando as peculiaridades locais, muitas vezes, *bebendo* na fonte dos saberes tradicionais. Essa parceria academia/comunidades tradicionais devem ser respeitadas e solidificadas em prol da construção de uma sociedade sustentável. Porém, para construir essa sociedade há um longo caminho a seguir. Aqui, neste trabalho, busco colocar uma peça nesse alicerce, através das discussões e valorização de conceitos como saberes locais, conhecimento científico e Ensino Superior; e, a partir da prática cotidiana, de identidade cultural, resistência e Amazônia. Essa possibilidade pretende ser construída a partir do Livro, fruto da troca das Cartas para Amazônia que, além de reunir estudantes de várias partes da região amazônica, conectam saberes - tradicionais e científicos - e guiam ao sonho. O sonho que Krenak nos fala. E, assim, como comecei, finalizo com ele.

Quando eu sugeri que falaria do sonho da terra, eu queria comunicar a vocês num lugar uma prática que é percebida em diferentes culturas, em diferentes povos, de reconhecer que essa instituição do sonho não como experiência cotidiana de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia. (KRENAK, 2019, p. 51)

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Quando eu era menino**. Campinas: Papirus, 2003.

AMABILE, Teresa M. **Componential theory of creativity, Working Paper 12-096**, Harvard Business School, 2012.

BARROS, Regina Benevides; BARROS, Eduardo de. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** / orgs. Porto Alegre: Sulina, 2015.

BELTRÃO, Jane Felipe; LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. “Alteridade e consciência histórica: a história indígena em seus próprios termos” In: Beltrão, Jane Felipe; Lacerda, Paula Mendes (Orgs.). **Amazônias em tempos contemporâneos: entre diversidades e adversidades**. Rio de Janeiro, Mórula, 2017.

BRANDÃO, Carlos. Uma carta sobre cartas. In: PAULO, Fernanda; DICKMANN, Ivo (org.). **Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular**. 1a. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 mai. 2022.

_____. **Lei nº 12.711**, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 30 ago. 2012. Seção 1, p. 1.

BUENO, Eduardo. **Brasil: é muita história cinco séculos de um país em construção**. São Paulo: Leya, 2010.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Trad.: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CAMINI, Isabela. **Cartas Pedagógicas - testemunhos de uma vida**. Passo fundo: Saluz, 2022.

CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Cultura da Modernidade**. 4ª edição, São Paulo: Edusp, 2008.

CAPES. **Documento de área: Ensino**. Brasília: 2019.

_____. **Grupo de trabalho Produção Técnica**. Brasília, 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-producao-tecnica-pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES. Disponível em: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em 16 mar. 2022.

CAVALCANTE, Glene Henrique Rodrigues. **Estudo de óleos nativos da Amazônia**

(Babaçu e Andiroba): modificação química, caracterização e avaliação como biolubrificante. 2016. 82 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança.** Movimentos sociais na era da Internet. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COIMBRA, Cecília. **Educação Pelo Diálogo e Para o Diálogo:** O Programa Nacional de Alfabetização no Rio de Janeiro. Trabalho apresentado no Congresso Internacional “Um Olhar Sobre Paulo Freire”, Universidade de Évora, Portugal, de 20 a 23 de setembro de 2000.

COLFERAI, Sandro A; MIRANDA, Fernanda C. Errâncias Cartográficas: Mapeamentos Subjetivos De Caminhos Moveridos Para A Pesquisa Em Comunicação Na Amazônia. **Comunicação & Sociedade**, [S.L.], V. 38, N. 1, P. 25-50, jan/abr 2016. Instituto Metodista De Ensino Superior. Disponível em : <[Http://Dx.Doi.Org/10.15603/2175-7755/Cs.V38n1p25-50](http://Dx.Doi.Org/10.15603/2175-7755/Cs.V38n1p25-50)>. Acesso em 6 mai 2022.

COSTA, Luciano. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV** - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 65-76 - mai./ago.2014.

COSTA, Tony Leão. Carimbó: tradição e modernidade na música ameríndio-afro-cabocla da Amazônia Brasileira. *In*: ARAÚJO, Telmo; COSTA, Tony, SILVA, Jairo. **Amazônia: História, culturas e identidades.** Belém. Ed. Dalcídio Jurandir, 2021. p. 255-286.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs:** do capitalismo à esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000

DICKMANN, Ivanio. As dez características de uma carta pedagógica. *In*: PAULO, Fernanda. DICKMANN, Ivo (org.). **Cartas pedagógicas:** tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. 1a. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020.

EMBRAPA. **Açaí** (*Euterpe oleracea* Mart.). Disponível em: <https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/Oliveira+et+al.%252C+2000_000gbtehkh8902wx5ok07shnq9dunz6i0.pdf>. Acesso em 26 abr 2022.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais:** uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FAZENDA, Ivani (org). **Práticas interdisciplinares na escola.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRA, Ivanilton. **Minidicionário digital da língua de sinais Munduruku.** Orientadora: Arlete Marinho Gonçalves; Coorientadora: Maria Ataíde Malcher. 2021. 154 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) - Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior, Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão, Universidade Federal do Pará, Belém,

2021. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/13594>>. Acesso em 09 de jun. 2023.

FIGUEIREDO, S. J. de L.; BOGÉA, E. . B. Hibridismo cultural e atualização da cultura: o Carimbó do Brasil. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, SP, v. 23, n. 2, p. 81–92, 2015. DOI: 10.20396/resgate.v23i30.8645808. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645808>>. Acesso em 13 abr 2023.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

_____. **Extensão ou comunicação?** 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1994.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Cartas à Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2ª. ed. São Paulo, Paz e Terra, 2015.

_____. **Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 24ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo; SHÖR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 16ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2022.

FREITAS, Ana Lúcia. Carta Pedagógica de Paris: Registros de uma experiência em processo. In: PAULO, Fernanda. DICKMANN, Ivo (org.). **Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular**. 1a. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020.

_____. Fazer a aula com Cartas Pedagógicas: legado de Paulo Freire e experiência de reinvenção no ensino superior. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 11, p. 1-20, 2021.

GALEANO, Eduardo. **Memória do Fogo I: Nascimentos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

HAESBAERT, Rogério. **Regional Global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KING, Martin Luther. **Eu Tenho um Sonho**. 1963. Disponível em: <<https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/mlk2.pdf>> . Acesso em: 9 de junho de 2023.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do Bem Viver**. São Paulo. 2020.

_____. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

_____. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LESSA, Carlos. **A universidade e a pós-modernidade**: o panorama brasileiro. v. 42, n. 1. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0011-52581999000100008>>. Acesso em 01 jun de 2023.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Revista Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR. Acesso em 30 abr 2022.

LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. **Amazônias em tempos contemporâneos**: Entre diversidade e adversidades. ABA publicações. Rio de Janeiro, 2017.

MARÇAL, Vicente E. R. **A Inteligência como Adaptação**: Relação entre Acomodação e assimilação. Disponível em: <<http://vicentemarcal.unir.br/a-inteligencia-como-adaptacaorelacao-entre-acomod>> . Acesso em 29 mai 2023.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A Comunicação na educação**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

_____. **Ofício de Cartógrafo**: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Trad.: Fidelina González. Coleção Comunicação Contemporânea 3, São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MELLO, Alex Fiuza de; ALMEIDA FILHO, Naomar de; RIBEIRO, Renato Janine. Por uma universidade socialmente relevante. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S.l.], v. 4, n. 3, p. 292-302, mar. 2010. ISSN 1809-0354. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/1718>>. Acesso em 07 jun. 2023.

MELLO, Alex Fiúza. **Para construir uma universidade na Amazônia**: realidade e utopia. Belém. EDUFPA, 2007.

MIRANDA, Fernanda Chocron. **Cartografia movente**: uma postura de pesquisa em

comunicação na Amazônia. 2013. 189 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2013. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia.

MORAIS, Vanessa Malheiro. **As fronteiras culturais:** uma experiência de cartografia do patrimônio cultural local, no bairro da Terra Firme - Belém/PA. In: *TRABAJOS seleccionados en la convocatoria de textos Ibercultura Viva 2016: Ibercultura Viva - Ideas de cultura comunitaria*. Medellín: Alcaldía: Sílabas Editores, 2019. 151-173. Disponível em: <https://iberculturaviva.org/wp-content/uploads/2019/10/LibroDigital_Interactivo.pdf>. Acesso em: 18 jun 2023.

NASCIMENTO, Durbens Martins; SANTOS, Myrian Silvana S. C. Ataíde dos; NEVES, Renato Martins. **Regularização fundiária urbana na Amazônia Legal:** morar, conviver, preservar. Belém: NAEA, 2022.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. A dialogicidade na educação de Paulo Freire e na prática do ensino de filosofia com crianças. **Movimento- Revista de Educação**, Niterói, ano 4, n.7, p.228-253, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.Uff.br/revistamovimento/article/view/32633>>. Acesso em 30 abr. 2022.

OLIVEIRA, Márcia. **O Sínodo para a Amazônia e a invenção do verbo amazonizar**. Amazonas atual. 1º de maio de 2019. Disponível em: <<http://www.synod.va/content/sinodo-amazonico/pt/noticias/o-sinodo-para-a-amazonia-e-a-invencao-do-verbo-amazonizar.html>>. Acesso em 26 abr. 2022.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina. Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 4. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo (org.). **Cartas pedagógicas:** tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. 1a. ed. – Chapecó: Livrológia, 2020.

RIZZATTI, Ivanise Maria; MENDONÇA, Andrea Pereira; MATTOS, Francisco; RÔÇAS, Giselle; SILVA, Marcos André B Vaz da; CAVALCANTI, Ricardo Jorge de S; OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues de. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **ACTIO: Docência em Ciências**, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020.

ROCHA, Helena do Socorro Campos da. **Afrofuturismo na Educação:** Criatividade e Inovação para discutir a diversidade etnicorracial. Orientadora: Cristina Lúcia Dias Vaz. 2020. 174 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) - Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior, Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/12992>>. Acesso em 09 jun 2023.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. São Paulo: Ed. Harper Collins, 2018.

SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. Autores Associados. Cortez. Campinas: 2003.

SILVA, Aldenora P. **Educação Patrimonial e Turismo Cultural no Centro Histórico de Belém**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo). Belém-PA: Universidade Federal do Pará, 2007.

_____. **TV Web no Facebook como ferramenta de ensino-aprendizagem e valorização do patrimônio histórico cultural de Icoaraci**. Pré-projeto (Seleção do Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior). Belém-PA: Universidade Federal do Pará, 2021.

SILVA, Marcus; BRITO, Érika. **Cartografia**. 1ª edição. Ed. UECE. Fortaleza, 2019.

SILVA, Marilene. **O Paiz do Amazonas**. 3ª edição. São Paulo: Editora Valer, 2012.

SÍNODO DOS BISPOS. Assembleia especial para a região Pan-Amazônica.

Amazônia: Novos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral.

Instrumentum Laboris, Vaticano, 17 de junho 2019. Disponível em: <

https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_synodo-amazonia_po.html>. Acesso em: 01 de março de 2022.

SOLÓN, Pablo. Bem Viver. **Alternativas sistêmicas**: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. Paulo Solón (Org.) 1ª Ed. Ed. Elefante, São Paulo, 2019.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

THOMPSON. John B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

UNICEF. **Guía metodológica y video de validación de materiales iec**, 2003.

_____. **Semana do Calouro 2021 inicia com Aula Magna do professor Cristovam Diniz (21/06/2023)**. Disponível em: < <https://ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/12728-semana-do-calouro-2021-da-ufpa-inicia-com-aula-magna-do-professor-cristovam-diniz>>. Acesso em 13 de junho de 2023.

VAZ, C; JÚNIOR, E; ROCHA, H. **Cartas de Marear Percursos para uma Aprendizagem Criativa em Matemática e Arte**. 1. Ed. Belém: EditAedi, 2019.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Trad. de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre, Sulina, 2010.

Fontes discográficas e/ou musicais:

BETO GUEDES. **O sal da terra**. álbum contos da Lua Vaga, 1981, EMI-Odeon, LP (3:26min.).

CHICO BUARQUE DE HOLANDA. **Meu caro amigo**. São Paulo: Phonogram: 1976. LP (4:21min.).

JOÃOZINHO GOMES. ZÉ MIGUEL. **Pérola Azulada**. 2002. CD. (5:50 min).
JORGE ARAGÃO. **Papel de pão**. Álbum A meu favor. São Paulo: Gravadora RGE: 1990. LP (4min.).

MARCOS MOURA; PAULINHO DU SAGRADO. **Oração da Terra**. Álbum Boi Garantido, 2021. *YouTube* (3:25min.).

MESTRE DAMASCENO. **Feira do Veropa**. Álbum Encontro D'Água. Belém: Floresta Sonora. 2022. CD (3:26 min.).

NILSON CHAVES. **Tango Amazônico**. Álbum Amazônia. Belém: Outros Brasis: 1990. LP (4:25 min). Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/nilson-chaves/tango-amazonico.html>> Acesso em 16 abr 2022.

Sites:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Biografia Darcy Ribeiro**. (s/d)
<<https://www.academia.org.br/academicos/darcy-ribeiro/biografia>> Acesso em: 22 de abril de 2022.

ALEXANDRIA, Lissa de. G1 PA. **Lenda da cobra grande ressurgue na memória popular durante festividades do Círio de Nazaré**. 30 de set de 2021
<<https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2021/noticia/2021/09/30/lenda-da-cobra-grande-ressurgue-na-memoria-popular-durante-festividades-do-cirio-de-nazare.ghtml>> Acesso em 15 mar 2023.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Foto Marcha de Abertura X Fospa**. Disponível em: <<https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2022/08/Marcha-de-abertura-da-decima-edicao-do-Fospa-28-de-julho-Belem-Para-Foto-Guilherme-Cavalli-scaled.jpg>> Acesso em 11 mai 2023.

CONSULTOR JURÍDICO. **Mulher negra e escravizada é reconhecida como a primeira advogada brasileira**. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2022-nov-26/negra-escravizada-reconhecida-primeira-advogada-pais>> Acesso em 12 dez 2022.

CRUZ JR, Jorge. **Bertha Lutz: A Mulher na Carta da ONU**. APOSTILA DE CINEMA. 14 de mar de 2021. Disponível em :
<<https://apostiladecinema.com.br/bertha-lutz-a-mulher-na-carta-da-onu/>> Acesso em 25 mar 2023.

FACEBOOK. **O Boi Pavulagem nasceu na Praça da República**. 20 de jun de 2018. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/arraigaldopavulagemoficial/photos/o-boi-pavulagem->

nasceu-na-pra%C3%A7a-da-rep%C3%BAblica-o-arrast%C3%A3o-do-pavulagem-%C3%A9-um-convit/1955154267830783/.> Acesso em 10 de abr de 2023.

GLOBO. **Tradição em Belém, 'Arraial do Pavulagem' leva mais de 30 mil pessoas às ruas no 1º dia de arrastão.** Disponível em:

<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2023/06/11/primeiro-arrastao-do-arraial-do-pavulagem-2023-reune-centenas-de-pessoas-em-belem-fotos.ghtml?fbclid=IwAR3oQPPTkUSm_2iTeN_BhbESwls_N9pC0HF-aLJIMqBzIW64iMPia3M8Vbk> Acesso em 18 jun 2023.

GOOGLE. **Dicionário Oxford Languages and Google.** Disponível em:

<<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt-en/>. Dicionário Oxford Languages and Google.> Acesso em 23 mar 2022.

IBGE. **Mapa da Amazônia Legal.** <<https://censoagro2017.ibge.gov.br/>>. Acesso em 20 abr 2022.

_____. **Amazônia Legal.** Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em 13 abr 2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **VER-O-PESO (PA).** 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/828>. Acesso em 19 jun 2023.

LIBERAL COMUNIDADE. **Associação da Terra Firme estimula valorização da cultura popular.** TV LIBERAL, G1. 18 de jun de 2023. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/11709890/>>. Acesso em 19 jun 2023.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Carta da Terra.** (s/d). Disponível em: <<https://antigo.mma.gov.br/educacao-ambiental/pol%C3%ADtica-nacional-de-educ%C3%A7%C3%A3o-ambiental/documentos-referenciais/item/8071-carta-da-terra.html>>. Acesso em 09 mai 2023.

MUSEU VIRTUAL STEVE JOBS. **Os Meios de Comunicação ao longo da História.** Disponível em: <<https://museuvirtualstevejobs.weebly.com/linha-do-tempo-dos-meios-de-comunicaccedilatildeo.html>> Acesso em: 21 jun 2023.

NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** 18 setembro 2020. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/91601-declara%C3%A7%C3%A3o-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em 25/03/2023.

OLIVEIRA, M.S.P.; CARVALHO, J.E.U; NASCIMENTO, W. M. O açaí (*Euterpe Oleracea Mart.*). Jaboticabal: FUNEP, 2000.

RÁDIO UFPA. **Música Mestre Verequete.** Disponível em:

<<http://radio.ufpa.br/index.php/memoria-musical/mestre-verequete/>>. Acesso em 21 jun 23.

REDE JURUENA. X Fórum Social Pan-Amazônico divulga a Declaração Pan-Amazônica de Belém (05/08/2022). Disponível em: <<https://www.redejuruenavivo.com/x-forum-social-pan-amazonico-divulga-a->

declaracao-pan-amazonica-de-belem/>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

SERVIÇOS E INFORMAÇÕES DO BRASIL. **Censo da educação superior mostra aumento de matrículas no ensino a distância**. 23 de out de 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2020/10/censo-da-educacao-superior-mostra-aumento-de-matriculas-no-ensino-a-distancia>> Acesso em 01 jun de 2023.

UFPA. **Regimento Geral da UFPA**. Publicado no Diário Oficial do Estado do Pará em 29/12/2006. Disponível em: www.ufpa.br . Acesso em: 10.12.2022.

_____. **Futuro da Amazônia é discutido em conferência internacional (28/03/2023)**. Disponível em: <<https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/14309-futuro-da-amazonia-e-discutido-em-conferencia-internacional>>. Acesso em 13 de junho de 2023.

VARKEY FOUNDATION. **Prêmio Global Professor**. (s/d) Disponível em: <<https://globalteacherprize.org/news/global-teacher-prize-finalists/2020-finalists-global-teacher-prize/78/78-Lilia-Melo>> Acesso em 17 abr 2023.

APÊNDICE

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ENVIADO AOS PARTICIPANTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar da aplicação do produto educacional “**Cartas para Amazônia**”, que se traduz na troca de Cartas Pedagógicas com intuito de contribuir para a promoção e valorização das identidades amazônidas nos processos de ensino e aprendizagem entre discentes do ensino superior da Região Norte, fruto da pesquisa de mestrado intitulada “Cartas para Amazônia: convergência entre saberes locais e Ensino Superior”. O trabalho está sendo desenvolvido pela discente Aldenora Pena da Silva, sob orientação do Prof. Dr. Sandro Adalberto Colferai, no Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior (PPGCIMES), do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão (NITAE²) da Universidade Federal do Pará (UFPA). O objetivo do trabalho é desenvolver um produto que auxilie discentes de IES da Região Amazônica a perceber e fomentar as intersecções entre Ensino Superior e identidades locais no processo de ensino aprendizagem em cursos de graduação.

Título: Cartas para Amazônia: convergência entre saberes locais e Ensino Superior.

A quem se destina: discentes dos diversos cursos de graduação de Instituições do Ensino Superior da Região Norte, podendo ser adaptado para desenvolvimento de atividades não formais.

Confidencialidade: ao participar deste estudo, você reconhece e concorda que suas respostas e contribuições serão registradas para fins de contribuições para o desenvolvimento do referido trabalho.

Disseminação dos resultados: os resultados deste estudo aparecerão na dissertação final e poderão, ainda, fazer parte de publicações de caráter científico.

No entanto, reiteramos que qualquer tipo de publicação, preservará a identidade dos colaboradores da pesquisa.

Direito de se retirar: a participação é voluntária, você pode decidir não participar a qualquer momento. Você concorda com esses termos?

*Ao preencher e enviar o documento de participação da troca de cartas, seu consentimento livre e esclarecido é implícito e indica que você entende as condições de colaboração neste trabalho, mencionadas acima.

Se você aceitar participar, a dinâmica consiste na troca de Cartas Pedagógicas com outros discentes de Instituições de Ensino Superior sobre suas relações e confluências com a Amazônia, seguindo as devidas orientações dispostas no ***Kit de Viagem*** das ***Cartas para Amazônia***.

Assinatura

APÊNDICE 2 – FORMULÁRIO GOOGLE DE AUTO-AVALIAÇÃO ENVIADO AOS PARTICIPANTES.

Cartas para Amazônia

A participação no processo de troca de cartas foi uma dinâmica para fomentar reflexões em como contribuir para a promoção e valorização das identidades amazônicas nos processos de ensino e aprendizagem entre discentes do ensino superior da Região Norte. As Cartas (Pedagógicas) foram o instrumento metodológico para realizarmos essa pesquisa.

Agora, ao final desse processo, gostaria de saber sua opinião.

Aqui, peço que seja sincero e compartilhe comigo o que achou desse processo.

1. Qual seu nome completo?

2. É a primeira vez que você participa de uma pesquisa acadêmica?

Marcar apenas uma alternativa.

() Sim

() Não

3. Sobre os objetivos da pesquisa. Listados no cabeçalho deste formulário, onde melhor você obteve explicação:

Marcar apenas uma alternativa.

() No folder Mapa de Pistas e Percursos

() Nas conversas com a pesquisadora Aldenora

() Não conseguiu entender

4. Você acha que o objetivo foi alcançado?

Marcar apenas uma alternativa.

() Sim

() Não

() Em parte

5. Como foi ser convidado a escrever cartas?

6. Como foi ser convidado a escrever sobre suas experiências em relação à Amazônia?

7. Sobre a quantidade de cartas trocadas.

Marcar apenas uma alternativa

- () O número de cartas foi insuficiente.
() O número de cartas foi o necessário.

8.Você acha que a utilização de Cartas Pedagógicas é satisfatória como metodologia de ensino?

Marcar apenas uma alternativa

- () *Sim*
() *Não*

9. Se pudesse mudar alguma coisa na dinâmica, o que mudaria?

10. Depois de participar desse processo de troca de cartas, como você se sente em relação aos objetivos propostos?

[illegible]

Cartas para AMAZÔNIA



Produto Educacional

Vídeo de divulgação



https://drive.google.com/file/d/1vjH9c7Ms2rNomhkYYIyRwY3S7DDaXtlr/view?usp=drive_link

a) Cartas para Amazônia



https://drive.google.com/file/d/1shANCG8Gb7T25pggCw4rqnsHLZuGq-3H/view?usp=drive_link

b) Diário de Viagem: Coletânea de Cartas



https://drive.google.com/file/d/1HQR5pv7LWuL6pLL1mgV6qrSQo2xP1bzB/view?usp=drive_link

Autora: Aldenora Pena da Silva
Orientador: Prof. Dr. Sandro Adalberto Colferai

